

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
JORNALISMO

**CAMILA ROMANA ALMEIDA**

**Mídia Ninja:  
Os paradigmas do jornalismo postos em xeque**

RIO DE JANEIRO

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
JORNALISMO

**CAMILA ROMANA ALMEIDA**

**Mídia Ninja:  
Os paradigmas do jornalismo postos em xeque**

Monografia submetida à Banca de Graduação  
como requisito para obtenção do diploma de  
Comunicação Social/ Jornalismo.

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Raquel Paiva de A. Soares**  
**Coorientador: João Paulo Carrera Malerba (MS)**

RIO DE JANEIRO

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**TERMO DE APROVAÇÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Mídia Ninja: Os paradigmas do jornalismo postos em xeque**, elaborada por Camila Romana Almeida.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia ...../...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Raquel Paiva de Araújo Soares  
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação .- UFRJ  
Departamento de Comunicação - UFRJ

Profa. Dra. Cristiane Henriques Costa  
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação .- UFRJ  
Departamento de Comunicação – UFRJ

Profa. Dra. Ilana Strozenberg  
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação .- UFRJ  
Departamento de Comunicação – UFRJ

RIO DE JANEIRO

2013

A447

Almeida, Camila Romana

Mídia Ninja: os paradigmas do jornalismo postos em xeque /  
Camila Romana Almeida. 2013.

88 f.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Raquel Paiva de A. Soares.

Coorientador: Prof<sup>º</sup>. Ms. João Paulo Carrera Malerba.

Monografia (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro,  
Escola de Comunicação, Habilitação Jornalismo, 2013.

1. Jornalismo. 2. Internet. 3. Ativismo. 4. Mídia. I. Soares, Raquel  
Paiva de A. II. Malerba, João Paulo Carrera. III. Universidade Federal  
do Rio de Janeiro. Escola de Comunicação.

CDD: 070.4

## AGRADECIMENTOS

A concretização desta pesquisa está longe de ser apenas o resultado de um esforço individual. Apesar das horas solitárias de leituras, pesquisas e registros em frente ao computador, este trabalho é fruto de um somatório de influências e interferências que direta ou indiretamente foram fundamentais para sua realização. Por isso, é necessário que todas as pessoas envolvidas e lembradas durante esse processo recebam meus agradecimentos, em demonstração da minha gratidão pelo tempo despendido, conhecimento compartilhado ou palavra de conforto e incentivo.

Agradeço à minha família, mãe, pai e irmão, por sempre me encorajarem a enfrentar os desafios com tranquilidade e determinação. Agradeço pelos conselhos, pelo apoio integral e pela constante disponibilidade para ouvir desabaços e até contribuir com reflexões e novas ideias. Agradeço à minha madrinha que, além de sempre apoiar minhas escolhas, esteve de olho nos astros me mostrando os melhores caminhos a seguir e me encorajando a tomar decisões nos momentos mais oportunos. E às minhas primas que, como irmãs mais velhas, me incentivaram contando suas experiências e, muitas vezes, ajudaram a solucionar questões que travavam o andamento desta pesquisa.

Agradeço ao meu amado, companheiro e amigo, Gabriel, que sempre esteve pronto para me ajudar em todas as situações, que muito incentivou para eu não deixasse de cumprir o prazo de entrega deste projeto e foi compreensivo durante todo o tempo que deixei de estar com ele para me dedicar a este trabalho.

Agradeço ao meu grande amigo, ex-chefe e coorientador, João Paulo Malerba, por tantas conversas, que foram, na verdade, grandes aulas, pelas inúmeras ideias sugeridas e esclarecidas, pelas palavras de apoio, pelas risadas provocadas mesmo nas horas de desespero, e pela generosidade em compartilhar muito do seu conhecimento e do seu tempo para acompanhar com dedicação o processo de desenvolvimento deste trabalho.

Não posso deixar de agradecer à professora Raquel Paiva pelos ensinamentos, os incentivos, os puxões de orelha e as conversas que clarearam muitas ideias e me encorajaram a seguir em frente, superando cada etapa deste processo de aprendizagem. Da mesma forma, não poderia deixar de agradecer a todos os professores da Escola de Comunicação da UFRJ com os quais aprendi e que foram fundamentais na minha formação como profissional, no desenvolvimento do meu senso crítico e no amadurecimento da minha visão sobre o mundo. Agradeço, também, às professoras Ivana Bentes e Sylvia Moretzsohn e ao *ninja* Felipe Peçanha pelas entrevistas prontamente concedidas.

Agradeço a todos os meus amigos por serem o meu principal canal de comunicação com o novo, por me mostrarem sempre o quanto cada minuto pode ser divertido e interessante se compartilhado com o outro, por me apontarem sempre uma nova direção e compartilharem comigo as angústias e maravilhas de ser jovem.

Por fim, agradeço a todos os meus colegas de trabalho pelo tanto que me ensinaram e me apoiaram durante este período em que fui estagiária. A preocupação, sempre demonstrada, com o desenvolvimento desta pesquisa, os conselhos e as folgas concedidas foram fundamentais para que esse projeto se concretizasse.

ALMEIDA, Camila Romana. *Mídia Ninja: Os paradigmas do jornalismo postos em xeque*. 2013. Monografia (Graduação em Comunicação social, Habilitação Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Rio de Janeiro, 2013.

## RESUMO

O trabalho propõe uma reflexão sobre os paradigmas tradicionais do jornalismo na era digital e o conseqüente surgimento, a partir da Internet, de novas possibilidades de se consumir, produzir e compartilhar informação. A análise é conduzida pelo foco principal da pesquisa: as transmissões em tempo real realizadas via tecnologia *streaming* pela Mídia Ninja. O coletivo, formado majoritariamente por não jornalistas, se destacou de forma expressiva durante a cobertura das manifestações que irromperam em junho de 2013 nas ruas de diversas cidades do Brasil. Autodefinida como uma iniciativa midialivrista, a Mídia Ninja traz em seu nome as definições “Narrativas Independentes”, “Jornalismo” e “Ação”. Ao defender que suas transmissões subjetivas e feitas em tempo real podem ser consideradas como jornalismo, os *ninjas* colocam em xeque os paradigmas que conduzem esta atividade. Após apontar características do movimento de Mídia Livre, resgatar alguns princípios fundamentais do jornalismo, e analisar certos impactos da internet no processo informativo, este trabalho propõe uma reflexão sobre a relação que existe entre as transmissões feitas pela Mídia Ninja e o jornalismo.

Palavras-chave: Jornalismo. Internet. Ativismo. Mídia.

## ABSTRACT

This work proposes a reflection upon the traditional paradigms of journalism in the digital age and the consequently the growth, since the development of the internet, of new possibilities of consuming, producing and sharing information. The analysis is conducted through the main focus of the research: live transmissions executed by the technology of streaming by Media Ninja. This collective, formed essentially of non-journalists, got significant public highlight as it covered the riots that broke out in June 2013 in the streets of many cities in Brazil. Self-defined as a *midialivrista* initiative, Media Ninja brings in its name the definitions of “Independent narratives”, “Journalism” and “Action”. By defending the idea that their subjective and real-time transmissions can be regarded as journalism, the *ninjas* question the paradigm that conducts this activity. After pointing out the characteristics of the Free Media movement, retracing some of the fundamental principles of journalism and analyzing certain impacts the internet has caused in the informative process, this work proposes a reflection that aims at evaluating the kind of relationship that exists between transmissions produced by Media Ninja and journalism.

Keywords: Journalism. Internet. Activism. Media



## **SUMÁRIO**

- 1 INTRODUÇÃO**
  - 2 APONTAMENTOS CONCEITUAIS E HISTÓRICOS DO MOVIMENTO MIDIALIVRISTA**
    - 2.1 O ativismo no ciberespaço**
    - 2.2 O movimento de Mídia Livre**
  - 3 CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA E CONCEITUAL DO JORNALISMO**
    - 3.1 Conteúdos informativos e o ciberespaço**
    - 3.2 Jornalismo participativo**
  - 4 MÍDIA NINJA: DISCURSO ATIVISTA E TRANSMISSÕES EM TEMPO REAL**
    - 4.1 O meio em que foi idealizada**
    - 4.2 O surgimento da Mídia Ninja**
    - 4.3 A atuação da Mídia Ninja**
  - 5 PERCEPÇÕES SOBRE AS COBERTURAS DA MÍDIA NINJA COMO PRÁTICAS JORNALÍSTICAS**
  - 6 CONCLUSÃO**
- REFERÊNCIAS**
- ANEXO A – Entrevista com Sylvia Moretzsohn**
- ANEXO B – Entrevista com Ivana Bentes**
- ANEXO C – Entrevista com Felipe Peçanha**

## 1 INTRODUÇÃO

Na noite de quarta-feira do dia 31 de julho de 2013, em uma sala de aula na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, cerca de 150 pessoas se reuniram por um motivo em comum: entender quem eram os jovens que estavam transmitindo em tempo real as manifestações que desde junho tomavam conta das ruas do país. Dentre os que ouviam e tiravam dúvidas estavam estudantes, jornalistas, empresários, ativistas, integrantes de coletivos de mídia independente e componentes de partidos políticos. Eufóricos e sem muitas explicações claras sobre como e onde queriam chegar, os integrantes da Mídia Ninja faziam sua primeira apresentação ao público carioca naquele dia. “Não temos respostas. Estamos muito animados com tudo, com o alcance do que estamos fazendo, mas tudo aconteceu de repente e ainda não temos um plano de como funcionará”<sup>1</sup>, afirmavam os integrantes da iniciativa de Mídia Livre que mais havia se destacado nos últimos meses.

A Mídia Ninja conquistou notoriedade durante a cobertura das manifestações que iniciaram em junho de 2013, na cidade de São Paulo, e logo se proliferaram por todo o Brasil. Motivados inicialmente pelo movimento Passe Livre, os protestos mobilizaram milhares de pessoas e provocaram debates em âmbitos políticos, sociais, econômicos e até mesmo no campo da Comunicação Social. Enquanto veículos da mídia tradicional sofriam com eventuais coibições quando tentavam se aproximar das multidões, uma rede colaborativa de jovens equipados com *smartphones* se infiltrava em meio aos manifestantes com o objetivo principal de registrar e comunicar ao vivo aquilo que a grande imprensa não era capaz, ou, a princípio, não fazia questão de alcançar.

As narrativas transmitidas em tempo real pela Mídia Ninja via tecnologia *streaming* surgem no contexto da era digital em que a produção e a troca de informação tornam-se cada vez menos concentradas na medida em que mais pessoas possuem acesso aos meios de produção e compartilhamento. Segundo dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística<sup>2</sup>, o total de brasileiros em contato com a Internet aumentou em 143,8% de 2005 para 2011. No entanto, vale ressaltar que o desenvolvimento, apesar de considerável, ainda é insatisfatório visto que 53,5% dos brasileiros a partir dos dez anos continuam desconectados da rede mundial de computadores.

---

<sup>1</sup> Frases repetidas diversas vezes pelos integrantes da Mídia Ninja presentes na primeira reunião aberta ao público no Rio de Janeiro, acompanhada pela autora.

<sup>2</sup> Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/acessoainternet2011/default.shtm>> Acesso em: 18 nov. 2013.

Ainda assim, a crescente popularização da Internet possibilitou um hiperfluxo e contraprodução de informações em que produtor e consumidor se confundem no mesmo personagem, rompendo com uma lógica unilateral tradicional do processo informativo. Se antes o espaço dedicado às cartas dos leitores era o máximo que um jornal poderia oferecer à contrapartida de opiniões leigas, hoje, a interatividade virou palavra de ordem para qualquer veículo de informação preocupado com sua modernização e sobrevivência.

O público que já foi apresentado às possibilidades de expressividade do ciberespaço não se contenta mais com uma posição de passividade diante dos noticiários. Qualquer cidadão com acesso à Internet interessado em comentar, exaltar, contrariar ou desmistificar uma informação publicada, seja nos meios tradicionais ou na própria rede, encontrará no ciberespaço um local para compartilhar suas opiniões. Não limitada apenas às respostas e contrapartidas, a Internet é também um espaço para a livre criação. Uma vez insatisfeito com a qualidade das notícias publicadas pelas mídias tradicionais, qualquer internauta tem a possibilidade de produzir e compartilhar conteúdos da maneira que achar pertinente. A liberdade de circulação da informação na Internet foi um grande atrativo para movimentos políticos e sociais que viram na rede mundial de computadores um novo território para propagação de ideias e defesa de causas. O ativismo no ciberespaço é também acompanhado pelo surgimento de diversas iniciativas de produção colaborativa de informação identificadas como Jornalismo Participativo.

Ao mesmo tempo em que a liberdade de expressão na Internet apresenta enormes vantagens para a democratização da comunicação, ela também oferece riscos aos leitores desatentos. A livre publicação de conteúdos na rede permite que qualquer tipo de informação seja divulgada e alcance visibilidade, até mesmo as falsas. Por não haver regras ou pré-requisitos para publicação de informações no ciberespaço, não raro se dispensa a apuração, o esclarecimento de fontes e até mesmo a revelação da identidade do autor de determinados conteúdos. Fatores, estes, que desafiam, por exemplo, o princípio de credibilidade valorizado no ideal jornalístico.

Além de estar inserida nesse contexto de criação colaborativa de conteúdos informativos e ativismo na rede, não se pode ignorar que a Mídia Ninja também está conectada a um cenário político internacional de revoltas e manifestações populares que utilizaram a Internet como ferramenta de mobilização e visibilidade. São exemplos destes fatos históricos recentes o conjunto de movimentos populares que derrubaram ditadores de países do Oriente Médio e da região norte da África que se sustentavam há anos no poder, conhecido como Primavera Árabe; o movimento *Occupy*, que mobilizou cidadãos a tomar

conta de praças públicas em diversas cidades do mundo com o princípio de despertar a consciência política e defender causas plurais; o movimento 15-M, que fez com que milhares de pessoas, na Espanha, expressassem sua insatisfação diante da crise mundial e da falta de representatividade política; e as manifestações que desde junho mobilizaram milhares de pessoas a protestarem nas ruas de pelo menos 350 cidades do Brasil<sup>3</sup>. Além de terem sido motivados pelo ativismo na rede, os protestos nacionais também ficaram marcados pela multiplicidade de bandeiras levantadas. Além de melhorias no transporte público, os manifestantes aclamavam por progressos na educação, na saúde, se posicionavam contra o superfaturamento nas obras para a Copa do Mundo e demonstravam inúmeras outras insatisfações referentes principalmente aos serviços públicos.

A Mídia Ninja, identificada como uma iniciativa independente de Mídia Livre, tem como foco principal a transmissão de narrativas subjetivas em tempo real, com ausência de edição, apuração ou checagem prévia de informações. Intervencionistas, os *ninjas*, muitas vezes, além de assumirem a função de noticiar, também são protagonistas dos fatos narrados e raramente revelam sua identidade. Além de sugerir a esperteza e a agilidade dos guerreiros orientais, o nome “Ninja” foi escolhido por ser uma abreviação de Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação. O coletivo subverte os paradigmas do jornalismo no momento em que se autoafirma como tal.

Acho até curioso que ainda é uma dúvida se o que a gente faz é ou não jornalismo. Acho que dá para discutir que tipo de jornalismo a gente faz, a qualidade dele, dá para discutir a relevância dele, mas acho que o fato de ser um grupo organizado, de se colocar como um veículo, de ter uma dedicação diária em transmitir informação da maneira mais crua, da maneira mais honesta, da maneira mais abrangente possível dentro das nossas limitações, eu acredito que é jornalismo sim. (TORTURRA, 2013)<sup>4</sup>

A frase dita ao vivo por Bruno Torturra durante o programa Roda Viva, exibido no dia 5 de agosto de 2013, traz argumentos polêmicos para um debate que ganhou fôlego entre profissionais do jornalismo no segundo semestre deste ano. Apresentado como um dos fundadores da Mídia Ninja, Torturra rebate em sua afirmação uma das principais questões levantadas em torno da grande repercussão das transmissões ninjas: suas narrativas transmitidas em tempo real podem ser consideradas jornalismo?

Entendendo a importância de se refletir sobre as características do jornalismo e o seu papel social nos tempos da era digital, esta pesquisa se debruça sobre o caso da Mídia Ninja.

<sup>3</sup> Disponível em: < <http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/onda-de-protestos-passou-por-353-cidades>>. Acesso em: 19 nov. 2013.

<sup>4</sup> Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=vYgXth8QI8M>> Acesso em: 11 nov. 2013.

A discussão sobre até que ponto as narrativas produzidas pelo coletivo de Mídia Livre podem ser consideradas jornalismo incentivou a revisão dos princípios fundamentais do jornalismo e colocou em questão os paradigmas que ainda regem esta prática. Tendo como recorte as transmissões em tempo real realizadas no período do ápice das manifestações, que vai de junho até agosto de 2013<sup>5</sup>, esta pesquisa irá analisar alguns dos argumentos citados e publicados por especialistas e profissionais da comunicação que se posicionaram no debate desta pauta. Além disso, é também um objetivo deste trabalho localizar a Mídia Ninja em um contexto histórico de ativismo na rede e de Mídia Livre.

O primeiro capítulo tem como objetivo apontar conceitos que definem a Mídia Livre, além de fazer um resgate histórico sobre esse movimento. Tendo como base as ideias dos pensadores Manuel Castells, Pascual Serrano e Henrique Antoun, parte-se de uma breve reflexão sobre o ativismo nos processos de troca de informação na Internet. A utilização da rede mundial de computadores pelo exército Zapatista de Libertação Nacional em 1994 e a criação do Centro de Mídia Independente, motivada pelos protestos que aconteceram durante a III Reunião Ministerial da Organização Mundial do Comércio (OMC), em Seattle nos Estados Unidos da América, dão o foco principal desta análise. Após esta reflexão, o estudo se volta para o movimento de Mídia Livre. Considerando os ensinamentos de Cecília Peruzzo e Raquel Paiva, somados às percepções de Flávia Frossad, apresentam-se algumas considerações sobre as iniciativas de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária que inspiraram a formação do movimento de Mídia Livre, iniciado, em 2008, no I Fórum de Mídia Livre. São apresentados, ainda, aspectos que caracterizam o midialivrismo enquanto movimento de luta pela democratização da comunicação dentro dos contextos da era digital.

Com a intenção de propor reflexões sobre o jornalismo e as influências dos avanços da tecnologia da informação nesta prática, o terceiro capítulo começa com um resgate de conceitos teóricos tradicionais. As teorias do jornalismo expostas pelo pesquisador Nelson Traquina e os ensinamentos de Muniz Sodré sobre a forma da notícia são as principais bases teóricas para a apresentação de questões como a crença em valores de objetividade, credibilidade e o respeito aos critérios de noticiabilidade. Parte-se da análise conceitual sobre o jornalismo para uma exposição sobre os efeitos do desenvolvimento da Internet nos processos informativos. A descentralização da comunicação impulsionada pela popularização da Internet possibilitou o aumento do fluxo de informações e permitiu que qualquer cidadão

---

<sup>5</sup> As transmissões ao vivo produzidas pela Mídia Ninja não se limitam apenas ao tema das manifestações populares. O coletivo também realiza coberturas em tempo real de debates, audiências públicas e acontecimentos políticos e sociais. Além disso, passou a explorar possibilidades como entrevistas, ensaios fotográficos e produções audiovisuais em formato de documentário.

assumisse os papéis de receptor e emissor de conteúdos. Essa transformação refletiu diretamente na maneira de se produzir e consumir informação, além de provocar questionamentos sobre a função do jornalista, principalmente enquanto editor de conteúdos. Pensamentos de autores como Dan Gillmor, Pierre Lévy, Manuel Castells, Heloísa Herscovitz, foram fundamentais para nortear o desenvolvimento destas reflexões que precedem uma análise mais aprofundada sobre as criações participativas no ciberespaço. A ausência de um controle central nos processos de construção da informação é uma das principais características do Jornalismo Participativo, conceito aprofundado no final deste capítulo de acordo com os autores Jorge Rocha e Vivian Belochio

O quarto capítulo se dedica a apresentar o coletivo Mídia Ninja. Foram usadas como fontes de pesquisa reportagens e entrevistas publicadas em revistas, periódicos, sites, blogs e programas de televisão, publicações no *facebook*, entrevista feita com um dos *ninjas* pela autora e acompanhamento das reuniões promovidas no Rio de Janeiro pelos representantes do coletivo. Inicia-se o capítulo com uma breve introdução sobre o coletivo autointitulado como midialivrista, partindo para a apresentação da rede de coletivos Fora do Eixo, apresentada como a instituição responsável pelo desenvolvimento da Mídia Ninja. Explora-se alguns dos principais pontos estruturais da rede, como a Universidade Fora do Eixo, o Banco Fora do Eixo e o núcleo de Mídia Livre, onde, pelo que se conta, o projeto da Pós TV, canal online de transmissões em tempo real via streaming, foi elaborado. A Mídia Ninja é apresentada como um braço audiovisual da Pós TV que iniciou sua atuação em 2012, mas ganhou repercussão nacional com as transmissões direto dos protestos que tomaram as ruas do país a partir de junho de 2013. O final deste capítulo dedica-se a registrar alguns dos momentos de maior notoriedade midiática alcançados pela Mídia Ninja, como a transmissão da queima do *outdoor* da Coca-Cola durante um protesto em São Paulo, a prisão de dois integrantes do coletivo no Rio de Janeiro, a entrevista com o atual prefeito desta cidade, Eduardo Paes e a entrevista concedida ao vivo, em rede nacional, ao programa Roda Viva.

Após a apresentação de estudos sobre a Mídia Livre, o jornalismo e a Mídia Ninja, o quinto capítulo se propõe a reunir algumas das principais argumentações de especialistas e profissionais da comunicação sobre a principal questão que norteia esta pesquisa: as narrativas em tempo real produzidas pela Mídia Ninja podem ser consideradas jornalismo? A maioria dos depoimentos citados foi retirada do portal Observatório da Imprensa, onde a proposição de reflexões sobre este tema ocorreu com maior fôlego. No entanto, depoimentos concedidos à autora e informações retiradas de blogs e entrevistas também foram utilizados para intensificar as argumentações.

Considerando as teorias expostas nos dois primeiros capítulos e as considerações reunidas sobre o tema neste último, pretende-se analisar até que ponto as transmissões em tempo real feitas pela Mídia Ninja podem ser consideradas uma prática jornalística. Além disso, busca-se localizar a atuação do coletivo neste universo histórico de iniciativas populares que se apropriaram das ferramentas jornalísticas como forma de lutar por visibilidade política e participação nos processos comunicacionais.

## **2 APONTAMENTOS CONCEITUAIS E HISTÓRICOS DO MOVIMENTO MIDIALIVRISTA**

O movimento de Mídia Livre surgiu no Brasil em 2008 inserido em um contexto de ampla atuação de iniciativas de produção de conteúdos informativos na defesa do direito à comunicação e demais direitos humanos. O estouro dessas iniciativas, muitas delas já tradicionais na trajetória da Comunicação Comunitária e Alternativa, está diretamente relacionado com a popularização da Internet e a utilização das novas tecnologias da informação como ferramenta de atuação política em defesa de causas sociais.

O desenvolvimento da Internet foi acompanhado de aprimoramentos nas formas de ativismo, que encontrou neste espaço uma nova oportunidade de intensificar a potência de seus discursos e multiplicar suas vozes. Para entender o surgimento do movimento midialivrista no Brasil é importante considerar as influências que o ciberespaço acarretou, de maneira geral, para o campo da comunicação como atuação política.

### **2.1 O ativismo no ciberespaço**

A Internet, desde sua criação, está atrelada à busca pela liberdade e independência em relação às instituições detentoras de poderes e privilégios muitas vezes usados como forma de controle social. O sociólogo Manuel Castells explica que, diferente do que muitos dizem acreditar, a Internet não foi criada com fim de ser instrumento das forças militares norte americanas. A tecnologia, de fato, foi desenvolvida como um programa de investigação militar dos Estados Unidos da América, no entanto, é imediatamente apropriada pela “contracultura radical libertária”.

Não houve aplicação militar da internet. Houve financiamento militar, empregue pelos cientistas nos seus estudos informáticos e na criação de redes tecnológicas. A estes se associou a cultura dos movimentos libertários, contestatários que procuravam nela um instrumento de liberdade e de autonomia face ao Estado e às grandes empresas. (CASTELLS, 2000, p.84)

O jornalista Pascual Serrano coloca que, antes de ser tomada pela grande imprensa, a Internet, já em processo de popularização, foi ocupada primeiramente por iniciativas de comunicação alternativa e independente. Segundo o autor, tais ações se apoderaram da Internet antes mesmo dos meios tradicionais, porque viram o ciberespaço como mais uma possibilidade de driblar a centralização da informação nos grandes veículos. Enquanto para os meios tradicionais a Internet ainda era um espaço economicamente desinteressante, para os



comunicadores da mídia alternativa ela era uma nova oportunidade de ampliar o campo de atuação e ganhar visibilidade.

Os meios de comunicação alternativos começaram a funcionar na internet antes dos grandes jornais, o que era lógico, pois estes já tinham o monopólio da informação de modo que não era interessante para eles ocupar um novo suporte que não era rentável. (SERRANO, 2013, p.145)

Um clássico caso ocorrido no México, em 1994, é citado por Serrano como um dos principais exemplos que confirmam sua afirmação de que os ativistas políticos e os veículos de comunicação alternativa foram os pioneiros na utilização da Internet. Enquanto grandes empresas ainda nem pensavam em se instalar no ciberespaço ou sequer utilizavam conexões à rede mundial de computadores durante sua rotina de trabalho, o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) já se apropriava da Internet como um canal de comunicação. “O Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), com base na selva de Lacandona, no sul do México, enviava pela rede seus comunicados e denúncias para um grupo de jornalistas e ativistas.” (SERRANO, 2013, p.145).

O pesquisador Henrique Antoun, expõe no artigo “Jornalismo e ativismo na hipermídia: em que se pode reconhecer a nova mídia”, que a comparação entre internet e novas mídias baseada apenas em seu fluxo de informações não é suficiente para expressar a potencialidade transformadora dessa nova possibilidade de organização social digital em rede.

Não basta contrapor a Internet às velhas mídias apontando o caráter da comunicação de um para muitos dos antigos meios e o caráter de muitos para muitos do novo. É preciso, ainda, inventar as atividades que façam do novo meio a expressão de uma nova vida. (ANTOUN, 2001, p.138)

O ativismo incentivado pela interatividade e conectividade das redes do ciberespaço é apontado por Antoun (2001, p.138) como o verdadeiro catalisador dos potenciais de transformação dessas novas mídias. “O ativista acredita que a novidade de um meio só ganha expressão através da atividade que se apropria dele e se desenvolve integrando-se a suas novas potencialidades”.

A atuação do Independent Media Center (Centro de Mídia Independente), fundado em 1999 durante a cobertura de protestos contra a Organização Mundial do Comércio na cidade de Seattle, nos Estados Unidos, foi citada por Antoun (2001, p.137) como um exemplo de iniciativa que colocou em prática o ativismo nas novas mídias, provocando transformações no universo do jornalismo. “O resultado de sua cobertura da manifestação mudou os rumos do movimento e do próprio jornalismo”.

Em novembro de 1999, a cidade de Seattle recebeu a III Reunião Ministerial da Organização Mundial do Comércio (OMC), evento que ficou marcado por uma intensa

mobilização popular que posteriormente ficou conhecida como a Batalha de Seattle. Um grupo bastante diversificado de manifestantes, composto de diferentes perfis, como ambientalistas, pacifistas, estudantes e trabalhadores sindicalizados, lotou as ruas da cidade durante a realização da reunião da OMC para protestar contra os “processos antidemocráticos e opacos que regem as agências gestoras do controle do processo de globalização (FMI, BM, FEM, G8 etc)” (ANTOUN, 2001, p.137).

A cobertura do acontecimento feita pela grande imprensa apontava, inicialmente, a medida protecionista americana de subsidiar seus produtos agrícolas como o motivo responsável por mobilizar empresários do campo de todo o mundo a protestarem diante do local em que a reunião acontecia. Nos principais canais de televisão estadunidenses, poucas imagens ilustravam os protestos ao passo em que novas explicações tentavam justificar a sustentabilidade das manifestações. Até o momento em que o prefeito de Seattle decretou estado de emergência na cidade. Antoun ( 2001, p.136) relata que a partir desta determinação, imagens de “latas de lixo queimando, vidraças quebradas e ameaçadoras criaturas mascaradas e vestidas de negro” passaram a ser exibidas nos principais jornais do país, que culpavam uma “minoridade radicalizada de baderneiros” de terem instaurado a desordem na cidade.

Enquanto isso, a rede de comunicação Independent Media Center (IMC) transmitia através de seu portal na internet uma cobertura em tempo real do que acontecia nas manifestações. Suas narrativas evidenciavam novas perspectivas sobre os manifestantes e abriam espaço para que estes expusessem suas reivindicações.

Construído a partir do conceito de mídia sob demanda, o IMC se propunha a fazer uma cobertura minuto a minuto dos acontecimentos ligados à manifestação, usando um democrático sistema de edição aberta (*open-publishing*) e atuando como uma câmara de compensação de informações para jornalistas, recolhendo e disponibilizando, ao mesmo tempo, reportagens, áudios, fotos e vídeos em um regime de copyleft<sup>6</sup> através de seu website. (ANTOUN, 2001, p.137).

A cobertura das manifestações de Seattle produzida pelo IMC atraiu a atenção de um público bastante significativo. Segundo Antoun (2001, 137) “ao final da cobertura o website do centro atingiu a marca de dois milhões de conexões”. Este material foi reconhecido e reproduzido por diversos veículos de comunicação dos Estados Unidos e do mundo, além disso, a própria iniciativa do IMC foi replicada em outras localidades. “Através de uma rede

---

<sup>66</sup> “O termo copyleft foi criado para contrapor-se ao termo copyright que rege o material produzido pela mídia corporativa e regulamenta a propriedade do material pela agência ou veículo garantindo as restrições de reprodução, divulgação e utilização da produção. O termo copyleft permite a livre distribuição e veiculação do material desde que respeitada sua integridade e citada a fonte produtora e a sua autoria.” (ANTOUN, 2001, p. 144).

descentralizada e autônoma, centenas de ativistas da mídia de todo o mundo construíram seus próprios IMC.” (ANTOUN, 2001, p.137).

Antoun (2001, p.139) ressalta que, de uma maneira mais ampla, a comunidade ativista “mergulhou nas entranhas da Internet enquanto novo meio e constituiu através das potências anárquicas e libertárias, trazidas por ela, suas comunidades e suas práticas”. Diante dessa apropriação do ciberespaço, as ferramentas de comunicação disponíveis em rede também passaram a ser utilizadas como canais de expressão e luta. “Resistir tornou-se também inventar os movimentos através dos quais os modos autônomos de viver e governar a própria vida possam ser, ao mesmo tempo, as formas de lutar e se manifestar publicamente” (ANTOUN, 2001, p.139).

## **2.2 O movimento de Mídia Livre**

Assim como em outros pontos do mundo, a atuação da tradicional comunicação popular do Brasil também viveu um momento de reafirmação e potencialização a partir do surgimento da internet. A nova lógica de organização social em rede, em que as trocas de informação se viram descentralizadas e interativas, inaugurou novas possibilidades para o exercício daquela comunicação que vinha lutando por transformações sociais e midiáticas, em defesa de causas como a democratização da informação, a liberdade de expressão e maior pluralidade de vozes nos meios.

A comunicação popular abrange, segundo a pesquisadora Cicilia Peruzzo, iniciativas de comunicação “alternativa, participativa, horizontal, comunitária e dialógica”. (PERUZZO, 2006, p.2). A autora explica que apesar de possuírem vieses que as diferenciam, estas práticas podem ser reunidas sobre o comum adjetivo de populares por serem produções informativas vindas da população marginalizada, que provocam discussões e almejam transformações na ordem política opressora. Apesar de distintas, “o sentido político é o mesmo, ou seja, o fato de tratar-se de uma forma de expressão de segmentos excluídos da população, mas em processo de mobilização visando atingir seus interesses e suprir necessidades de sobrevivência e de participação política”. (PERUZZO, 2006, p.2).

A definição para comunicação popular publicada pelo autor Gilberto Gimenez é apontada por Peruzzo como uma das principais conceituações desta prática. Segundo a autora, para Gimenez a comunicação popular “implica a quebra da lógica da dominação e se dá não a partir de cima, mas a partir do povo, compartilhando dentro do possível seus próprios códigos”. (GIMENEZ apud PERUZZO, 2006, p.3)

Claramente ativista, a comunicação popular se caracteriza por ser um canal de expressão das pautas reivindicadas por movimentos sociais que buscam a efetivação dos direitos democráticos e o fim da desigualdade social pautada nos interesses do capital. Por dar voz às demandas de uma camada da população historicamente excluída, a comunicação popular pode ser entendida como um espaço democrático de participação política. A comunicação popular possui, segundo Peruzzo,

conteúdo crítico-emancipador e reivindicativo e tem o “povo” como protagonista principal, o que a torna um processo democrático e educativo. É um instrumento político das classes subalternas para externar sua concepção de mundo, seu anseio e compromisso na construção de uma sociedade igualitária e socialmente justa. (PERUZZO, 2006, p.4)

Vale ressaltar que a nomenclatura de comunicação alternativa também já foi utilizada para definir “o tipo de imprensa não alinhada à linha da mídia tradicional, então sob a batuta da censura do regime militar no Brasil” (PERUZZO, 2006, p4). A conhecida imprensa alternativa de caráter independente, inovador e contraditório explodiu no Brasil em um contexto político de censura e repressão característico da ditadura militar. O conteúdo de suas produções, fosse ele político ou de humor, representava a contestação de milhares de cidadãos brasileiros diante da cassação dos direitos civis e democráticos vigente naquele regime ditatorial.

Apesar de já haver relatos sobre a existência de publicações que não faziam parte da grande imprensa e apresentavam um conteúdo questionador e de esquerda antes do golpe militar de 1964, foi a partir desta data que os veículos da imprensa alternativa se ploriferaram com força e notoriedade. Os impressos *Opinião*, *O Pasquim* e *Movimento*, foram alguns das principais publicações dentre os cerca de 160 que surgiram na década de 70 no Brasil. (CADERNOS..., 2005).

Com a reabertura política para da democracia, o fenômeno da imprensa alternativa entrou em um processo considerável de desaceleração. Além dos equívocos administrativos, dos problemas com financiamento e dos desentendimentos internos enfrentados pelos veículos alternativos, a grande imprensa, com a liberdade de expressão recuperada, passou a abordar questões que antes eram de exclusividade da imprensa alternativa. Estes fatores foram decisivos para enfraquecer essa corrente midiática.

Ao contrário do conceito de imprensa alternativa, que se distancia do principal ponto que define a comunicação popular, as rotas de comunicações alternativas, participativas e comunitárias se aproximam da ideia central de protagonismo da população economicamente desfavorecida, ainda que se diferenciem em determinados aspectos. Na comunicação

comunitária, por exemplo, o vínculo com o território, com uma determinada comunidade, é tão significativo quanto à origem popular da informação. Raquel Paiva nos ensina que

quanto mais estreita for a relação entre o veículo e os propósitos e objetivos duma comunidade, mais seus membros vão estar envolvidos em sua produção e proporcionalmente maiores serão sua representatividade e reconhecimento como veículo comunitário. (PAIVA, 1998, p. 155)

A insatisfação diante do distanciamento das notícias publicadas pela mídia tradicional em relação à realidade vivida nas comunidades é, segundo Paiva (1998, p. 158), um dos principais fatores que motivam a criação de um novo canal de comunicação que produza conteúdos diferenciados e faça contrapontos em relação às informações divulgadas pela mídia hegemônica. Por isso, a Comunicação Comunitária é também um espaço de livre criação coletiva capaz de resignificar a atuação do receptor no processo informativo, a partir do momento em que valoriza o envolvimento dos atores da comunidade nas produções de seus conteúdos. Entende-se que, na mídia comunitária, a identificação do público local com as pautas é fundamental, por isso, quanto melhor a identidade e as demandas de uma comunidade estiverem representadas, maior será a repercussão deste veículo.

A comunicação comunitária desmistifica a concepção de que apenas o jornalista profissional é capaz de produzir conteúdos informativos. Diferente, por exemplo, da imprensa alternativa dos anos 60 e 70, que absorvia profissionais regulares da comunicação, as mídias comunitárias propõe que qualquer integrante da comunidade seja um comunicador. Esta postura se relaciona com o principal papel social desta iniciativa sem fins lucrativos, que é a mobilização social. Paiva esclarece que “o que permite conceituar um veículo como comunitário não é sua capacidade de prestação de serviço e sim sua proposta, seu objetivo claro de mobilização vinculado ao exercício da cidadania.” (PAIVA, 1998, p. 160)

Apesar das sinuosas diferenças que caracterizam individualmente as iniciativas de comunicação alternativa, comunitária e outras de iniciativa popular, todas elas estão reunidas pela semelhança de pertencerem ao sistema contra-hegemônico da informação. Por se localizarem politicamente no lado oposto ao da grande mídia, a chegada das novas tecnologias de informação impactou de forma positiva grande parte dessas iniciativas que sempre buscaram um espaço para dar visibilidade a camadas sociais marginalizadas e a novos pontos de vista sobre a realidade.

No contexto de disseminação da internet e da ampliação do uso de ferramentas tecnológicas digitais em prol da democratização da informação, surge o conceito da Mídia Livre. “A mídia livre representa uma maneira de intervenção política no campo da comunicação no Brasil. A sua formação é fruto e ao mesmo tempo recebe influência dos

ideais dos movimentos de comunicação popular, comunitários e alternativos, em especial dos acontecimentos do Maio de 1968 francês”. (FROSSAD, 2012, p. 56)

Em junho de 2008, aconteceu na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o I Fórum de Mídia Livre, que tinha como principal objetivo pensar e propor medidas de democratização da comunicação no país que beneficiassem a atuação e a visibilidade dos então autodenominados veículos de Mídia Livre. O evento somou mais de 500 inscrições e reuniu agentes que já trabalhavam tradicionalmente pela democratização da comunicação, como representantes da comunicação popular, alternativa e comunitária, além de novas iniciativas que passaram a utilizar a comunicação como ferramenta de ativismo.<sup>7</sup>

Neste encontro, elaborou-se o “Manifesto da Mídia Livre”<sup>8</sup>, que aponta alguns dos principais pontos defendidos pelos integrantes do movimento que ficou conhecido como *midialivrista*. Este documento “foi assinado por 38 entidades, movimentos e instituições nacionais, 29 entidades, instituições e movimentos regionais, 25 veículos de mídia e 159 pessoas físicas entre jornalistas, estudantes e membros da sociedade civil em geral.” (FROSSAD, 2012, p. 57)

A ampliação da diversidade informativa através da democratização da comunicação, o fim da criminalização de movimentos sociais, o desenvolvimento de uma comunicação informativa e cultural que não privilegie interesses de mercado, a garantia da liberdade de expressão e a promoção de políticas públicas que incentivem a pluralidade no campo da comunicação foram algumas das causas apresentadas como norteadoras deste novo movimento que surgia.

A ampliação do acesso à Internet é também colocada como uma das principais demandas desse movimento que entende o ciberespaço como um local democrático de articulações e atuação política. Segundo diz o manifesto, integrantes do midialivrismo defendem que “a inclusão digital seja tratada com a prioridade que merece e que o investimento nela possibilite o acesso a canais em banda larga a toda a população, para que isso favoreça redes comunitárias (WiFi) e faixas em espectro livre”.<sup>9</sup>

A luta por softwares livres e pela criação colaborativa no ciberespaço, de maneira geral, é também interpretada como uma das principais pautas do movimento midialivrista. O jornalista Renato Rovai afirmou em depoimento durante o II Fórum Mundial de Mídia Livre, que aconteceu em 2009 na cidade de Belém do Pará, que “não é necessário ser de esquerda

---

<sup>7</sup> Informações encontradas no portal do evento disponível em

<<http://forumdemidialivre.blogspot.com.br/search/label/fml2008>> Acesso em: 11 nov. 2013.

<sup>8</sup> Disponível em: < <http://www.forumdemidialivre.org/?tag=manifesto> > Acesso em: 11 nov. 2013.

<sup>9</sup> Disponível em: < <http://www.forumdemidialivre.org/?tag=manifesto> > Acesso em: 11 nov. 2013.

para ser midialivrista, mas é impossível sê-lo sem estar associado à prática do copyleft ou do creative commons<sup>10,11</sup>. Favorável às criações colaborativas, “o termo mídia livre acaba, portanto, por definir formas autônomas de produção de mídia, em que os conteúdos tornam-se propriedade comum (através de mecanismos de licenciamentos públicos, como o Creative Commons)”. (FROSSAD, 2012, p. 58)

Em resposta às demandas do movimento, o Ministério da Cultura lançou o Prêmio Pontos de Mídia Livre, que teve sua primeira versão em 2009 e depois uma segunda em 2010, com o objetivo de “reconhecer, registrar e estimular iniciativas de comunicação que funcionavam fora das grandes corporações midiáticas” (FROSSAD, 2012, p. 57). O Prêmio também foi importante como reconhecimento do próprio movimento e legitimação do termo Mídia Livre para designar diversas iniciativas que seguem princípios de democratização da informação, utilizam novas ferramentas da tecnologia da informação e encaram a comunicação também como forma de atuação política.

---

<sup>10</sup> “Organização sem fins lucrativos, que permite o compartilhamento e o uso da criatividade e do conhecimento através de licenças jurídicas gratuitas”. Disponível em: <<http://creativecommons.org.br/o-que-e-o-cc/>>. Acesso em: 11 nov. 2013.

<sup>11</sup> Disponível em <<http://www.altermundo.org/uma-contribuicao-sobre-o-conceito-de-midia-livre/>>. Acesso em: 11 nov. 2013.

### 3 CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO TEÓRICO E DA SISTEMATIZAÇÃO DO JORNALISMO

Definir o que é jornalismo é uma tarefa de alta complexidade, especialmente após a crescente popularização da internet, que torna possível que qualquer cidadão com domínio das ferramentas digitais produza e divulgue informações. As primeiras teorias que começaram a propor reflexões científicas sobre a prática jornalística surgiram em meados do século XIX. Desde então, questionamentos sobre “o que são as notícias”, “porque elas são como são” e “quais são seus efeitos” foram colocados como temas centrais das pesquisas neste campo do conhecimento. (CASTRO, 2012)

A *teoria do espelho*, inspirada no Positivismo, segundo o teórico Nelson Traquina, trata-se da teoria mais antiga sobre o jornalismo que se propôs a refletir porquê as notícias são como são. Segundo ela, “as notícias são como são porque a realidade assim as determina”. (TRAQUINA, 2005, p. 146). Durante o século XIX, período em que a *teoria do espelho* surgiu, diversos segmentos do conhecimento almejavam a virtude de reproduzir o real assim como a máquina fotográfica, a nova invenção daquela época. E assim não foi diferente com o jornalismo. A *teoria do espelho*, segundo Traquina (2005, p.147), criou o ideal do jornalista como um “observador que relata com equilíbrio e honestidade o que acontece” um “comunicador desinteressado” capaz de transmitir a realidade exatamente como ela é sem assumir posicionamentos ou imprimir subjetividades.

Outros estudos dedicados a sistematizar e definir o jornalismo não definem a prática exatamente como um retrato da realidade, mas sim como uma técnica capaz de conceber um ideal de realidade através de seu principal produto: a notícia. As chamadas *teorias construcionistas* defendem que o jornalismo, através das notícias, se configura como uma forma de construção da realidade e que a neutralidade e a objetividade na maneira de noticiar um fato são impossíveis de serem alcançadas. Essas teorias “contestam a visão de que os jornalistas são observadores passivos e defendem a posição de que, ao contrário, são de fato participantes ativos na construção da realidade” (TRAQUINA, 2005, p.174)

Traquina (2005, p.21) interpreta o jornalismo como um “conjunto de ‘estórias’” e localiza os jornalistas na função de “modernos contadores de ‘estórias’ da sociedade contemporânea”. Segundo o autor, as notícias produzidas a partir do trabalho jornalístico são como “estórias”, contextualizadas com narrativas anteriores, que representam um papel fundamental na construção da realidade. Coerente com o pensamento de Traquina, o pesquisador Muniz Sodré esclarece que “a realidade social dos indivíduos no mundo



contemporâneo é construída por fatos noticiosos, ou seja, de acontecimentos jornalisticamente interpretados”. (SODRÉ, 2001, p. 133).

Qualquer jornal do mundo seria incapaz de divulgar todos os incontáveis fatos<sup>12</sup> que ocorrem diariamente. Além de redundante, seria quase ineficaz em seu objetivo de informar, pois dificilmente um leitor conseguiria assimilar tanta informação ou localizar dentre elas aquelas de maior relevância dentro de um determinado contexto social, político ou econômico. O jornalista teria, portanto, a responsabilidade de definir e selecionar, diante de todo o material bruto que são os acontecimentos do mundo, quais deles possui notoriedade e significância para serem noticiados à comunidade. Jornalistas são os atores sociais responsáveis por definir e construir aquilo que será notícia, tecnologia entendida teoricamente como um “relato jornalístico de acontecimentos tidos como relevantes para a compreensão do cotidiano” (SODRÉ, 2001, p. 132). Assim, o jornalismo acaba assumindo o encargo de construir um ideário de realidade comum à sociedade, ou como diria Sodré (2001, p. 145) “um simulacro de experiência do acontecimento descontínuo”.

A responsabilidade de definir critérios de noticiabilidade e, conseqüentemente, construir um imaginário do real, teoricamente não deve estar alicerçada por decisões arbitrárias, empresariais ou subjetivas. De acordo com Sodré (2001, p. 136), a notícia “resulta de um conjunto de regras de produção, um código que, embora criado e modificado por jornalistas,   capaz de submeter por imperativo técnico os criadores”.

Traquina dedicou-se a analisar estudos teóricos de autores como Johan Galtung, Mari Holmboe Ruge, Richard Ericson, Patricia Baranek, Janet Chan e Mauro Wolf que se empenharam em identificar os “valores-notícia” utilizados pela comunidade jornalística para orientar a seleção de fatos a serem transformados em notícia. A partir desta pesquisa de teor comparativo, o autor listou uma série de critérios que diferenciam, segundo os autores estudados, um fato ordinário daquele noticiável. São eles casos de “morte”, “notoriedade” do ator principal de um determinado fato, a “proximidade” tanto geográfica quanto cultural, a “relevância”, o impacto de um acontecimento para uma comunidade, o teor de “novidade”, o “tempo” no sentido de atualidade, a “notabilidade”, ou seja, o quanto um fato   tangível para o público, o “inesperado”, o “conflito”, a “infração”, o “escândalo”, a “disponibilidade” de se cobrir um acontecimento, o “equilíbrio” frente aos temas que já foram noticiados e a “concorrência”. (TRAQUINA, 2005b)

---

<sup>12</sup> “Sentido corrente de ocorrência ou ser-múltiplo que incide habitualmente sobre o mundo, mas trabalhando por um modo de percepção histórica centrada na atualidade e no imperativo de circulação rápida da informação pública” (SODRÉ, 2001, p.138).

O código que reúne preceitos para a publicação de um fato, além de analisar e definir aspectos de um acontecimento que seriam mais atraentes aos olhos do leitor, também estabelece, segundo Sodré, o “modo de veicular-se ao objeto de interesse”. (SODRÉ, 2001, p. 141). A ideia de assimilar metodologias científicas a fim de garantir a credibilidade dos fatos narrados surgiu nos anos 20 e 30 do século XX, quando os próprios fatos se tornaram questionáveis, devido, entre outros fatores, ao poder da propaganda durante a Primeira Guerra Mundial. O jornalista Walter Lippman (1922) publicou em sua obra *Opinião Pública*, que os jornalistas deveriam “procurar no método científico e nos procedimentos profissionais o antídoto para a subjetividade”. (TRAQUINA, 2005a, p. 149).

Traquina esclarece que o ideal de objetividade no jornalismo, criado no século XX, está muito além de ser apenas o antônimo da subjetividade. Segundo o autor (2005a p.139), trata-se de “uma série de procedimentos que os membros da comunidade interpretativa utilizam para assegurar uma credibilidade como parte não interessada e se protegem contra eventuais críticas ao seu trabalho”. Dentre tantos métodos desenvolvidos para antecipar críticas e questionamentos, de forma que a veracidade das informações noticiadas fosse garantida, destaca-se a estruturação da notícia.

No princípio das definições, a forma noticiosa era literária e os fatos eram apresentados, como explica Sodré (2001, p. 141), em ordem cronológica, “a exemplo de uma pirâmide que se alarga de maneira descendente”. Ao longo dos tempos, a “expansão e consolidação da atividade jornalística como empresa industrial-comercial” (SODRÉ, 2001, p. 141) fez com que as regras relativas ao modo como as notícias deveriam ser construídas passassem por modificações. Com a lógica mercadológica, a retórica literária progressivamente perde sua força, abrindo espaço para uma transformação na forma da notícia, que “passou a hierarquizar os fatos por ordem de sua presumida importância e não pela sucessão” (SODRÉ, 2001, p.141) instituindo-se, assim, o modelo da “pirâmide invertida”. Sodré (2001, p.141) esclarece que “essa pirâmide consiste no centramento do texto noticioso em torno da velha fórmula retórica para a reconstituição de um fato, em detrimento do comentário, das impressões pessoais ou do literatismo”.

A inversão da pirâmide ressalta a característica anunciativa da notícia por priorizar o fato em detrimento da argumentação. Neste formato, a principal informação de uma notícia deve ser apresentada no primeiro parágrafo, respeitando as regras do *lead*, “nome dado pelo jornalismo norte-americano a esse privilegiamento do fato básico que busca responder as perguntas tidas como essenciais (quem, o quê, como, quando, onde e por quê)” (SODRÉ,

2001, p.141). O *lead* sintetiza informações centrais da notícia de maneira sistematizada e adequada ao princípio de objetividade.

As tendências globalizantes do mundo racionalizaram a forma da notícia de maneira que mais informações pudessem ser transmitidas “com um mínimo custo produtivo e de esforço de consumo por parte do leitor” (SODRÉ, 2001, p.145). Sem ignorar a lógica da pirâmide invertida, as notícias passaram a privilegiar frases curtas e objetivas, em um esforço por neutralizar o produto jornalístico. Sodré (2001, p.145) defende que “aos poucos impôs-se uma ‘ tica dos conteúdos’, que rejeita a fabula o, os segredos e a deform o dos fatos”.

As evolu es na tecnologia da informa o fizeram e continuam fazendo transforma es no formato da notícia e na forma de se fazer jornalismo. A publica o de notícias cada vez mais objetivas e menos argumentativas incentivou, por exemplo, um processo de especializa o do jornalismo voltado para públicos exclusivos, o que, segundo Sodré (2001, p.148), gerou “uma divisão de classes culturais no que diz respeito ao consumo da informa o”.

As transforma es hoje como no passado, devem-se às complexas rela es entre as novas tecnologias da informa o e a atividade jornalística, às intera es comunicacionais que levam o texto hegemônico de um medium a provocar mudanças, no outro, e também às pressões do mercado consumidor que incitam o jornalismo a fazer leve e agradável o texto, compatibilizando-o com a atmosfera sedutora do consumo. O caráter mercadológico do texto  , portanto, vetor das mudanças. (SODRÉ, 2001, p.148)

Além de agregar ao processo informativo características que só neste meio seriam possíveis, como a hipertextualidade, interatividade e multimedia, a Internet também apresenta problemas característicos do ciberespaço, como a ameaça   credibilidade. Traquina (2005a) defende que a manuten o da credibilidade exige um trabalho constante de certifica o dos fatos e de avalia o de fontes, condi es difíceis de serem plenamente cumpridas em um meio como a Internet. Para Deuze,

A Internet desafia os ideais profissionais de credibilidade, confiança, objetividade, uma vez que a informa o e as fontes obtidas através da rede mundial de computadores se consideram ser muito imediatas e difíceis de verificar. (DEUZE, 2003, p. 99).

Traquina (2005a, p. 130) define que ser jornalista “também implica a crença numa constela o de valores”, dentre eles estão o rigor, a honestidade, a credibilidade, a objetividade e a liberdade. O jornalismo possui, segundo Traquina, uma estreita liga o com a democracia justamente pela questão da liberdade, e através dela muito se refletiu sobre a fun o social desta prática. O autor define a rela o entre o jornalismo e a democracia como “simbiótica”, pois uma depende da outra para sobreviver. A ideia   de que sem a liberdade de

imprensa não há democracia, ao passo que sem democracia não existe liberdade de imprensa. (TRAQUINA, 2005a)

Traquina (2005a, p.48) aponta que para os teóricos da *teoria democrática*, os jornalistas deveriam exercer as funções do “Quarto poder”, o que implica em serem: “portavozes da opinião pública, dando expressão às diferentes vozes no interior da sociedade que deveriam ser tidas em conta pelo governo” e “vigilantes do poder político que protege os cidadãos contra os abusos (históricos) dos governantes”. Por isso, Traquina (2005a, p.131) ressalta a importância da “independência e autonomia dos profissionais em relação aos outros agentes sociais”.

Outras teorias surgiram após os anos 70 contestando todo o conceito teórico que se havia estabelecido sobre o jornalismo até então. Segundo Traquina (2005a p.163), neste novo momento “o estudos sobre o jornalismo debruçam-se sobre as implicações políticas e sociais da atividade jornalística, o papel social das notícias, e a capacidade do Quarto Poder em corresponder às enormes expectativas em si depositadas”. As *teorias de ação política* questionam, por exemplo, este ideal romântico de que o jornalista é um herói da democracia e acusam que as notícias são produtos de interesses políticos e os jornalistas subordinados ao capitalismo. “Essas teorias defendem a posição de que as notícias são distorções sistemáticas que servem os interesses políticos de certos agentes sociais bem específicos”. (TRAQUINA, 2005a p.163)

Apesar das inúmeras contestações teóricas que surgiram nos anos 70, é notório que os conceitos de imparcialidade e objetividade jornalística se sustentem até hoje, pelo menos, no imaginário do jornalismo tradicional contemporâneo. No Manual de Redação da Folha de São Paulo, publicado em 2010, fica claro que o veículo ainda reconhece a neutralidade como um fator teoricamente essencial na garantia de credibilidade quando neste afirma-se que “a busca de objetividade jornalística e o distanciamento crítico são fundamentais para garantir a lucidez quanto ao fato e seus desdobramentos concretos” (MANUAL..., 2010, p. 22).

No entanto, a forma de se noticiar, mesmo nos veículos mais tradicionais, tem passado por grandes transformações incentivadas pelas Novas Tecnologias de Informação e Comunicação. Inovações na maneira de produzir, acessar e interagir com a notícia no ciberespaço refletiram no jornalismo provocando transformações na lógica de produção e divulgação de informação.

### 3.1 Conteúdos informativos e o ciberespaço

A internet é um amplo território que possibilita o compartilhamento de ideias, conteúdos e informações ao mesmo tempo em que aproxima pessoas virtualmente e promove encontros na rede. Esta ferramenta provocou grandes impactos e transformações na maneira de interagir, construir e pensar o mundo. A disseminação de informação, antes hegemônica pelos principais veículos de comunicação, se tornou descentralizada, difusa e plural.

Dan Gillmor, autor do projeto *Grassroots Media Inc.*, que tem o objetivo trazer mais vozes para o jornalismo, explica, em palestra realizada em 2005 na Universidade da Michigan, que se antes a comunicação partia de um veículo para muitas pessoas, hoje, a informação circula de “muitos para muitos”<sup>13</sup>. Com a internet e seus espaços de compartilhamento de conteúdos, a compreensão de eventos ganhou pluralidade de versões que podem a todo tempo serem contestadas ou comprovadas, o que, para Gillmor, coloca diante do cidadão e da mídia uma nova maneira de pensar o jornalismo e a notícia.

O ciberespaço, no entendimento do filósofo Pierre Lévy (1995 p. 129), “trata-se de um objeto comum, dinâmico, construído, ou pelo menos alimentado, por todos os que o utilizam”. O ambiente virtual da internet sugere, portanto, uma horizontalidade entre seus usuários e uma necessidade de ações colaborativas para sua concepção e aprimoramento. As criações coletivas em rede e a promoção do diálogo entre conteúdos e pessoas, foram benefícios trazidos pelo ciberespaço que incentivaram a proliferação da troca contínua de informação, produção de materiais informativos e a conexão de pensadores. Diferente do meio televisivo, por exemplo, que estimulam a passividade e o isolamento.

O ciberespaço oferece objetos que rolam entre grupos, memórias compartilhadas, hipertextos comunitários para a constituição de coletivos inteligentes. Deve-se distingui-lo, em primeiro lugar da televisão, que não cessa de designar poderosos ou vítimas a massas de indivíduos separados e impotentes. (LÉVY, 1995 p. 129)

A multiplicidade de fontes e informações disponíveis em rede atualizadas em tempo real e as infinitas maneiras possíveis de se transmitir uma mensagem na internet provocaram uma verdadeira revolução no mundo das comunicações. No entendimento do sociólogo espanhol, Manuel Castells (2000, p.94), “a internet está revolucionando a comunicação pela sua capacidade de curto-circuitar os mídia”. Ao mesmo tempo em que incentiva a criação

---

<sup>13</sup>.Disponível em < <http://www.nieman.harvard.edu/reports/article/100559/Where-Citizens-and-Journalists-Intersect.aspx>> Acesso em: 12 set. 2013.

colaborativa, o ciberespaço oferece ao cidadão autonomia para pesquisar e divulgar conteúdos de forma individualizada, personalizada.

O fato de ser uma comunicação horizontal, de cidadão para cidadão, permite-me criar o meu próprio sistema, fazer minhas próprias escolhas e comunicá-las. Pela primeira vez há uma capacidade de comunicação de massas não mediatizada pelos meios de comunicação de massas. (CASTELLS, 2000, p.94)

O papel de determinar e selecionar em meio a tantas notícias aquelas que são relevantes à leitura é possível de ser transferido do editor de jornal ao cidadão comum a partir dos amplos acessos oferecidos pela internet. Além de eleger os temas e chamadas mais relevantes ao seu critério, o internauta é também capaz de criar seu próprio site de notícias.

A professora de jornalismo de jornalismo Heloiza Herscovitz (2003, p. 19) defende em seu artigo “A internet e o futuro dos Jornalistas” que vive-se um momento histórico de questionamento sobre o “papel tradicional do jornalista frente à internet” devido a ampla oferta de informações e possibilidade de protagonismo do usuário na construção da notícia no ciberespaço. A autora afirma que a internet

permite que o público acione diretamente conteúdos não filtrados das mais variadas fontes e bibliotecas virtuais. Qualquer pessoa ou grupo pode ter sua página na internet, eliminando o filtro das redações que reduzem, suprimem ou interpretam suas mensagens e, muitas vezes, colocam à margem do fluxo informativo. (HERSCOVITZ, 2003, p.19)

Entende-se assim, que grupos de comunicação livre, movimentos sociais, e tantos outros segmentos sociais considerados como minorias por serem estigmatizados ou discriminados em um contexto de desigualdade e marginalização ganham voz na internet. Estes grupos encontram no ciberespaço a oportunidade de tornar público informes que antes dificilmente teriam amplo alcance de público.

“A diversificação dos canais informativos na ambiência digital cria um contexto altamente rico em novos dados sobre os fatos, papel antes atribuído diretamente aos meios de comunicação massivos”, afirma a pesquisadora Viviam Belochio (2008 p.2). A ampla oferta de conteúdos no ciberespaço se relaciona com o que o teórico C. Anderson define, segundo a autora, como *cauda longa*, termo utilizado para simbolizar a tendência atual da cultura e economia caminharem de poucos expoentes dominantes para muitos pequenos nichos. “Em termos mais diretos, na era da comunicação digital é possível atender às necessidades e desejos de públicos específicos por meio das redes, que tem espaço ilimitado, abrigando, assim, tanto a preferência das massas quanto das minorias.” (BELOCHIO, 2008, p.3)

Para muitos, a longa cauda da comunicação digital representa uma forte concorrência para os tradicionais veículos dominantes. Herscovitz cita em seu artigo a opinião do pesquisador José Luiz Martinez Albertos que afirma acreditar na ameaça que os usuários da internet representam à função do jornalista profissional que se dedica a selecionar conteúdos sob critérios de noticiabilidade estabelecidos por linhas editoriais ou interesses políticos e econômicos. O depoimento de Martinez relatado pela autora confirma a impressão de que a internet descentraliza o poder detentor da informação que, antes dela, estava concentrado nos tradicionais veículos de comunicação.

Segundo José Luiz Martinez Albertos(2001), os usuários da internet poderão substituir a figura do jornalista profissional na seleção de conteúdos, forçando o desaparecimento de seu papel como mediador social, ao mesmo tempo em que eliminam o *apartheid* digital em que viviam os grupos sociais e políticos que dependiam das rotinas jornalísticas e da boa vontade dos meios de comunicação para chegar ao público. (HERSCOVITZ , 2003, p.20)

A internet, em franca expansão e cada vez mais democrática, criou um cenário de questionamento entre os próprios especialistas sobre a necessidade de intermediação dos veículos de comunicação entre a informação e o público. Seria ela de fato capaz de desenvolver uma crise de intermediários na mídia? Enquanto Martinez confirma a possibilidade, Herzscovitz (2003, p.21), na contramão, diz acreditar que provavelmente o papel do jornalista editor não será substituído pela livre seleção dos internautas. “Na hipótese de que essa situação se concretize, o usuário vai conseguir contextualizar e dar sentido à montanha de informação e comentários que circulam na rede?”

De fato, o que é destacado como positivo na internet, a liberdade incondicional de produzir e divulgar e acessar informações em seu território, pode ser também uma armadilha para o internauta que por si só não consegue alcançar todo o tipo de conteúdo ou até mesmo assimilar tanta informação. O jornalista espanhol Pascual Serrano (2013, p.177) afirma que há na internet, assim como em “todos os sistemas de informação atuais”, muitas informações supérfluas que “pode ser uma magnífica maneira de sepultar o valioso”. O excesso de informação é apontado pelo jornalista espanhol como uma eficiente estratégia para levar ao desconhecimento, omitindo conteúdos e ofuscando conclusões relevantes. “A sobrecarga de informação já demonstrou ser uma das formas mais efetivas de desinformação da cidadania” (SERRANO, 2013, p.177).

A “capacidade educativa e cultural para utilizar a internet” é apontada por Castells (2003, p.87) como “um elemento de divisão social muito mais importante do que a conectividade técnica”. O sociólogo espanhol declara que o acesso à internet é uma questão

cada vez menos preocupante devido ao “desenvolvimento considerável da conectividade”. No Brasil, a pesquisa Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) Domicílios, divulgada em 2013 pelo Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (Cetic.br), aponta o contínuo crescimento de conexões à rede mundial de computadores no Brasil. Dados da pesquisa referente ao ano de 2012 mostram que 40% das residências brasileiras possuem internet, quantitativo 13% maior do que foi evidenciado em 2010 pela mesma pesquisa.

A segregação social entre os indivíduos com possibilidade de utilizar a internet e aqueles que ainda não possuem acesso a ela está, segundo Castells, se amenizando ao longo dos anos. O que deve ser notado no entendimento do sociólogo é a distinção social provocada pela capacidade da utilização da internet para fins de aprendizado. A busca pela informação e o processamento dela em função do conhecimento são habilidades que nem todos os usuários da internet são capazes de efetivar. Castells ressalta que

É necessário saber onde está a informação, como procurá-la, processá-la e transformá-la em conhecimento específico. Essa capacidade de saber o que fazer com o que se aprende é socialmente desigual e está ligada a origem social, familiar, bem como ao nível cultural e educacional. É aí que reside, hoje, o fosso digital. (CASTELLS, 2003, p.87)

Se mesmo aqueles usuários da internet com bom nível cultural e educacional encontram dificuldades em filtrar, contextualizar e processar tanta informação disponível na rede, para os que não tiveram acesso à educação de qualidade a tarefa se torna ainda mais complicada. Além da seleção em meio ao mar de informações, os internautas não podem deixar de conferir a credibilidade da procedência dos conteúdos que consome. Averiguar a veracidade das informações bem como a confiabilidade das fontes de cada conteúdo é tarefa que segundo Herscovitz (2003, p.21) “exige tempo e preparo profissional”.

Estas reflexões levam a professora a crer e defender que o papel de edição cumprido por certos jornalistas não está prestes a acabar. No entanto, será que a tradicional intermediação jornalística será atraente para esse novo público que, apesar das citadas dificuldades, ainda possui diante de si a possibilidade de se informar e produzir informação com autonomia e instantaneidade? Para Herscovitz, a resposta é não. “O jornalismo clássico deverá mudar se quiser conquistar o público da internet” (HERSCOVITZ, 2003, p.20).

A autora define como base do “novo modelo de jornalismo” a parceria entre internautas e os jornais da *web*. “Notícias atualizadas varias vezes ao dia, sistemas interativos, respeito à privacidade e mais opções de controle do conteúdo por parte do



usuário” são apontados por Herscovitz (2003, p.22) como características fundamentais a serem absorvidas e adaptadas no jornalismo praticado no ciberespaço.

A definição de Herscovitz dialoga diretamente com o atual momento histórico da internet chamado Web 2.0. Entende-se pelo artigo “What Is Web 2.0: Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software”, escrito por Tim O'Reilly, considerado o criador desta definição, que o termo Web 2.0 representa um conjunto de ferramentas que possibilitam e potencializam a utilização e construção colaborativa no ciberespaço. A interatividade, a autonomia para o internauta na elaboração e compartilhamento de informação, e a criação coletiva são características percebidas como centrais na Web 2.0. É neste cenário que nasce o chamado Jornalismo Colaborativo, que prevê a participação ativa de todos os atores do ciberespaço no processo informativo.

### 3.2 Jornalismo participativo

O jornalismo colaborativo, ou *Participatory Journalism*, pertence ao universo da comunicação hipermediática em que os processos de mediação social são descentralizados. A “ausência de uma organização central de informações, responsável por controlar todo o processo comunicacional” é citada pelo pesquisador Jorge Rocha como a natureza do *Participatory Journalism*. A interatividade no processo de construção da informação faz com que, no Jornalismo Participativo, os papéis de produtor e consumidor se confundam no mesmo usuário. Segundo Rocha, os teóricos Shayne Bowman e Chris Willis definem o *Participatory Journalism* como a “forma pela qual cidadãos ou grupo de cidadãos desenvolvem uma participação ativa no processo de coleta, organização, análise e disseminação de notícias e informação” (BOWMAN; WILLIS, 2003, p.9).

As diversas possibilidades de atuação do internauta na concepção, edição e consumo de informação são característicos do sistema *bottom-up news* do qual o jornalismo colaborativo se apropria. Este processo se diferencia em aspectos básicos do sistema de transmissão das mídias tradicionais que veiculam informações de “um-para-muitos”, realizando um trabalho de edição e adequação da notícia a rígidos formatos pré-definidos.

Enquanto as mídias tradicionais operam em um sistema de *broadcast*, filtrando todas as informações antes de noticiá-las, o *Participatory Journalism* atua em estratégias denominadas *bottom-up news* ou *social networks*, permitindo que a audiência assuma diferentes papéis no gerenciamento de informação. Desse modo, os papéis de produtor e consumidor de informação passam a se amalgamar, constituindo o que se convencionou chamar de “pro-sumidores”. (ROCHA, 2005, p.3)

No Jornalismo Colaborativo a interação entre quem produz e consome informação é constantemente estimulada, fazendo com que essas funções muitas vezes se invertam, tornando o expectador narrador dos fatos. O fluxo informativo de “muitos para muitos” é uma das características centrais que pressupõe a existência do jornalismo construído colaborativamente.

J. D. Lasica, num artigo publicado em 2003 pela *Online Journalism Review*, sugere uma gradação nas possibilidades de realização do *Participatory Journalism*, a partir do grau de autonomia e atividade do cidadão na produção de informação. O autor propõe as seguintes categorias: Participação do público em meios de comunicação tradicionais; Websites jornalísticos independentes; Websites de notícias totalmente alimentados por usuários; Websites de mídia colaborativa e contributiva; Outros tipos de "mídia magra" (listas de discussão, boletins por email); e websites de transmissão pessoal como podcasting de áudio/vídeo, blogs e fotologs.

A Wikipédia<sup>14</sup>, enciclopédia virtual construída de forma colaborativa e o portal Overmundo<sup>15</sup>, rede social em que conteúdos informativos são compartilhados, são alguns dos muitos exemplos de websites alimentados exclusivamente por usuários. O poder da informação sempre foi reconhecido como um bem precioso por sua capacidade de influência e mobilização. No Jornalismo Colaborativo, o poder de informar é público e, por isso, ele representa um importante papel político democrático.

O jornalismo Colaborativo se fortaleceu na chamada cauda longa, no entanto, diversos veículos da mídia tradicional já demonstraram a tentativa de assimilar o conceito da construção de conteúdo informativo de forma colaborativa em suas produções, como bem afirma Vivian Belochio. “O aparecimento de espaços colaborativos em jornais digitais demonstra a apropriação do modelo de construção de notícias a partir da contribuição de amadores, que se consolidou na cauda longa da informação” (BELOCHIO, 2008, p.4)

A sessão “Eu-repórter” do Globo Online, “Foto repórter” do canal online do Estadão, “Vc Repórter” do portal Terra, ou o quadro “Parceiros do RJ” do Jornal Hoje da rede Globo, são exemplos de iniciativas que ensaiam o Jornalismo Colaborativo. No entanto, apesar de inserirem a participação do público, estas iniciativas continuam transmitindo informações seguindo o padrão de “um para muitos”. Os materiais produzidos pelos não profissionais do jornalismo são submetidos a um processo de edição prévia antes da publicação, o que fere um

<sup>14</sup> Disponível em: < [https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina\\_principal](https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina_principal)>. Acesso: 14 nov. 2013.

<sup>15</sup> Disponível em: < <http://www.overmundo.com.br/>>. Acesso: 14 nov. 2013

dos conceitos fundamentais do Jornalismo Colaborativo que é a horizontalidade entre os colaboradores.

apesar de se estar admitindo a intervenção mais intensa do público na construção de conteúdos informativos, os veículos não dispensam o trabalho de fiscalização editorial. Identifica-se uma espécie de manipulação ativa, ou seja, a organização dos conteúdos com objetivos editoriais mais específicos. [...]. Isso não significa que se trata de um processo negativo, mas sim de uma pluralização mais adaptada à realidade institucional de cada meio. É uma maneira de não ficar defasado no mercado da informação digital e competir diretamente com os componentes da cauda longa: aí destaca-se a remediação. (BELOCHIO, 2008 p.21)

A “fiscalização editorial” ainda presente no jornalismo tradicional não tem espaço no Jornalismo Colaborativo, o que gera questionamentos sobre a origem das informações publicadas. Como citado no tópico anterior, a grande quantidade de informação produzida livremente no ciberespaço coloca em risco a credibilidade dos fatos narrados. Por isso, Rocha afirma que o

manancial de informações disponíveis no ciberespaço requer formas alternativas de julgar e selecionar editorialmente –estipulando modos de elencar notícias e utilizar links associativos, por exemplo –, que podem ser definidas e/ou modificadas coletivamente. (ROCHA, 2005 p.5)

Assim como nos sistemas de software livre, em que erros são reparados coletivamente e a ferramenta aprimorada conforme maior for o interesse e a dedicação dos usuários, existe a possibilidade de, no Jornalismo Participativo, a qualidade da notícia ser apurada através de um sistema de checagem colaborativa da informação. Através da licença Creative Commons, do tipo Copyleft, qualquer usuário é capaz de recriar a partir de conteúdos já publicados desde que a autoria original do material seja preservada. Com isso, incentiva-se o maior compartilhamento de informações bem como o aprimoramento qualitativo destes materiais.

Apesar da autonomia de produção e edição de conteúdos por parte dos usuários que constroem o que se chama de Jornalismo Colaborativo, bem como das estratégias para solucionar a questão da fragilidade na credibilidade de conteúdos compartilhados na rede, vale ressaltar que o questionamento sobre o papel do jornalista profissional é para Rocha, uma ideia banalizada.

É preciso evitar tropeçar em ideias banais/banalizadas a respeito da “diluição” ou “desaparecimento” da função do jornalista em sistemas informacionais colaborativos, mas sim compreender seu papel frente aos desafios propostos pelo paradigma digital. É com esta diretriz que buscamos evidenciar uma linha de raciocínio não-massivo para melhor compreender as funções webjornalísticas em processos de interlocução próprios das novas mídias. (ROCHA, 2005, p.2)

Tão recorrente quanto os questionamentos sobre a função do jornalista profissional na era da Web 2.0, são as problemáticas periodicamente trazidas à tona sobre até que ponto os conteúdos divulgados por usuários amadores da internet podem ser de fato considerados jornalismo. A discussão voltou a ocupar significativo espaço na mídia após as transmissões em tempo real dos protestos que ocorreram a partir de junho pelo coletivo Mídia Ninja.

#### 4 MÍDIA NINJA: DISCURSO ATIVISTA E TRANSMISSÕES EM TEMPO REAL

A Mídia Ninja, acrônimo de Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação, trata-se de um coletivo de mídia livre que ganhou visibilidade em âmbito nacional por transmitir coberturas subjetivas e colaborativas em tempo real das manifestações que irromperam nas ruas do país a partir de junho de 2013. Sua atuação se destacou principalmente por evidenciar, através de um olhar particular que partia do epicentro das multidões, a truculência da atuação da polícia militar em relação aos manifestantes durante as passeatas de protesto. Este material, tanto por seu conteúdo quanto por seu formato, contrastou com as coberturas exibidas e veiculadas pelos principais veículos de comunicação do país.

Durante o início das manifestações, as coberturas dos protestos feitas pela chamada grande imprensa tradicional mantinham um distanciamento físico do evento. As transmissões eram, em sua maioria, feitas do alto de helicópteros ou com lentes fixadas em pontos externos às manifestações. A voz dos manifestantes era ouvida principalmente através dos cartazes com frases de protesto, dos gritos de contestação e dos breves depoimentos retratados em periódicos e telejornais. Ao mesmo tempo, o ponto de vista distanciado era capaz de transmitir ao público a magnitude dos protestos e a evolução de suas dimensões espaciais com maior precisão do que as transmissões que partiam a todo o momento do interior das multidões.

A violência durante os atos normalmente era interpretada pelos grandes jornais como consequência da atitude de uma “minoridade de vândalos”. Enfaticamente, os telejornais dos principais veículos da grande mídia repetiam que uma “minoridade de vândalos” era responsável por romper a ordem das manifestações “legítimas” e “pacíficas”. Chamadas como a publicada no portal do Jornal Hoje dia 18 de julho, “Vândalos invadem manifestação pacífica no RJ e atacam a polícia”<sup>16</sup>, ilustravam um ponto de vista diferente ao que estava sendo exposto pela Mídia Ninja.

Autointitulada uma organização horizontal, a Mídia Ninja afirma ter como objetivo principal formar e incentivar a atuação de cidadãos multimídias. A ideia é que qualquer indivíduo possa produzir o seu próprio conteúdo informativo através de um celular apropriado para filmagens e transmissões por meio de tecnologias de rede. Segundo a lógica dos ninjas, quanto mais relatos sobre um determinado fato estiverem circulando, maior será o mosaico de

---

<sup>16</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2013/07/vandalos-invadem-manifestacao-pacifica-no-rj-e-atacam-policia.html>>. Acesso em: 17 set. 2013.

narrativas construído colaborativamente a partir do qual cada indivíduo poderá fazer sua análise interpretativa e dela formar opiniões.

A Mídia Ninja surge levantando bandeiras contrárias a uma apontada submissão da mídia tradicional brasileira ao conservadorismo de uma lógica de poder e ao discurso de imparcialidade jornalística dos grandes veículos de comunicação nacional. Defendendo a afirmativa de que o Brasil vive uma ditadura velada dos meios de comunicação, em que o poder da informação se centraliza nas mãos de poucas e poderosas famílias coligadas a interesses políticos, o coletivo assume um posicionamento ativista na luta pela democratização dos meios de comunicação. A produção e distribuição livre de conteúdos é o foco principal do trabalho desta rede de comunicadores independentes.

As coberturas produzidas pela Mídia Ninja transmitem em tempo real materiais audiovisuais brutos que facilmente podem atingir cerca de seis horas consecutivas de duração. Suas narrativas vão além da busca exclusiva por contradizer coberturas feitas pela grande imprensa e conseguem acrescentar novas informações a partir de relatos e depoimentos de quem vive a determinada situação que está sendo retratada. Durante o ápice das manifestações que começaram em junho no Brasil, o conteúdo das transmissões “ninjas” se apresentou como uma alternativa capaz gerar questionamentos e propor pautas para a mídia tradicional, que ficou impossibilitada de ignorar o então novo fenômeno midiático da internet.

Por outro lado, o formato de transmissões em tempo real, sem qualquer tipo de pré ou pós-produção, resultam em coberturas sem contextualizações abrangentes, carentes de apuração prévia e sobrecarregadas de informações que muitas vezes não podem ser absorvidas em totalidade caso as seis ou sete horas de transmissão não forem acompanhadas. A checagem das informações por vezes também se mostra deficiente, visto que tal função é delegada ao público. A qualidade técnica das coberturas também possui limitações referentes às tecnologias para comunicação de dados, à clareza do áudio e da imagem. Por vezes, em reflexo do fato de algumas transmissões serem realizadas por cidadãos que não necessariamente sabem manejar uma câmera, a própria escolha inadequada de planos e quadros dificulta a visualização da cena narrada.

#### **4.1 O meio em que foi idealizada**

Apesar de ter alcançado maior visibilidade durante o período dos protestos e, aos olhos desavisados, parecer ser um movimento espontâneo de um grupo de jovens defensores da comunicação democrática, a Mídia Ninja se apresentou como mais uma das ações da rede de

coletivos Fora do Eixo. Declarada como fruto deste circuito de coletivos independentes entusiasta das produções colaborativas e das ações em redes de compartilhamento, a Mídia Ninja teoricamente já atuava desde 2012 em coberturas em tempo real de eventos políticos e culturais.

O Fora do Eixo nasceu em 2005, com a aproximação dos coletivos Espaço Cubo, da cidade de Cuiabá, Goma, de Uberlândia e Catraia, de Rio Branco. Esses grupos passaram a compartilhar conhecimentos e tecnologias voltadas principalmente para o setor da produção cultural independente. Com o tempo, novos coletivos foram sendo somados a essa rede de trocas de informação e metodologias práticas, até que se transformassem em uma rede nacional denominada de Circuito Fora do Eixo. O principal objetivo inicial desta rede de coletivos era promover a circulação e dar visibilidade a iniciativas culturais independentes excluídas do badalado eixo Rio - São Paulo.

O Fora do Eixo é uma rede colaborativa e descentralizada de trabalho constituída por coletivos de cultura pautados nos princípios da economia solidária, do associativismo e do cooperativismo, da divulgação, da formação e intercâmbio entre redes sociais, do respeito à diversidade, à pluralidade e às identidades culturais, do empoderamento dos sujeitos e alcance da autonomia quanto às formas de gestão e participação em processos sócio-culturais, do estímulo à autoralidade, à criatividade, à inovação e à renovação, da democratização quanto ao desenvolvimento, uso e compartilhamento de tecnologias livres aplicadas às expressões culturais e da sustentabilidade pautada no uso e desenvolvimento de tecnologias sociais.<sup>17</sup>

Um dos principais pilares estruturais deste movimento são as casas Fora do Eixo, que funcionam como residências coletivas em que seus integrantes convivem e trabalham de forma integrada e cooperativa. A lógica de sustentabilidade desses imóveis coletivos envolve um esforço conjunto de seus integrantes por arrecadação de verba, através de serviços prestados, eventos desenvolvidos ou editais públicos e privados.

Os fundamentos ideológicos que norteiam as ações produtivas desta rede são oriundos da economia solidária. Fortalecido a partir das inúmeras tensões sociais provocadas pela feroz competitividade capitalista, este modo de produção é pautado no cooperativismo e na autogestão onde todos os integrantes de uma determinada corporação são, além de produtores, igualmente proprietários dela, como explica o economista Paul Singer em seu artigo “A recente ressurreição da economia solidária no Brasil”.

---

<sup>17</sup> Informação retirada da carta de Princípios do Coletivo Fora do Eixo. Disponível em: <<http://foradoeixo.org.br/historico/carta-de-principios/>>. Acesso em: 16 set. 2013.

O capital da empresa solidária é possuído pelos que nela trabalham e apenas por eles. Trabalho e capital estão fundidos porque todos os que trabalham são proprietários da empresa e não há proprietários que não trabalhem na empresa. E a propriedade da empresa é dividida por igual entre todos os trabalhadores, para que todos tenham o mesmo poder de decisão sobre ela. (SINGER, 2002)<sup>18</sup>

Segundo Pablo Capilé, um dos fundadores da rede de coletivos e figura central na organização até hoje, todo o orçamento arrecadado pelas forças de trabalho dos integrantes da residência é direcionado para um cofre comunitário que cobre as despesas da casa e dos seus integrantes. A primeira residência Fora do Eixo foi inaugurada em Cuiabá e após o oitavo ano de atuação, junto com as residências de São Carlos e Urbelândia, ela é transferida para São Paulo. No site Casa Fora do Eixo SP a iniciativa é anunciada como um projeto realizado com apoio do Estado de São Paulo, Secretaria da Cultura e Programa de Ação Cultural 2011. As cidades de Fortaleza, Porto Alegre, Belém e Belo Horizonte são exemplos de outras localidades que também possuem, hoje, uma residência coletiva da rede Fora do Eixo.

Além das casas Fora do Eixo, a rede é composta por coletivos e coletivos parceiros. Em entrevista ao jornalista André Forastiere, Pablo capilé contou em números o quanto a rede Fora do Eixo cresceu em 2013. “Em 2012, a rede Fora do Eixo registrou 122 coletivos, 5 casas e 400 coletivos parceiros. Em 2013, são 18 casas, 91 coletivos e 650 coletivos parceiros”. (CAPILÉ, 2013)<sup>19</sup>. Todos esses coletivos e residências articulados em rede são reconhecidos pelos integrantes do circuito como “Pontos Fora do Eixo”.<sup>20</sup>

O Fora do Eixo também trabalha pelo fortalecimento de outras redes autônomas que acabam levando o “selo” da rede de coletivos e ampliando seu campo de atuação. A Rede Brasil de Festivais é um exemplo de projeto desenvolvido pelo Fora do Eixo que, segundo Pablo Capilé (2013a), tende a se desenvolver de forma autônoma.

No total, somando residências, coletivos, parceiros e projetos autônomos, Pablo Capilé (2013a) declara que a rede Fora do Eixo está atuando em mais de 300 cidades. Em entrevista à TV Estadão<sup>21</sup>, veiculada no dia 15 de agosto, Capilé afirma que a rede, desconsiderando a ação dos projetos autônomos, atua em mais de 200 cidades.

<sup>18</sup> Disponível em: < <http://www.ceeja.ufscar.br/a-recente-ressurreicao-singer>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

<sup>19</sup> Disponível em: < <http://noticias.r7.com/blogs/andre-forastieri/2013/08/16/uma-entrevista-com-pablo-capile-do-fora-do-eixo/>>. Acesso em: 16 set. 2013.

<sup>20</sup> Disponível Informação retirada da carta de Princípios do Coletivo Fora do Eixo. Disponível em: < <http://foradoeixo.org.br/historico/carta-de-principios/>>. Acesso em: 16 set. 2013.

<sup>21</sup> Disponível em: <http://tv.estadao.com.br/videos/FORA-DO-EIXO-PABLO-CAPILE-EXPLICA-O-QUE-E,208799,250,0.htm>. Acesso em: 17 set. de 2013.



Pensando em auxiliar na gestão dos “Pontos Fora do Eixo” e incentivar, entre eles, o fluxo de informações e recursos econômicos, a rede de coletivos criou um banco próprio, o “Banco Fora do Eixo”. Sobre o tema, Pablo Capilé explicou:

O Banco Fora do Eixo, que atua sob os princípios da Economia Solidária, é um conselho composto por diferentes coletivos. Realiza fluxos de metodologias, desenvolvimento e aperfeiçoamento de soluções, chamadas pela rede de “aplicativos”, que estimulam a troca dos mais variados recursos econômicos entre os coletivos da rede, e auxiliam cada coletivo na sua gestão. (CAPILÉ, 2013)<sup>22</sup>

O Banco Fora do Eixo funciona, pelo que se pode entender, como uma frente facilitadora de trocas de informações entre os coletivos, o que acaba acelerando alguns processos que isoladamente demorariam mais para ocorrer. A orientação baseada na troca de experiências positivas e soluções eficientes parece ser, segundo o depoimento de Capilé, a principal função deste Banco.

Outro destes “aplicativos” facilitadores citados por Capilé é a moeda complementar Fora do Eixo Card. A intenção de sua criação foi de sistematizar o valor de trocas e serviços prestados e, com isso, viabilizar mais câmbios de maneira que o amplo leque de profissionais envolvidos no circuito pudesse atuar em rede e se beneficiar ainda mais dos processos de produção colaborativa que o Fora do Eixo possibilita. Com valor equivalente a um real, a moeda utilizada pelos integrantes da rede, funciona como um elemento de escambo capaz de custear qualquer tipo de serviço disponível nos diversos Pontos Fora do Eixo.

No site da casa Fora do Eixo São Paulo, uma lista é disponibilizada com uma “Relação de produtos e serviços dos pontos fora do eixo”<sup>23</sup>. Essa lista informa que é possível encontrar profissionais da Rede Fora do Eixo para atuar em áreas de sonorização e tecnoarte, comunicação, audiovisual, eventos e circulação, discos, artes visuais, artes cênicas, agenciamento de bandas, gestão cultural e jurídico.

A relação de serviços permite, por exemplo, que um produtor cultural da casa Fora do Eixo de Cuiabá busque um produto ou serviço de um coletivo parceiro e pague seu valor ou suas horas de trabalho em Card. Assim, a moeda se mantém circulando dentro da própria rede Fora do Eixo. Em certas situações, artistas que participam de eventos do circuito podem ser pagos em Cards, o que lhes dá, teoricamente, a possibilidade de adquirir serviços que o Fora do Eixo disponibiliza.

---

<sup>22</sup> Disponível em: < <http://noticias.r7.com/blogs/andre-forastieri/2013/08/16/uma-entrevista-com-pablo-capile-do-fora-do-eixo/>>. Acesso em: 22 set. 2013.

<sup>23</sup> Disponível em: < <https://docs.google.com/document/preview?id=16cWVuEjadDSwWM5py7sulwGsV8pQRvmtD5Yvh2siwg>>. Acesso em: 22 set. 2013.

Pablo Capilé (2013) faz questão de afirmar que cada coletivo ou residência integrante da rede tem autonomia para gerenciar seus gastos e sua captação de recursos e que não existe, portanto, um caixa único do Banco Fora do Eixo que centralize a verba de todos os coletivos. Argumento, este, usado para justificar a dificuldade de se prestar contas da receita da rede.

Para além da ampla atuação no cenário cultural independente, o Fora do Eixo desenvolveu outros projetos que seguem a ideologia das criações coletivas em rede. Um exemplo deles é a Universidade Livre Fora do Eixo (UniFDE), que pensa a formação educacional como um processo colaborativo. A troca de conhecimentos acumulados durante a vivência no circuito Fora do Eixo é o que preenche o calendário do ano letivo na UniFDE. A ideia é ter um espaço para refletir, debater e aprender com a troca de experiências, podendo com isso sistematizar o conhecimento produzido dentro da rede, como explica Carol Tokuyo, Gestora da Universidade Fora do Eixo desde 2010, em entrevista ao portal Educação e Participação:

Compreendemos que cada coletivo tem um potencial muito grande para desenvolver soluções criativas para resolver questões ligadas à sua própria dinâmica, cenário e contexto sociocultural. Todas essas soluções desenvolvidas na prática do trabalho coletivo são compreendidas como saberes potenciais gerados por esses agentes da cultura. O diferencial de nosso modo de atuação, que caracteriza a UniFdE como uma rede de formação livre, é em como nós transformamos esses saberes em tecnologias e possibilitamos sua circulação e aplicação em novos territórios e conceitos. (TOKUYO, 2013)<sup>24</sup>

A Universidade Livre Fora do Eixo recebeu o financiamento no valor de 590 mil reais da Petrobras entre os anos de 2012 e 2013. A verba, segundo o portal de transparência<sup>25</sup> da rede, foi administrada pelos seis campi do projeto, localizados em Casas Fora do Eixo Regionais.

“Estimular práticas de comunicação livre” está, segundo a carta de princípios do Fora do Eixo, entre as principais diretrizes que norteiam a atuação do coletivo. Reflexo disso foi a criação, em junho de 2011, do canal online Pós TV. Autodefinida como “um projeto nacional de streaming pioneiro e colaborativo, baseado na interatividade e na liberdade total de formatos e de expressão”<sup>26</sup>, a Pós TV se apresenta como uma iniciativa do Fora do Eixo em

<sup>24</sup> Disponível em: <<http://www.educacaoeparticipacao.org.br/index.php/todas-entrevistas/119-politicas-de-educacao-integral/entrevista-politicas-de-educacao-integral/337-entrevista-com-carol-tokuyo-da-universidade-fora-do-eixo>>. Acesso em: 20 set. 2013.

<sup>25</sup> Disponível em: <<http://foradoeixo.org.br/2013/08/12/prestacao-de-contas-universidade-livre-fora-do-eixo/>>. Acesso em: 18 set. 2013.

<sup>26</sup> Disponível em: <<http://www.ustream.tv/channel/pos-tv>>. Acesso em: 18 set. 2013.

prol da luta democratização da comunicação. Cultura Digital, software livre, meio ambiente e políticas culturais estão entre os principais temas abordados em sua programação.

O canal abre espaço para conteúdos de diversos gêneros e formatos produzidos pelos coletivos do circuito ou parceiros. Programas de entrevista e debates foram alguns dos que mais se destacaram. Dentre eles está o irreverente “Supremo Tribunal Liberal”, criado pelo coordenador do Laboratório Brasileiro de Cultura Digital, Claudio Prado. O programa chamou a atenção por apresentar um conteúdo diferenciado dos que normalmente são vistos em uma televisão de canal aberto, discutindo, por exemplo, temas como feminismo e “física quântica e alucinógenos”. Além das discussões e reflexões atuais e pouco convencionais, o programa chamou a atenção por apresentar a proposta de colocar um sofá na movimentada Rua Augusta, na cidade de São Paulo, para entrevistar transeuntes que passavam desavisados. O resultado desta experiência refletiu a diversidade e espontaneidade das ruas de uma grande capital.

## 4.2 O surgimento da Mídia Ninja

Apesar de hoje não estar claramente apresentada como um projeto de comunicação do Fora do Eixo no Portal de Transparência da rede, a Mídia Ninja foi apresentada como um dos braços audiovisuais da Pós TV e até hoje depende do Fora do Eixo para se sustentar financeiramente.<sup>27</sup> Lançada oficialmente no início de 2012, a Mídia Ninja se autodefine, segundo declarou, em entrevista à autora, o integrante do coletivo Filipe Peçanha, como uma “rede de comunicação colaborativa descentralizada, espalhada pelo Brasil, independente, aberta para colaborações de diversos níveis de participação”<sup>28</sup>. Declarada como horizontal, a iniciativa, também definida como midialivrista, tem como figuras de liderança aqueles que estão envolvidos há mais tempo no processo de desenvolvimento do veículo de comunicação independente.

A mídia Ninja se dedica principalmente a transmitir coberturas subjetivas em tempo real a partir de *smartphones* conectados à internet. A ideia de investir em uma mídia que produzisse transmissões colaborativas em tempo real nasceu de uma cobertura ao vivo bem-sucedida da Marcha da Liberdade, em maio de 2011, na cidade de São Paulo. A cobertura foi feita por integrantes do núcleo de Mídia Livre Fora do Eixo SP, que em um primeiro

---

<sup>27</sup> Informação declarada por integrantes da Mídia NINJA em entrevistas públicas e confirmada em entrevista ao autor.

<sup>28</sup> Ver Anexo C.

momento se dedicavam apenas a cobrir eventos culturais e prestar serviços aos artistas envolvidos com a rede.

A transmissão da Marcha da Liberdade é apontada com um marco para a mudança de posicionamento das coberturas feitas pelo núcleo de comunicação do Fora do Eixo e também para a criação da Pós TV. O coletivo “começa a ser provocado a produzir outro tipo de conteúdo que fosse voltado, não só para o Fora do Eixo, mas também para a sociedade. Elaborar narrativas em cima de pautas relevantes para a cidade como um todo.”<sup>29</sup>

Felipe Altenfelder, membro da equipe de planejamento do Circuito Fora do Eixo, falou, em maio de 2013, ao portal Ação da Rede Globo sobre as transmissões em tempo real que já eram veiculadas pela Pós Tv na época e ressaltou os princípios de luta pela democratização da comunicação defendidos pelo coletivo:

Com um notebook e uma *webcam*, qualquer um, de qualquer lugar, pode colocar conteúdo na rede. É a comunicação de forma descentralizada e democrática. Diariamente, temos na Pós TV de 200 a 500 acessos, dependendo da programação. Em 2012, quando transmitimos ao vivo o show do Emicida, em Buenos Aires, tivemos 20 mil acessos. (ALTENFELDER, 2013)<sup>30</sup>

Neste momento, os programas de vivência realizados pela Universidade Fora do Eixo foram essenciais para compartilhar conhecimentos sobre as transmissões em tempo real e preparar aqueles que seriam os futuros ninjas. Entre os dias 29 de abril e 29 de julho de 2013, por exemplo, uma vivência Pós TV foi oferecida onze de seus campi: São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Belém, Macapá, Manaus, Juiz de Fora, Bauru, Pelotas, Maceió, Serrana e Vitória da Conquista.<sup>31</sup>

Pablo Capilé e Bruno Torturra, jornalista que assumiu a diretoria da revista Trip por dez anos e também integrante da rede, são reconhecidos como dois dos principais mobilizadores desta iniciativa midialivrista<sup>32</sup>, que possuía, inicialmente, uma equipe com cerca de trinta pessoas espalhadas pelo Brasil, dentre elas apenas três jornalistas.

Em entrevista ao autor, Filipe Peçanha, integrante da rede Fora do Eixo e um dos principais representantes da Mídia Ninja no núcleo do Rio de Janeiro, explica que a linha

---

<sup>29</sup> Ver Anexo C.

<sup>30</sup> Disponível em: < <http://redeglobo.globo.com/acao/noticia/2013/04/pos-tv-e-o-canal-de-comunicacao-do-circuito-fora-do-eixo-na-internet.html> > Acesso em: 18 set. 2013.

<sup>31</sup> Informação retirada do Edital da atividade. Disponível em: < <http://catracalivre.com.br/geral/emprego-trabalho/indicacao/fora-do-eixo-tem-edital-aberto-para-vivencia-na-pos-tv/> >. Acesso em: 11 ago. 2013.

editorial do coletivo é definida pelos integrantes com maior envolvimento no processo de desenvolvimento e atuação da iniciativa midialivrista. Peçanha esclarece ainda que o critério de noticiabilidade do coletivo se orienta por seu objetivo de prestar um serviço de utilidade pública ao elucidar causas julgadas pelo núcleo principal da rede como relevantes para sociedade. “Essas causas vem muito da nossa aproximação com os movimentos populares, com o MST, o Brigadas (Populares), o Levante da Juventude, enfim, com outras articulações que estão envolvidas e que trazem essas pautas muitas vezes para a gente”.<sup>33</sup>

As primeiras experiências ninjas foram dedicadas a coberturas de eventos, mobilizações populares, plenárias e outros acontecimentos políticos e sociais. As imagens e narrativas gravadas a partir de celulares e transmitidas em seu estado bruto alcançavam centenas de visualizações por postagem. A reportagem “Guerra aos memes”, escrita pelo jornalista Ronaldo Bressane para revista Piauí, edição 82, relata sobre algumas das primeiras coberturas feitas pela Mídia Ninja:

O primeiro tema abordado pelo NINJA foi a Cracolândia do Centro paulistano. Depois disso, o coletivo esteve presente nas marchas da maconha, em blocos de rua e eventos como o “Existe Amor em SP”. Sua missão mais ambiciosa foi o envio de dois correspondentes a Mato Grosso do Sul, para conferir se de fato os índios guarani-kaiowá estavam prestes a praticar suicídio coletivo. (BRESSANE, 2013)<sup>34</sup>

As transmissões, a princípio, eram feitas em *streaming* via plataforma *Ustream*. No entanto, falhas no sinal das coberturas e informes publicitários inseridos no serviço motivaram a mudança para a plataforma *Twitcasting*. Esta ferramenta, além de não exibir propagandas, é leve e permite um alto número de acessos.

Apesar de já chamar a atenção de certos nichos politizados e interessados nas produções do Fora do Eixo, não foi com a cobertura da “marcha da maconha” ou com o relato sobre a cracolândia que a Mídia Ninja se destacou expressivamente. O reconhecimento do coletivo surgiu com as coberturas das manifestações incentivadas inicialmente pelo Movimento Passe Livre em junho de 2013 na cidade de São Paulo.

### 4.3 A atuação da Mídia Ninja

As transmissões feitas pela Mídia Ninja em tempo real partiam direto das multidões e davam voz a quem não tinha espaço nos grandes veículos de imprensa. Suas coberturas

<sup>33</sup> Ver Anexo C.

<sup>34</sup> Disponível em: <<http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-82/esquina/guerra-dos-memes>>. Acesso em: 16 set. 2013.

evidenciaram ações violentas da polícia e em certos casos foram usadas como prova contra arbitrariedades de autoridades. As narrativas parciais, divulgadas em tempo real e sem cortes transmitiam a sensação de credibilidade e representatividade que o público insatisfeito com a cobertura da grande mídia parecia solicitar.

Durante o início das manifestações, os integrantes da Mídia Ninja passaram a ser reconhecidos pelos manifestantes por circularem em meio às multidões carregando um carrinho de supermercado, que funcionava como uma base de produção, edição e transmissão de conteúdo. Este carrinho era normalmente equipado com aparelhos eletrônicos usados durante as transmissões. No entanto, para não expor o equipamento aos riscos da violência durante os atos, os ninjas optaram por realizar transmissões pela plataforma *Twitcasting*, que só demanda um celular e um fonte de reserva de bateria.

Apesar de estar presente em diversas redes sociais como o *Twitter*, *Instagram*, *Flickr*, *Tumblr* e *Google+*, o principal canal de divulgação de conteúdo da Mídia Ninja é sua página no *facebook*. No perfil criado no dia 27 de abril de 2013 são postados os links para as transmissões ao vivo, bem como fotos e textos que complementam o conteúdo audiovisual publicado. A atualização do *facebook* da Mídia Ninja é feita pelo núcleo permanente da equipe, que se empenha para acompanhar o imediatismo das transmissões. Para que isso seja possível, durante as manifestações, o ninja responsável por fotografar recorre ao cinegrafista que está realizando os *uploads* e atualizações direto das ruas com seu notebook através da rede de internet móvel 3G.

Não raro, quando as conexões em 3G se mostram instáveis, os ninjas convocam através das redes sociais a colaboração de moradores pedindo para que estes deixem suas redes de *wifi* abertas. Diversas vezes, este apelo já obteve respostas positivas de um público interessado em contribuir com a manutenção das transmissões. Recente no Brasil, a tecnologia de internet 4G também passou a ser utilizada como uma alternativa à conexão 3G pelos ninjas.

Em curto espaço de tempo, as subjetivas narrativas da Mídia Ninja transmitidas em tempo real direto do olho do furacão nos protestos alcançaram um nível de repercussão que outros veículos de mídias livres não conseguiram obter. Uma sequência de acontecimentos ilustrou a trajetória de alta repercussão desta iniciativa que esteve presente simultaneamente em diversas manifestações do país. Os altos índices de audiência conquistados chamaram a atenção dos grandes veículos de comunicação do país e do mundo.

No dia 18 de junho, o integrante da Mídia Ninja Filipe Peçanha, mais conhecido como “carioca”, cobria ao vivo, com seu celular, um protesto que acontecia na esquina da Rua

Paulista com a Rua da Consolação, na cidade de São Paulo. Aquele seria um momento chave para a popularização das coberturas “ninjas” e o início de um longo debate sobre a produção jornalística na era digital.

Era o dia em que um canal de produção de conteúdo independente da internet atingiria um nível de audiência tão significativo que seria capaz de transmitir aos grandes veículos de comunicação que aquela não se tratava de uma tímida iniciativa midialivrista. A transmissão “ninja”, considerada por muitos como uma narrativa amadora, estava sendo reconhecida pelo público como uma interessante fonte alternativa de informação.

A transmissão via internet alcançou 80 mil acessos, o equivalente a pouco mais de 1 ponto no Ibope. Nenhum canal de tevê mostrava em tempo real o tumulto das manifestações. Os protestos haviam começado pacificamente na Sé, se convulsionaram no ataque ao prédio da prefeitura e terminaram sob bombas da polícia na Paulista. (BRESSANE, 2013)<sup>35</sup>

Após o acontecimento, a visibilidade da Mídia Ninja seguiu aumentando progressivamente. A mídia livre criada pelo Fora do Eixo agora tinha a atenção não só dos expectadores internautas como também da grande mídia, que passou a observar de perto a atuação do grupo. A repercussão de suas transmissões chegou aos ouvidos do prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, que após ter sido questionado por jornalistas sobre a possibilidade de uma conversa com o coletivo decidiu propor um encontro com os jovens. A assessoria de imprensa do político sugeriu à rede de mídia livre na sexta-feira 19 de julho, uma entrevista naquela mesma noite. Apesar do curto espaço de tempo para preparação adequada, os ninjas toparam.

A reportagem do jornalista Bernardo Moura publicada no portal do jornal O Globo no dia 22 de julho descreveu o empenho dos ninjas em divulgar este encontro que seria, futuramente, motivo de muitas críticas ao coletivo:

O coletivo fez barulho nas redes sociais sobre a entrevista, com direito a cartaz estilizado com o rosto de Paes e um pedido para que os seguidores enviassem perguntas. O post foi compartilhado quase 4.000 vezes no Facebook e recebeu cerca de 400 comentários, muitos com questões a serem levadas ao prefeito. Na entrevista, que foi acompanhada on-line por mais de 21 mil pessoas, os ninjas sucumbiram ao samurai que é a bem azeitada máquina de comunicação da Prefeitura do Rio, além da desenvoltura verbal do chefe do município. (MOURA, 2013)<sup>36</sup>

A entrevista com o prefeito durou cerca de uma hora e meia e foi transmitida ao vivo por *twitcasting*. Eduardo Paes comentou sobre temas como a ação da polícia militar durante as

---

<sup>35</sup> Disponível em: <<http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-82/esquina/guerra-dos-memes>>. Acessado em: 16 set. 2013.

<sup>36</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/os-ninjas-na-prefeitura-do-rio-9116788#ixzz2f6mSCjCs>>. Acesso em: 16 set. 2013.

manifestações, as Unidades de Polícia Pacificadora no Rio de Janeiro, transporte público, obras para a Copa do Mundo e parcerias políticas com o governador do estado, Sergio Cabral Filho.

Após a entrevista, choveram críticas sobre a atuação da Mídia Ninja nas redes sociais, nos meios de imprensa livre e tradicional. Algumas das análises foram positivas, como a publicada pelo jornalista Sidney Resende em seu portal de notícias: "Gostei do que vi e ouvi. [...] E por que fiquei entusiasmado com o "Ninja"? É a volta do jornalismo livre de pressões de patrocinadores e chefetes comprometidos. Viva o retorno das perguntas que precisam ser feitas". No entanto, a maioria das críticas avaliou que os ninjas estavam despreparados para lidar com um entrevistado eloquente e ardiloso como o político. Em artigo publicado no portal Observatório da Imprensa a jornalista e professora da Universidade Federal Fluminense Sylvia Debossan Moretzsohn, julgou que a falta de preparo do coletivo abriu espaço para uma boa performance do prefeito.

A entrevista obteve algumas declarações interessantes, que foram exploradas por jornais do dia seguinte (por exemplo, *O Dia* e *Folha de S.Paulo*) (...). Mas evidenciou o despreparo dos entrevistadores, as perguntas mal formuladas e superpostas a outras, que facilitaram a atuação de quem está acostumado a esse jogo. (MORETZSOHN, 2013a)<sup>37</sup>

Na mesma noite de sexta-feira, 19, o coletivo de mídia livre publicou, em sua página do *facebook*, um texto comentando a experiência de terem entrevistado o prefeito e as tantas críticas negativas que receberam após o encontro. Os ninjas assumiram não ter sido fácil entrevistar um político "hábil e bem treinado na conveniente arte de tergiversar" como Eduardo Paes. No entanto, a avaliação final do coletivo foi positiva, considerando o valor da experiência e do conhecimento adquirido na prática. (MÍDIA NINJA, 2013)<sup>38</sup>

Poucos dias após a entrevista com o prefeito Eduardo Paes, os ninjas ocuparam, mais uma vez, espaços nos telejornais e sites de impressos da mídia tradicional. O contexto era a visita do Papa Francisco à cidade do Rio de Janeiro. No dia 22 de julho, primeiro dia de celebração da Jornada Mundial da Juventude, uma manifestação ocorreu diante do Palácio da Guanabara, sede do governo do estado do Rio de Janeiro, onde acontecia a cerimônia de boas-vindas ao Papa.

---

<sup>37</sup> Disponível em:

<[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed756\\_a\\_militancia\\_e\\_as\\_responsabilidades\\_do\\_jornalismo](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed756_a_militancia_e_as_responsabilidades_do_jornalismo)>. Acesso em: 16 set. 2013.

<sup>38</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/midiaNINJA/posts/205781782913308>>. Acesso em: 16 set. 2013.



Próximo ao Palácio da Guanabara, o jovem Felipe Assis realizava uma transmissão pelo canal de *twitcasting* NINJA 2 registrando um grupo disperso de manifestantes que seguiam em direção ao Largo do Machado. Em determinado momento da cobertura, o ninja corre para se refugiar em uma loja, situada no bairro das Laranjeiras, alegando estar fugindo da ação violenta da Polícia Militar. O jovem pedia socorro aos espectadores que se comunicavam entre si e diretamente com o ninja através de um espaço de conversa coletiva disponibilizado ao lado do vídeo<sup>39</sup>. Neste momento cerca de 8.500 pessoas estavam conectadas assistindo à transmissão.

O jovem ninja dizia que estava cercado por policiais que agiam de forma repressiva, lançando bombas de gás lacrimogêneo sobre os manifestantes. Imediatamente, houve uma mobilização dos interlocutores que entraram em contato com a Organização dos Advogados do Brasil relatando o caso. Representantes da OAB se dirigiram até o local para proteger os manifestantes de qualquer ação indevida. Enquanto os advogados ouviam reclamações e mediavam situações de conflito, o jovem ninja confrontava um policial que estava sem identificação.

Simultaneamente, o jovem “Carioca” transmitia para cerca de 10 mil pessoas através do link NINJA 1 a resistência de alguns manifestantes que ocupavam, em protesto, as escadarias da igreja do Largo do Machado. Enquanto filmava e narrava a manifestação que ainda se mantinha firme, o jovem foi abordado por um policial militar que estava à paisana. Pelo vídeo da transmissão não é possível entender claramente como a abordagem é feita, mas fica perceptível a insatisfação do policial com o registro do acontecimento. Felipe Peçanha, o “Carioca”, relatou em depoimento publicado na página do *facebook* da Mídia Ninja como foi a abordagem do policial:

Uma mão segura forte meu braço. Um homem alto, de óculos, com uma camisa clara fala: “Me dá uma entrevista? Quero pegar um depoimento seu”. Achando estranho, pergunto: “Qual seu nome, pra que veículo?” Ele não responde. Com a outra mão falava freneticamente ao celular com alguém que parecia coordenar sua ação. Eis que começo a ser levado à força pelo “entrevistador” enquanto um policial fardado chega junto. Ele pede para que eu abra a mochila. Revista, pede meu documento. Não acha nada de suspeito ou ilegal. Ainda assim, me avisa que serei encaminhado para a Delegacia. “Averiguação”, diz ele. (PEÇANHA, 2013)<sup>40</sup>

---

<sup>39</sup> O *twitcasting* permite a interação do espectador com o transmissor do vídeo, e com outras pessoas que estão assistindo à transmissão, através de uma ferramenta de *chat* disponibilizada ao lado da janela de exibição do vídeo. Para participar publicando comentários, o espectador deve se conectar usando sua conta de *twitter* ou *facebook*.

<sup>40</sup> Disponível em: < <https://www.facebook.com/midiaNINJA/posts/207055739452579> >. Acesso em: 16 set. 2013.

O ninja “Carioca” foi colocado no carro da polícia e levado à 9ª DP. A mobilização dos manifestantes do momento da prisão foi imediata. Felipe Peçanha conta em seu relato publicado no *facebook* que centenas de pessoas cercaram o carro da polícia em que ele foi preso, tentando impedir a ação da polícia. Os espectadores que assistiam à transmissão se mostraram espantados com a prisão do NINJA 1 e se encarregaram de informar ao NINJA 2 pelo *chat* o que havia acontecido.

Correndo, Felipe Assis se direcionou à 9ª DP a tempo de filmar o momento em que o NINJA 1 é retirado do carro da polícia e levado para dentro da delegacia acompanhado por três advogados da OAB. O NINJA 2 permanece em frente à delegacia tentando levantar informações sobre a prisão de Carioca até o momento em que também é abordado por um policial, este fardado e identificado como tenente Puga, que pede para que o jovem lhe acompanhe até o interior da delegacia. Em meio a discussões, o tenente recebe pelo telefone uma ordem de prisão para o segundo ninja, que é levado à força para dentro da delegacia tendo que interromper a transmissão que falava para mais de quinze mil espectadores.

O caso mobilizou centenas de manifestantes que protestaram diante da porta da 9ª DP contra a prisão dos ninjas até o momento de suas libertações. O acontecimento repercutiu nos principais jornais do mundo. Na matéria “Grupo Mídia Ninja se projeta ao cobrir protestos ao vivo”, publicada no dia 28 de julho no portal da Folha de São Paulo, o jornalista Nelson de Sá retrata a amplitude da repercussão da prisão dos integrantes do coletivo de mídia livre, além de ressaltar o reconhecimento internacional alcançado pelas coberturas “ninjas”.

A prisão do "ninja" foi parar no "New York Times" e no "Guardian". Em pouco mais de um mês, o grupo já foi descrito como protagonista de uma "mudança no panorama da mídia", no "Wall Street Journal", e como "um fenômeno de mídia que atraiu atenção e admiração de milhares", no site do Nieman Journalism Lab, da Universidade Harvard.(SÁ, 2013)<sup>41</sup>

A Mídia Ninja conquistava repercussão internacional por suas ações, no entanto, até então, pouco se havia investigado sobre o histórico e as perspectivas da iniciativa. A partir do acompanhamento de três reuniões abertas organizadas semanalmente na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, desde o dia 31 de julho, foi possível observar que Pablo Capilé explicava a intenção de fazer da Mídia Ninja, mais do que uma marca, um serviço de utilidade pública. Dizia que o coletivo de comunicadores era horizontal e que qualquer pessoa interessada em realizar transmissões em tempo real era bem vinda e incentivada a participar.

---

<sup>41</sup> . Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/07/1317943-grupo-midia-ninja-se-projeta-ao-cobrir-protestos-ao-vivo.shtml>>. Acesso em: 16 set. 2013.

O idealizador do projeto convocava novos integrantes para o núcleo da Mídia Ninja no Rio de Janeiro e falava sobre diversas questões como o desenvolvimento de ferramentas próprias para a divulgação de conteúdo, a luta pelo direito de não depender de redes privadas, o fortalecimento dos midialivristas, a distribuição de materiais produzidos por outros veículos de mídia livre, a criação de estruturas de comunicação para movimentos que já possuem pautas, políticas públicas para comunicação e as possíveis estratégias de financiamento para o coletivo.

Seja por influência da Mídia Ninja ou por estratégia para não sofrer repressões durante as coberturas das manifestações, jornalistas da mídia tradicional também passaram a realizar transmissões por *smartphones* em tempo real. Antônio Brasil, pesquisador em telejornalismo, relatou em um texto publicado no portal Observatório da Imprensa a atuação de repórteres do canal Globo News que utilizaram celulares conectados à internet para transmitir coberturas ao vivo do protesto que acontecia no Rio de Janeiro no dia 7 de setembro.

A emissora utilizou repórteres que transmitiam os protestos de rua ao vivo via celular e não apareciam. A narração também era diferente, espontânea e improvisada. Uma ousadia de sons, imagens e palavras para os rígidos padrões da Globo.(BRASIL, 2013)

Por terem se apropriado da tecnologia e do formato de cobertura característicos das transmissões da Mídia Ninja, o pesquisador define estes repórteres como os “ninjas globais”. Brasil diz acreditar que a iniciativa da emissora de adotar o formato “ninja” de cobertura representa seu desejo de sobreviver frente a uma ideia de futuro da comunicação que se mostra cada vez mais próximo<sup>42</sup>.

Mesmo após chamar a atenção pelos altos índices de audiência, ser reconhecida por alguns dos principais veículos de comunicação nacionais e internacionais, conseguir uma entrevista exclusiva com uma personalidade política, ser intitulada como um fenômeno de mídia por especialistas de Harvard e possivelmente ter influenciado o formato de coberturas jornalísticas da grande imprensa, a Mídia Ninja ainda não tinha sido solicitada para explicar publicamente suas origens, ideologias e metodologias de trabalho.

O convite surgiu do programa jornalístico *Roda Viva*, exibido pela TV Cultura. No dia cinco de agosto de 2013, os idealizadores da Mídia Ninja, Bruno Torturra e Pablo Capilé, se propuseram a sentar no centro de uma roda com experientes profissionais da comunicação e

---

<sup>42</sup> Disponível em <[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed763\\_os\\_ninjas\\_da\\_globonews](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed763_os_ninjas_da_globonews)>. Acesso em: 16 out. 2013.

responder todas as perguntas que viessem de seus integrantes ao vivo durante uma hora e meia.

Conduzido pelo jornalista Mario Sergio Conti, o programa contou com os entrevistadores Alberto Dines, editor do site e do programa Observatório da Imprensa, Susana Singer, ombusman da Folha de S. Paulo, Eugênio Bucci, colunista do jornal O Estado de S. Paulo, Caio Túlio Costa, professor da ESPM e consultor de mídia digital e Wilson Moherdau, diretor da revista Telecom.

Se havia a expectativa do público de assistir a uma entrevista aprofundada sobre estratégias de comunicação, jornalismo, coberturas simultâneas em tempo real, mídias livres ou ciberativismo, o que transmitido pelo Roda Viva não foi capaz de suprir essa demanda. O programa discutiu de maneira breve as características e propostas do chamado “jornalismo pós-industrial”<sup>43</sup> que a Mídia Ninja diz praticar e estendeu um longo questionamento sobre as origens desse coletivo, sobre suas formas de captação de recursos e sobre a possível relação do grupo com partidos políticos.

Infelizmente, acho que foi desperdiçada uma boa oportunidade de troca de ideias, menos pelos ninjas, diga-se, do que pelos entrevistadores, que insistiam — compreensivelmente, até — em entender de onde vem o dinheiro que financia os ninjas e qual o seu “modelo de negócios”. (RÓNAI, 2013)<sup>44</sup>

Capilé e Torturra responderam a todas as perguntas aparentemente com segurança, apesar de algumas respostas não terem sido claras o suficiente para a compreensão dos entrevistadores. Em depoimento, Capilé confirmou que o Fora do Eixo recebeu uma quantia R\$800 mil de um edital da Petrobrás, porém, diz que essa verba não está incluída nos três a sete por cento do orçamento da rede declarados como oriundos de edital público. Isto porque o este patrocínio da Petrobrás, aprovado neste ano de 2013, teria sido direcionado para a Rede de Festivais Independentes, que não possui mais uma ligação direta com o Fora do Eixo.

Sobre o posicionamento político do coletivo, Mario Sergio Conti deixa clara sua opinião dizendo que o jornalismo praticado pela Mídia Ninja é “engajado, político e que toma partido”. Indagado sobre as reais relações partidárias do coletivo de mídia livre, Capilé diz

---

<sup>43</sup> “momento histórico em que o dinâmico processo de produção e consumo da informação socialmente relevante sai, depois de séculos, do domínio da mídia jornalística, ou seja, das mãos das empresas e profissionais do jornalismo, e se pulveriza por outras instâncias, espaços, grupos e canais alternativos de comunicação”. (BRITO, 2013). Disponível em: <[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed754\\_a\\_era\\_pos\\_jornalismo](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed754_a_era_pos_jornalismo)>. Acesso: 20 set. 2013.

<sup>44</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/midia-ninja-9406383#ixzz2f7R3LhTH>>. Acesso em: 18 set. 2013.

que pessoalmente possui preferências políticas, mas afirma que a Mídia Ninja está “próxima de tudo ao mesmo tempo”.

Estamos próximos de quem defende que as políticas aconteçam, para que a lógica distribuída aconteça, que os diálogos com os movimentos sociais aconteçam. Eu particularmente estou próximo de uma esquerda. De um processo mais igualitário, processo de construção conjunta e etc.. . (CAPILÉ, 2013b)

Bruno Torturra também revela se identificar mais com os “valores de esquerda” e admite ser um dos fundadores do movimento pela aprovação da proposta do partido REDE Sustentabilidade, liderado pela ex-ministra do meio ambiente Marina Silva. No entanto, deixa claro achar a questão do posicionamento político “complexa”. “Sei das limitações que qualquer organização partidária tem para não me sentir suficientemente representado para falar eu sou da REDE, eu sou do PT. Politicamente eu venho muito mais do jornalismo.” (TORTURRA, 2013)

A respeito da sustentabilidade da Mídia Ninja, o jornalista Caio Túlio Costa pergunta: “como será possível rentabilizar este tipo de jornalismo feito no calor do momento, com transmissões, muita tecnologia, e apropriação de redes privadas, a altura da necessidade dos profissionais envolvidos?”. Em resposta, Pablo Capilé afirma acreditar que hoje se vive um momento de crise de intermediários na mídia. Assim como as grandes gravadoras perderam seu lugar central na indústria musical com a popularização da internet, Capilé defende que as empresas de comunicação perderão sua função de intermediar a relação do público com a informação.

Bruno Torturra responde a questão trazendo pontos de vista que afirma serem característicos da era do “jornalismo pós-industrial”. Torturra diz acreditar que a lógica do pós-industrialismo exige que o jornalismo não seja mais encarado como uma atividade industrial ou uma fonte exclusiva de lucro para uma empresa.

Acho que nas últimas décadas a informação foi cada vez mais sendo tratada como um commodity. O próprio modo como os jornais migraram para a internet, eles não entenderam que a rede deveria pressupor uma outra lógica econômica. (TORTURRA, 2013)

Para os integrantes da Mídia Ninja, a crise do jornalismo, além de financeira, também é uma crise de representatividade. Pablo Capilé afirma que a mídia tradicional, hoje, apresenta ao público um modelo de jornalismo “sem credibilidade” e “vigor para tentar se resignificar porque ainda não saiu do modelo industrial”. Diante disso, acrescenta que as manifestações e a Mídia Ninja surgem para propor uma nova maneira de pensar e incitar um novo formato de

jornalismo. “Acho que esse movimento de rede de rua e movimento como a Mídia Ninja vão conseguir trazer um oxigênio para o que a gente chama de velha mídia”. (CAPILÉ, 2013b)

As reflexões e discussões sobre a Mídia Ninja posteriores à entrevista exibida pelo Roda Viva giraram principalmente em torno de depoimentos e denúncias que surgiram na internet sobre o Fora do Eixo. Relatos de ex-integrantes do circuito repercutiram com expressividade nas redes sociais sustentando denúncias contrárias ao não pagamento de artistas, a centralização da liderança da rede na figura de Pablo Capilé, a falácia dos números divulgados pelo Fora do Eixo para dimensionar sua estrutura organizacional, entre outras diversas acusações.

A legitimidade da identidade independente e horizontal da Mídia Ninja também foi colocada em questão após a constatação de que a rede que financia o projeto, o Fora do Eixo, recebe verba de editais e que seus idealizadores possuem ligações declaradas com partidos políticos. De heróis à vilões, os ninjas em menos de um mês perderam muitos admiradores que deixaram de confiar em seu discurso de transparência e liberdade. Na página do *facebook* do coletivo de mídia livre, dentre os comentários de apoio à coragem e determinação do grupo surgem contestações e questionamentos voltados principalmente ao critério de noticiabilidade dos ninjas. A principal crítica do público se direcionou para a omissão da Mídia Ninja em relação ao caso do mensalão, levantando mais suspeitas de que o coletivo teria relações diretas com o Partido dos Trabalhadores.

## 5 PERCEPÇÕES SOBRE AS COBERTURAS DA MÍDIA NINJA COMO PRÁTICAS JORNALÍSTICAS

A Mídia Ninja apresenta em sua autodefinição as legendas “narrativas independentes” e “jornalismo”. A percepção do que de fato estava sendo transmitido por esta iniciativa de mídia independente dividiu opiniões entre especialistas da comunicação e aqueceu debates no meio acadêmico sobre o que define e caracteriza a prática jornalística no mundo contemporâneo. Narrativas subjetivas sem edições poderiam ser definidas como jornalismo? O que esta iniciativa autointitulada como midialivista traz de novo que se confronta com os paradigmas do jornalismo tradicional? Foi ele capaz de influenciar, de alguma forma, a grande mídia durante a cobertura das manifestações?

Estas foram algumas das principais questões que pautaram debates de comunicação desde que as transmissões ninjas conquistaram notório reconhecimento durante as manifestações que irromperam em junho de 2013 no Brasil. No entanto, antes de explorar as reflexões sobre estes e demais pontos importantes que foram colocados no contexto desta discussão, é interessante analisar como especialistas interpretaram tamanha repercussão destas coberturas simultâneas.

Alguns pesquisadores e profissionais da área defendem que a próspera repercussão das narrativas audiovisuais produzidas pela Mídia Ninja pode ser entendida como sintoma de uma crise pela qual o jornalismo tradicional vem enfrentando nas últimas décadas. Além da tensão gerada pela amplitude de informações oferecidas pela Internet, acredita-se que os principais veículos de comunicação do país estejam diante de questões problemáticas como a falta de credibilidade com o público.

Em depoimento durante o programa Observatório da Imprensa<sup>45</sup>, no dia 11 de agosto deste ano, em que se debatia a qualidade jornalística do grupo Mídia Ninja, o jornalista Leonel Aguiar relaciona a crise do jornalismo a uma questão histórica remanescente do período antidemocrático da política nacional. Segundo Leonel, a imagem da grande imprensa que se beneficiou da ditadura militar ainda se sustenta no imaginário da população, o que mantém a percepção de que os grandes veículos de comunicação do país não transmitem informações com pluralidade de discursos.

Já o jornalista Gustavo Gindre ressalta um processo de crise mais recente, afirmando que o ambiente interativo e multimídia do ciberespaço “expôs de uma maneira inevitável os

---

<sup>45</sup> Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=GDqITTVPo4>> Acesso em 10 out. 2013.

problemas de gestão das empresas familiares que controlam a mídia no Brasil”<sup>46</sup> e também as incoerências entre os princípios editoriais e o jornalismo de fato transmitido nos veículos tradicionais. No contexto das manifestações, Gindre afirma ter sido “fantástico ver como a grande mídia teve sua parcialidade exposta pelo simples contraste com a cobertura em tempo real dos ninjas”. (GINDRE, 2013)<sup>47</sup>

Durante as manifestações, o ataque à grande imprensa através de palavras e gestos dos manifestantes evidenciou um real nível de insatisfação em relação ao jornalismo da mídia hegemônica. Carros com a logomarca de grandes empresas de comunicação sendo tombados e jornalistas sendo expulsos de passeatas foram cenas recorrentes durante os protestos.

Para o jornalista Mauro Malin, que também participou no debate no programa Observatório da Imprensa, as transmissões ninjas se fortaleceram sobre a falha do jornalismo da mídia tradicional que se manteve rígido e muitas vezes distante do público, sem abrir espaço para depoimentos ou debates espontâneos, que não passassem pelo crivo da pré-edição. “A TV Globo não faz debate ao vivo de nada, nem de futebol. Então, existe um problema que provoca uma repulsa muito grande” (MALIN, 2013)<sup>48</sup>.

Em audiência pública no Congresso Nacional, no dia 17 de novembro, Bruno Torturra expôs que o grupo surgiu da percepção de que o jornalismo vive uma crise “existencial”. Torturra explica que a ideia inicial era absorver jovens que tinham desejo de entrar no universo midiático, mas não encontravam espaço nas grandes empresas de comunicação.

No entanto, a suposição de uma crise do jornalismo tradicional não justifica inteiramente porque o coletivo, que já atuava desde 2012, só conquistou notável repercussão com as manifestações. Filipe Peçanha, integrante da Mídia Ninja, declara em entrevista à autora<sup>49</sup> que a partir da cobertura das manifestações o coletivo “passou a falar para além da bolha”. Antes dos protestos, as transmissões em tempo real, bem como a programação da Pós TV de maneira geral, alcançavam públicos, não simplesmente insatisfeitos com o jornalismo tradicional, mas que já eram envolvidos com militância e pesquisavam sobre temas políticos e sociais.

Peçanha diz acreditar que foi por estarem “na hora certa e no lugar certo”, com uma experiência de coberturas em tempo real na bagagem, que os ninjas conseguiram se destacar da maneira como foi vista. Além de defender que o formato das transmissões foi atraente para

---

<sup>46</sup> Disponível em < <http://gindre.com.br/midia-ninja-a-crise-da-abril-e-o-esfeito-estufa-como-criterio-de-desempate-na-copa-do-mundo/>> Acesso em: 20 out. 2013.

<sup>47</sup> Disponível em < <http://gindre.com.br/midia-ninja-a-crise-da-abril-e-o-esfeito-estufa-como-criterio-de-desempate-na-copa-do-mundo/>> Acesso em: 20 out. 2013.

<sup>48</sup> Disponível em < <http://www.youtube.com/watch?v=GDqITTVPo4>>. Acesso em: 15 out. 2013.

<sup>49</sup> Ver Anexo C



o público “desorganizado”, ou seja, não envolvido em movimentos sociais, Peçanha defende que a capacidade de transmitir informações de diversos pontos do país também foi um diferencial que fez com que o coletivo midialivrista alcançasse relevantes índices de audiência.

A jornalista e professora da Universidade Federal Fluminense Sylvia Moretzsohn defende, em entrevista à autora<sup>50</sup>, que o rompimento com os padrões jornalísticos da mídia tradicional, principalmente no que diz respeito às “coberturas a contracorrente”, foi o principal fator de destaque das narrativas produzidas pela Mídia Ninja. Na opinião da professora da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Ivana Bentes, o fato das coberturas ninjas transmitirem informações parciais, em tempo real, direto das multidões até altas horas, quando os jornalistas da grande mídia “já tinham ido para casa”, chamou a atenção e provocou comoção no público, como afirma em entrevista à autora.<sup>51</sup>

Ao questionar e atravessar princípios fundamentais do padrão jornalístico da mídia tradicional, a iniciativa, que se autodeclara também como jornalismo, coloca em xeque uma série de definições e percepções sobre o jornalismo contemporâneo.

Em editorial, no programa Observatório da Imprensa dedicado ao debate sobre a Mídia Ninja, o jornalista Alberto Dines reconhece o coletivo midialivrista como um fenômeno capaz de provocar a acomodada imprensa tradicional. Dines afirma que “tal como a imprensa alternativa dos anos 60 e 70, os ninjas podem revitalizar um processo jornalístico que na última década só se preocupou com a sua própria sobrevivência” (DINES, 2013)<sup>52</sup>. Para o jornalista, é possível localizar as coberturas da Mídia Ninja sobre duas perspectivas tendo como princípios de análise as ferramentas tecnológicas usadas e o discurso ativista. Segundo Dines, o trabalho do coletivo “pode ser visto como o jornalismo cidadão, sonhado a partir das novas tecnologias, ou como um jornalismo marginal, herdeiro direto dos quatro séculos de inconformismo da imprensa histórica.” (DINES, 2013)<sup>53</sup>

A constatação de que a Mídia Ninja faz jornalismo é também para Muniz Sodré, jornalista e professor da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, uma afirmação evidente. O professor defende, em artigo publicado no portal do Observatório da Imprensa, que a postura politizada e, por isso, imparcial dos ninjas não anula o fato de suas

---

<sup>50</sup> Ver Anexo A

<sup>51</sup> Ver Anexo B

<sup>52</sup> Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=GDqITTVPo4>> Acesso em: 12 out. 2013.

<sup>53</sup> Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=GDqITTVPo4>> Acesso em: 12 out. 2013.

transmissões serem jornalísticas. Para Sodré “é hipócrita e jurássica a definição de jornalismo atravessada por protestos de objetividade”. (SODRE, 2013)<sup>54</sup>.

Em entrevista introdutória ao já citado debate no programa Observatório da Imprensa, Ivana Bentes comenta a crise do jornalismo tradicional e defende a necessidade de se repensar o que define esta prática.

A crise, talvez, do jornalismo, é justamente essa crise do especialista, do mediador, achar que a produção de imagem, de vídeo, de texto, é algo restrito a uma corporação. A partir do momento em que eles (ninjas) param, dialogam, perguntam as razões, divergem e tomam partido, vão abaixo uma série de clichês e mitologias em torno do jornalismo. Acho um momento bacana de desmistificação do que é o jornalismo. (BENTES, 2013)<sup>55</sup>

Ao contrário do que acredita Bentes, Moretzsohn, defende que as coberturas da Mídia Ninja ferem um princípio básico do jornalismo, não por assumirem sua parcialidade, mas sim por desconsiderarem o clássico papel do jornalista como mediador.

Uma coisa é assumir de que lado se está, outra é ignorar a necessidade de preservar o papel de mediador que todo jornalista precisa exercer, independentemente da ideologia. Para esclarecer: mediação não significa imparcialidade, nem mesmo equilíbrio – se pensarmos na metáfora do fiel da balança –, porque o jornalismo produzido numa sociedade desigual não pode forjar um equilíbrio inexistente; significa filtrar as informações para estabelecer um quadro compreensível da realidade. (MORETZSOHN, 2013a)<sup>56</sup>

Em entrevista à autora, a professora da UFF explica que não é possível encontrar em qualquer narrativa jornalística “a objetividade absoluta nem a subjetividade absoluta”<sup>57</sup>. A objetividade, segundo Moretzsohn, se apresenta em qualquer notícia a partir do momento em que argumentos são justificados por fatos, ao passo que a subjetividade inevitavelmente está presente no momento em que se transmite uma informação sobre determinada perspectiva.

Por isso, a ausência de mediação nas coberturas da Mídia Ninja, citada por Moretzsohn, está relacionada com a falta de distanciamento para observar os fatos e a carência de um processo de edição e contextualização que transmita claramente ao público, de maneira organizada, um sentido sobre o acontecimento, características que, segundo Moretzsohn, são fundamentais no jornalismo. Em artigo publicado no portal Observatório da Imprensa, Moretzsohn defende que o

<sup>54</sup> Disponível em <[http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a\\_velha\\_nova\\_midia](http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a_velha_nova_midia)>. Acesso em: 28 set. 2013.

<sup>55</sup> Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=GDqITTVPo4>> Acesso em: 12 out. 2013.

<sup>56</sup> Disponível em: <[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed756\\_a\\_militancia\\_e\\_as\\_responsabilidades\\_do\\_jornalismo](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed756_a_militancia_e_as_responsabilidades_do_jornalismo)>. Acesso em: 10 out. 2013.

<sup>57</sup> Ver Anexo A

Jornalismo exige apuração – que obviamente vai muito além do testemunho – e edição. Editar é fazer escolhas criteriosas: exige distanciamento para avaliar e dar algum sentido ao que se passa. Editar exige bem mais que o ímpeto e a coragem de se misturar à multidão: exige qualificação. E dá trabalho. Muito trabalho. (MORETZSOHN, 2013b)<sup>58</sup>

O jornalista Gustavo Gindre publicou em seu blog, no dia 7 de agosto, um depoimento em que também faz uma crítica à falta de edição e distanciamento das coberturas da Mídia Ninja. Segundo o jornalista, não se trata de defender a imposição de um sentido único para os acontecimentos noticiados, mas sim de propor ao público reflexões e análises sobre determinado fato de forma a contribuir com a construção do pensamento crítico diante da realidade.

Uma mídia democrática não deveria nos imputar um sentido único para os fatos. Mas, tampouco poderia abrir mão de tentar construir sentidos possíveis. O jornalismo não pode abdicar de seu papel socialmente relevante de construir cenários, analisar contextos, propor alternativas e sugerir nexos casuais. E isso a simples cobertura em tempo real não nos fornece. (GINDRE, 2013)<sup>59</sup>

Ao contrário do que pensam Moretzsohn e Gindre, Bentes afirma em entrevista à autora que a contextualização de eventos como as manifestações são mais efetivas quando feitas justamente em tempo real, através do diálogo com protagonistas do evento e da publicação imediata de acontecimentos. A professora diz acreditar que as transmissões ao vivo estimulam que o espectador analise muito mais do que quando a interpretação dos acontecimentos já está formulada.

Além de delegar ao público a função da edição e contextualização, as coberturas da Mídia Ninja também contam com a participação da audiência nos processos de apuração e de checagem. Bentes reconhece que este é um limite da Mídia Ninja, mas afirma, em entrevista à autora, que o método pode ser aprimorado com o aumento da mobilização de “expectadores qualificados para jogar informação no chat ou para retroalimentar o repórter com a informação mais qualificada.”<sup>60</sup>

Questão que para Moretzsohn é bastante complexa. Em entrevista à autora, a professora alerta que contar com o auxílio do público na garantia da credibilidade das informações é o mesmo que pressupor que todos os expectadores envolvidos estão interessados em compartilhar informações verídicas. “É considerar que a sociedade não é

<sup>58</sup> Disponível em: < [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/uma\\_critica\\_a\\_contracorrente](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/uma_critica_a_contracorrente)>. Acesso em: 10 set. 2013.

<sup>59</sup> Disponível em < <http://gindre.com.br/midia-ninja-a-crise-da-abril-e-o-esfeito-estufa-como-criterio-de-desempate-na-copa-do-mundo/>> Acesso em: 20 out. 2013.

<sup>60</sup> Ver Anexo B

hierarquizada, não tem grupos de interesse, não tem lobbys, não tem assessorias, não tem, enfim, instituições que estão envolvidas e voltadas para plantar determinadas informações e um determinado enfoque sobre a realidade.”<sup>61</sup>

Segundo a jornalista, o coletivo se submete à mesma condição irreal quando propõe a construção de um mosaico de parcialidades do qual uma visão mais ampla sobre a realidade poderá ser anunciada. Moretzsohn alerta que a proposição de que qualquer pessoa pode construir narrativas informativas abre precedentes para diversos tipos de manipulações ou deturpações da informação. A professora defende que “as pessoas podem falar as coisas porque não são jornalistas. São cidadãos. O que difere as pessoas que podem falar tudo, divulgar tudo, postar tudo do jornalista, seja o da grande imprensa ou o de jornalismo comunitário, alternativo, seja o que for, é o compromisso com a credibilidade.”<sup>62</sup>

Elias Machado, jornalista e professor na Universidade Federal de Santa Catarina, destaca que “além de em muitos casos desconhecer as normas mais simples de apuração, edição e narração, os Ninja, ao contrário dos jornalistas que têm uma deontologia própria, são movidos por uma ideologia militante.”(MACHADO, 2013)<sup>63</sup> Moretzsohn reconhece, em entrevista à autora, que o jornalismo nasce político e que, portanto, o ativismo desde sempre acompanhou esta atividade. No entanto, afirma que a parcialidade declarada dos ninjas, somada a sua postura militante em defesa de determinadas causas sociais, acaba por inibir a multiplicidade de vozes e perspectivas que teoricamente o jornalismo teria o dever de oferecer. Segundo Moretzsohn, a Mídia Ninja atua “em um nível de militância que é esse de excluir a possibilidade do contraditório e desqualificar o contraditório.”<sup>64</sup>

Bentes concorda que no caso da Mídia Ninja, “o próprio jornalista, não se distingue do ativista e do manifestante”<sup>65</sup>, o que segundo a professora é uma grande diferenciação do trabalho feito pelo coletivo em relação às coberturas da mídia tradicional. No entanto, ao contrário de Moretzsohn, Bentes defende que o midiativismo da Mídia Ninja, além de ser uma ação de intervenção direta no fato, é também jornalismo. Para a professora, a postura ativista durante as manifestações não anula a capacidade do veículo de transmitir uma pluralidade de vozes e percepções necessárias à atividade jornalística. Em sua opinião, a quantidade de pessoas entrevistadas por um ninja durante um ato é capaz de oferecer ao público uma

---

<sup>61</sup> Ver anexo A

<sup>62</sup> Ver anexo A

<sup>63</sup> Disponível em: < [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed764\\_o\\_enigma\\_dos\\_ninja](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed764_o_enigma_dos_ninja)>.

Acesso em: 10 out. 2013.

<sup>64</sup> Ver anexo A

<sup>65</sup> Ver anexo B

multiplicidade de pontos de vista muito maior do que uma transmissão feita pela Globo News, por exemplo, que é considerada jornalística.<sup>66</sup>

Para a professora da Escola de Comunicação da UFRJ, a Mídia Ninja inova ao trazer para a cobertura das manifestações, e para a atual discussão sobre os padrões jornalísticos, “essa disponibilidade de um jornalismo de intervenção”<sup>67</sup> que, ao mesmo tempo em que notícia, é também protagonista e agente transformador do fato. Muniz Sodré aponta que, além da ligação com os eventos, também é possível considerar o “uso de *gadgets* eletrônicos e de redes sociais” (SODRÉ, 2013)<sup>68</sup>, como uma novidade proposta pela Mídia Ninja.

Jornalistas e pesquisadores como Antônio Brasil e Elias Machado afirmam que as tecnologias utilizadas durante as coberturas Ninja foram capazes de influenciar até mesmo a imprensa tradicional. Machado cita, em artigo publicado no portal Observatório da Imprensa, o fato de jornalistas da Globo News terem realizado transmissões via celulares durante os protestos que ocorreram no dia 7 de setembro de 2013, com um exemplo indicador de que jornais tradicionais teriam se apropriado do modelo de transmissão inaugurado nas manifestações pelo coletivo midialivista.

A adoção pelo jornalismo profissional dos parâmetros de cobertura dos Ninja demonstra que fenômenos desta natureza devem sempre ser avaliados sem preconceitos e precisam antes de mais nada ser compreendidos no contexto das transformações profundas pelas quais passam as sociedades contemporâneas em suas estruturas de comunicação midiáticas. (MACHADO, 2013)<sup>69</sup>

Contrária a este ponto de vista, Sylvia Moretzsohn defende que motivo pelo qual jornais tradicionais teriam passado a usar celulares para cobrir as manifestações se aproxima muito mais de uma tentativa de não sofrer repressões durante os atos do que de uma preocupação de assimilar suas transmissões ao formato dos ninjas. Segundo a professora, os efeitos das coberturas da Mídia Ninja na mídia tradicional podem ser vistos não na tecnologia ou na estética das transmissões, mas sim na forma como os protestos passaram a ser noticiados com maior ênfase. Moretzsohn afirma que a Mídia Ninja “tem um papel importante de forçar a necessidade da cobertura ao vivo e sem grandes distanciamentos ou manipulações.”<sup>70</sup>

A pesquisadora e professora da UFF declara que a principal provocação feita pela Mídia Ninja ao debate sobre o padrão jornalístico instaurado nos últimos anos está

---

<sup>66</sup> Ver Anexo B

<sup>67</sup> Ver Anexo B

<sup>68</sup> Disponível em: < [http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a\\_velha\\_nova\\_midia](http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a_velha_nova_midia)>. Acesso em: 29 ago. 2013.

<sup>69</sup> Disponível em < [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed764\\_o\\_enigma\\_dos\\_ninja](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed764_o_enigma_dos_ninja)>

Acesso em: 1 nov. 2013

<sup>70</sup> Ver Anexo A

relacionada ao resgate do repórter nas ruas. Em artigo publicado no portal Observatório da Imprensa, Moretzsohn (2013a)<sup>71</sup> afirma que a Mídia Ninja surge para propor a “recuperação da reportagem de rua que o jornalismo tradicional fazia em outros tempos e começou progressivamente a deixar de fazer”

Em Audiência Pública no Congresso Nacional, Bruno Torturra expõe uma visão crítica a respeito do distanciamento do jornalismo praticado nos principais veículos de comunicação. Em seu depoimento, o jornalista transmite diretamente a mensagem que a Mídia Ninja faz questão de reafirmar a cada cobertura: “Em vez de o comunicador ficar na torre de marfim dele, ele precisa vir mais para o chão. Precisa vir mais para a rua que é o lugar que o repórter deveria estar sempre e não no vigésimo andar de um prédio que não se sustenta mais”<sup>72</sup>

Independente de terem adotado o formato semelhante ao das transmissões feitas pela Mídia Ninja por estratégia de infiltração nas manifestações ou por apropriação da estética normalmente usada pelo coletivo, é um fato que alguns repórteres da mídia hegemônica deixaram posições de distanciamento para tentar uma aproximação maior com o público. Postura que, por um lado, mostra que a mídia hegemônica está aberta a novas estratégias de cobertura, mas que, por outro, realça a diferença entre os discursos. A nova questão que se coloca já não é apenas a da tecnologia em si, mas, sim, a maneira de usá-la.

O jornalista Mauro Malin defende que a Mídia Ninja pode contribuir com novos pontos de vista como uma mídia alternativa, por não estar atrelada a interesses de poder ou a velhos hábitos da profissão. Enquanto os veículos da imprensa tradicional possuem amarras políticas, os integrantes da Mídia Ninja, segundo o jornalista, “vão para a rua sem esse compromisso e captam o clima de uma manifestação vulcânica que ninguém podia prever”. (MALIN, 2013)<sup>73</sup>

Leonel Aguiar ressalta que além de atuar como uma mídia alternativa, ou seja, aquela que propõe conteúdos complementares ao que já foi apresentado pela mídia hegemônica, a Mídia Ninja também foi capaz de propor pautas para a imprensa tradicional. O coordenador do curso de Comunicação Social da Puc-Rj aposta que fenômeno da Mídia Ninja “vai contaminar a grande imprensa e, inclusive, os cursos de jornalismo”.(AGUIAR, 2013)<sup>74</sup>

<sup>71</sup> Disponível em:<

[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/\\_ed756\\_a\\_militancia\\_e\\_as\\_responsabilidades\\_do\\_jornalismo](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed756_a_militancia_e_as_responsabilidades_do_jornalismo)> Acesso em: 13 set. 2013.

<sup>72</sup> Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?feature=player\\_detailpage&v=sOlwLrHvZcQ#t=5102](http://www.youtube.com/watch?feature=player_detailpage&v=sOlwLrHvZcQ#t=5102)>. Acesso em: 15 out. 2013.

<sup>73</sup> Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=\\_GDqITTVPo4](http://www.youtube.com/watch?v=_GDqITTVPo4)>. Acesso em: 02 nov. 2013.

<sup>74</sup> Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=\\_GDqITTVPo4](http://www.youtube.com/watch?v=_GDqITTVPo4)>. Acesso em: 02 nov. 2013.

## 6 CONCLUSÃO

Com base na análise das considerações apontadas nesta pesquisa a respeito das coberturas realizadas pela Mídia Ninja no período de maior intensidade das manifestações que tomaram as ruas do país em 2013, é possível notar um considerável desvio entre o trabalho do coletivo e o que se entende teoricamente como jornalismo. A falta de distanciamento para analisar os fatos retratados, a inexistência de um processo de síntese dos registros audiovisuais, a ausência de uma interpretação sobre os acontecimentos, a deficiência quanto à apuração e checagem das informações divulgadas são alguns dos principais pontos que nos mostram o quanto as transmissões ninjas se afastam do ideal de jornalismo em suas definições tradicionais.

Ainda assim, como bem afirma Ivana Bentes, em entrevista à autora, a Mídia Ninja foi capaz de “disputar o sentido das manifestações” com a grande imprensa e de, certas vezes, alterar o agendamento das notícias dos veículos tradicionais.<sup>75</sup>. Além de resignificar aquilo que estava sendo mostrado por transmissões majoritariamente distanciadas das multidões, o coletivo de Mídia Livre foi capaz de pautar a grande imprensa tanto através da pressão para que determinados eventos fossem cobertos, como pela produção de materiais que retratavam fatos exclusivos, muitas vezes protagonizados pelos próprios ninjas, que inevitavelmente foram usados ou acompanhados pelo jornalismo tradicional.

Apesar de não ser uma novidade, o midiativismo praticado pela Mídia Ninja relembrou a importância do jornalista estar nas ruas vivenciando os acontecimentos e dialogando diretamente com os atores neles envolvidos. Desta maneira, levantou-se uma relevante discussão sobre o processo de afastamento do cotidiano “real” pelo qual os jornalistas foram condicionados nas últimas décadas muito em função das facilidades trazidas pela internet e do fortalecimento da influência das assessorias de imprensa. As coberturas subjetivas em tempo real também questionaram o ideal de imparcialidade ainda sustentado pelos veículos da mídia hegemônica e mostraram como iniciativas populares, mesmo que amadoras, são capazes de provocar até mesmo os pilares que se impõem como inabaláveis.

O fato de a Mídia Ninja estar nas ruas produzindo informação pode ser entendido como uma forma de ativismo semelhante às ações do Centro de Mídia Independente. Ambos fazem uma crítica prática ao modelo tradicional de jornalismo e se colocam como uma fonte de informação não apenas alternativa, mas também propositiva de novas pautas. Assim como

---

<sup>75</sup> Ver Anexo B

as primeiras coberturas do CMI, as transmissões da Mídia Ninja também representam uma ação que supera a contestação verbal. Nestes casos, a demonstração de insatisfação ultrapassa os limites do discurso para alcançar uma zona de atuação prática. Ação possível a partir da mobilização e do protagonismo de não profissionais dispostos a produzir conteúdos que evidenciam um novo olhar sobre a realidade, ainda que não com o mesmo alcance e nível de qualidade técnica da mídia hegemônica.

Neste ponto, é possível identificar conexões entre o trabalho desenvolvido pela Mídia Ninja e certos princípios da Comunicação Comunitária, como o envolvimento de cidadãos comuns nos processos informativos, a democratização da comunicação como horizonte e a divulgação de pautas não contempladas pela mídia tradicional. No entanto, não é possível afirmar que a Mídia Ninja faça parte desta vertente da comunicação popular, por ambas apresentarem diferenças em aspectos centrais como, por exemplo, na questão do vínculo com uma comunidade específica e com as classes subalternas.

O estímulo à participação de cidadãos multimídia também aproxima a Mídia Ninja dos ideais do Jornalismo Colaborativo, que prevê a construção de conteúdos de forma participativa e descentralizada. No entanto, por entender que a Mídia Ninja possui uma linha editorial, um núcleo responsável por selecionar o que é divulgado em sua página, ou coberto por seus colaboradores, e um vínculo direto com uma organização, o Fora do Eixo, poderia ser um equívoco afirmar com precisão que a iniciativa se encaixa perfeitamente nas definições do Jornalismo Colaborativo.

Por não propor somente um olhar contrário e diferenciado sobre o que é pautado pela imprensa tradicional, a Mídia Ninja tampouco pode ser definida apenas como uma iniciativa de mídia Alternativa. Partindo do entendimento de que ela incentiva a participação popular nos processos informativos, se inspira nas tradições da mídia contra-hegemônica e absorve certas características da Comunicação Comunitária e Alternativa, acredita-se que a melhor maneira de classificar a Mídia Ninja seria pela forma como ela mesma se autodefine: uma iniciativa de Mídia Livre. Além de combinar influências de iniciativas tradicionais na luta pela democratização da comunicação, o trabalho do coletivo utiliza intensamente as potencialidades das novas tecnologias da informação, defende a liberdade de criação e compartilhamento na rede e se apropria de pautas defendidas por movimentos sociais para exercer o ativismo em amparo de causas que não possuem ampla visibilidade na mídia tradicional.

A postura militante levada às ruas pelos ninjas acompanha seu objetivo de transmitir em tempo real um conteúdo informativo capaz de se diferenciar daquilo que é publicado nos



principais veículos da mídia hegemônica. A partir das reflexões reunidas nesta pesquisa, é possível apontar que as coberturas da Mídia Ninja estão localizadas na intersecção entre o ativismo e o jornalismo e, a partir desta combinação, exploram as potencialidades dos recursos da comunicação eletrônica para experimentar possibilidades no processo informativo.

As “Narrativas Independentes”, que compõe o acrônimo Ninja, podem ser interpretadas como a *síntese dialética* entre o jornalismo e o ativismo, ambos presentes e ao mesmo tempo conflitantes no trabalho realizado pelo coletivo. Não há, nas transmissões em tempo real feitas durante as manifestações, só ativismo ou só jornalismo. No entanto, ao mesmo tempo em que negam as duas definições, os conteúdos audiovisuais produzidos pelos ninjas as reúnem de forma resignificada, abrindo espaço para uma terceira ação resultante: as narrativas independentes. Subjetivas, intervencionistas, informativas e interativas, estas narrativas provocam comoção, mobilização, e, muitas vezes, são capazes de mudar o próprio curso dos acontecimentos. Ao mesmo tempo em que fizeram dos protestos um espetáculo midiático em tempo real, as narrativas também se configuraram como uma fonte de informação e de denúncia de notória relevância. A combinação entre o espetáculo e a informação, já vista diversas vezes na mídia tradicional, se repete, desta vez, em um território de protagonismo popular somada ao discurso tomado pelo ativismo. Alquimia de elementos em processo de ebulição que a cada novo tempo promete se reconfigurar em uma nova substância.

Entendendo a atualidade do tema tratado neste trabalho, é necessário sugerir desdobramentos para novos estudos que poderão ampliar esta linha de análise e aprofundar seus conhecimentos teóricos. Cabe pontuar a possibilidade de continuidade desta pesquisa a partir de um estudo de recepção, que avaliasse a opinião pública em relação às transmissões em tempo real enquanto conteúdos informativos, sem ignorar a maneira como o público interage com a espetacularização da vida real contemporânea, em que o cotidiano é frequentemente midiaticizado. Outra proposta seria o desenvolvimento de uma análise qualitativa capaz de explorar as potencialidades, os limites e as novas aplicações de recursos tecnológicos de transmissões em tempo real em processos informativos tanto da mídia contra-hegemônica quanto da mídia tradicional.

É interessante propor, ainda, uma pesquisa que avalie, a partir da análise de diversos veículos de comunicação e de entrevistas com profissionais da área, até que ponto os próprios conceitos que definem o jornalismo tradicional são capazes de representar esta atividade que passou por transformações tão significativas ao longo do processo de desenvolvimento das

novas tecnologias de informação. Por fim, é pertinente sugerir um estudo de mapeamento e reconhecimento dos coletivos, também intitulados como midialivristas, que surgiram com as manifestações iniciadas em junho de 2013 no Brasil. Este estudo seria interessante para trazer um entendimento sobre a dimensão do estouro destas iniciativas, traçar um perfil destes mobilizadores, bem como contribuir com um processo de compreensão mais amplo sobre estas novas iniciativas de produção de conteúdo no ciberespaço.

## REFERÊNCIAS

- ALTENFELDER, F. Pós TV é o canal de comunicação do Circuito Fora do Eixo na Internet . **Portal Ação**, 21 de maio, 2013. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/acao/noticia/2013/04/pos-tv-e-o-canal-de-comunicacao-do-circuito-fora-do-eixo-na-internet.html>>. Acesso em: 15 out. 2013
- ANTOUN, H. **Jornalismo e ativismo na hipermídia**: em que se pode reconhecer a nova mídia. Revista FAMECOS, Porto Alegre, n. 16, dez. 2001. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/view/274/208>>. Acesso em: 20 de setembro, 2013.
- BELOCHIO, V. A cauda longa da informação e suas implicações no jornalismo: estratégias comunicacionais, remediação e des-re-territorialização. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 6., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: UMESP, 2008. Disponível em <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/viewArticle/3608>> Acesso em: 15 out. 2013.
- BRASIL, A. Os Ninjas da GloboNews. **Observatório da Imprensa**, set. 2013. Disponível em <[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed763\\_os\\_ninjas\\_da\\_globonews](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed763_os_ninjas_da_globonews)>. Acesso em: 16 out. 2013.
- BRESSANE, R. Guerra aos memes. **Revista Piauí**, n. 82, jul. 2013. Disponível em: <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-82/esquina/guerra-dos-memes>. Acessado em: 16 set. 2013.
- CASTELLS, M. A Internet e a sociedade em rede. **Trajectos**, n. 2, p.83-95, jan. 2003.
- CADERNOS da Comunicação. Imprensa alternativa: apogeu, queda e novos caminhos. Rio de Janeiro: Série Memória, v.13, 2005, 80 p.
- CAPILÉ, P. Uma entrevista com Pablo Capilé do Fora do Eixo. Entrevista concedida a André Forastiere. **Blog do Jornalista André Forastiere**, 16 ago. 2013a. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/blogs/andre-forastieri/2013/08/16/uma-entrevista-com-pablo-capile-do-fora-do-eixo/>>.
- \_\_\_\_\_. **Mídia Ninja**. Entrevista concedida a Mario Sergio Conti. Alberto Dines. Susana Singer. Eugênio Bucci. Caio Túlio Costa. Wilson Moherdau. Roda Viva. TV Cultura, 05 ago. 2013b
- DEUZE, M. Para compreender o impacto da Internet no jornalismo. **Trajectos**, n. 2, p.95-107, jan. 2003.
- FORA DO EIXO. **Carta de princípios**. Disponível em: <<http://foradoeixo.org.br/historico/carta-de-principios/>>. Acesso em: 16 set. 2013.
- \_\_\_\_\_. Edital de Vivência. **Pós TV- casas Fora do Eixo**. Disponível em: <<https://docs.google.com/document/d/1QnzU6sfZcXCgZLzrGi4LxrGtsdSWHQk8o6jLUZUA1Fw/edit>>. Acesso em: 17 set. 2013.

FROSSAD, F. **A biopolítica da mídia livre**: produção coletiva e colaborativa na rede. Um estudo do circuito Fora do Eixo. 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

GILLMOR, D. **We the Media**: online journalism and democracy. Graham Hovey lecture at the University of Michigan. Michigan, 2005.

GINDRE, G. Mídia Ninja, a crise na Abril e o efeito estufa como critério de desempate na Copa do Mundo. **Blog do Gindre**, 17 de ago. 2013. Disponível em <<http://gindre.com.br/midia-ninja-a-crise-da-abril-e-o-esfeito-estufa-como-criterio-de-desempate-na-copa-do-mundo/>> Acesso em: 20 out. 2013.

HERSCOVITZ, H.G. A Internet e o futuro dos jornalistas. **Revista brasileira de ciências da comunicação**, v. 26, n. 1, p. 11-25, jan./jun. 2003.

LASICA, J. D. What is Participatory Journalism?. **Online Journalism Review**, Aug. 7, 2003

LÉVY, P. **O que é o virtual**. São Paulo: Ed. 34, 1996. 160p.

MACHADO, E. Enigma dos Ninjas. **Observatório da Imprensa**, n 764, 17 set 2013.

Disponível em:

<[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed764\\_o\\_enigma\\_dos\\_ninja](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed764_o_enigma_dos_ninja)>.

Acesso em: 15 out. 2013.

MANUAL de redação: Folha de S.Paulo. São Paulo: Publifolha, 2010, 388p.

MÍDIA NINJA. **Pós Paes**. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/midiaNINJA/posts/205781782913308>>. Acesso em: 16 set. 2013.

MORAES, D.; RAMONET, I.; SERRANO, P. Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação. São Paulo: Boitempo: Rio de Janeiro: FAPERJ, 2003.183p.

MORETZSOHN, S. A militância e as responsabilidades do jornalismo. **Observatório da Imprensa**, n. 756, 23 set. 2013a. Disponível em:

<[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed756\\_a\\_militancia\\_e\\_as\\_responsabilidades\\_do\\_jornalismo](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed756_a_militancia_e_as_responsabilidades_do_jornalismo)>. Acesso em: 16 set. 2013.

\_\_\_\_\_. Uma crítica à contracorrente. **Observatório da Imprensa**, n. 759, 13 set. 2013b.

Disponível em:

<[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/uma\\_critica\\_a\\_contracorrente](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/uma_critica_a_contracorrente)>.

Acesso em: 16 set. 2013.

MOURA. B. Os ninjas na Prefeitura do Rio. **O Globo Online**, Rio de Janeiro, 22 julho de 2013. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/os-ninjas-na-prefeitura-do-rio-9116788#ixzz2f6mSCjCs>>. Acesso em: 16 set. 2013.

PAIVA, R. **O espírito comum**: comunidade, mídia e globalismo. Petrópolis: Vozes, 1998.

PEÇANHA, F. O Carioca, um dos repórteres NINJA detidos ontem pela PM do Rio.

**Facebook**, data. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/midiaNINJA/posts/207055739452579>>. Acesso em: 16 set. 2013.

PERUZZO, C.M.K. Revisitando os Conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária. In: CONGRESSO NACIONAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DE COMUNICAÇÃO, 2006, Brasília, DF. **Anais...** Brasília, DF: Intercom, 2006.

RÔNAI, C. **Mídia Ninja**. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/midia-ninja-9406383#ixzz2f7R3LhTH>>. Acesso em: 18 set. 2013.

ROCHA, J. Participatory Journalism: conceitos e práticas informacionais na Internet. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UERJ, 2005. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/147353390348056169662759200269693877176.pdf>> Acesso em: 28 out. 2010.

\_\_\_\_\_. Por uma cartografia da informação: funções do webjornalista no ciber mundo colaborativo. In: ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO, 12., 2009, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, 2009. Disponível em <<http://www.fnpj.org.br/soac/ocs/viewpaper.php?id=514&cf=18>> Acesso em: 1 out. 2013

SÁ, N. Grupo Mídia Ninja se projeta ao cobrir protestos ao vivo. **Folha de São Paulo**, 28 jul. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/07/1317943-grupo-midia-ninja-se-projeta-ao-cobrir-protestos-ao-vivo.shtml>>. Acesso em: 16 set. 2013.

SINGER, P. A recente ressurreição da economia solidária no Brasil. In: SANTOS, Boaventura de Sousa Santos (Org.) **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. Disponível em: <<http://www.ceeja.ufscar.br/a-recente-ressurreicao-singer>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

SODRÉ, M. **Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos**. Petrópolis: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. A velha nova mídia. **Observatório da Imprensa**, 13 ago. 2013. Disponível em <[http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a\\_velha\\_nova\\_midia](http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a_velha_nova_midia)>. Acesso em: 28 de setembro de 2013.

TOKUYO, C. Entrevista com Carol Tokuyo, da Universidade Fora do Eixo. **Educação e Participação**, 27 fev. 2013. Disponível em: <<http://www.educacaoeparticipacao.org.br/index.php/todas-entrevistas/119-politicas-de-educacao-integral/entrevista-politicas-de-educacao-integral/337-entrevista-com-carol-tokuyo-da-universidade-fora-do-eixo>>. Acesso em: 20 set. 2013.

TORTURRA, B. **Mídia Ninja**. Entrevista concedida a Mario Sergio Conti. Alberto Dines. Susana Singer. Eugênio Bucci. Caio Túlio Costa. Wilson Moherdauí. Roda Viva. TV Cultura, 05 ago. 2013

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo: por que as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2004a. v. 1.

\_\_\_\_\_. **Teorias do Jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2005b. v. 2.

**ANEXO A- Entrevista realizada, no dia 5 de novembro de 2013, com Sylvia Moretzsohn, professora de Jornalismo da Universidade Federal Fluminense.**

**Por que, em sua opinião, a Mídia Ninja se destacou com expressividade durante as coberturas das manifestações?**

Acho que o principal foi o fato de ter rompido com aquilo que a mídia faz, sobretudo quando se trata de coberturas à contracorrente. Aquilo que foge ao que está padronizado, fica fora do que eles estão acostumados a fazer. Eles vêm com essa câmera nervosa, com um celular em tempo real, e rompem com esse padrão imediatamente. Acho que é importante ver por esse lado de ser uma alternativa efetivamente àquilo que a mídia tradicional costumava fazer com todas as suas edições e suas pré-edições, eu diria, a tentativa de enquadrar os movimentos dentro de uma determinada lógica e tal.

**Muitos afirmam que seria reflexo de uma crise do jornalismo tradicional. Você concorda com isso?**

Acho que não. Todo mundo tem teorias imediatas. Se fala sobre a crise do jornalismo desde que o início da internet. Muito antes da Mídia Ninja. Falava-se: “agora então acabou o jornalismo, vamos ter outro jornalismo porque os cidadãos todos estão com capacidade de informar”. E eu acho isso um grande equívoco porque não se considera o que é o jornalismo efetivamente. O trabalho do jornalista, em princípio, e eu não estou nem discutindo se isso é realizado mesmo, se nas grandes empresas isso tem condição de ser realizado por conta dos interesses que estão em jogo, mas o trabalho clássico do jornalista é ser mediador e não um mensageiro. E isso implica uma atitude política. Você tem que ser capaz de estabelecer um distanciamento entre os fatos e o público, ser capaz de interpretar isso, para poder transmitir isso às pessoas.

Claro que as pessoas tentam se apropriar disso das mais variadas formas. Essa ideia de ser o mediador, ou seja, aquele que não interfere na realidade simplesmente transmite, é uma grande bobagem, mas é uma grande bobagem que tem sua influência política, que quer dizer: o jornalista não tem participação na realidade. Por outro lado, tem esse aspecto que é uma Mídia Ninja, ou qualquer outra dessas alternativas, que considera que vai legitimar a sua atividade a essa prática que fala de um determinado lugar, ou seja, não esconde de onde está falando, não é simplesmente isso. Ela não apenas não esconde de onde está falando, ela fala apenas o que ela quer. O que é uma coisa muito complicada.

Dependendo de como você encara essas múltiplas parcialidade que o Pablo Capilé falou que a Mídia Ninja transmite, você vai acabar permitindo que todo mundo seja parcial no pior sentido. No sentido de manipular a seu favor. Ou seja, você só mostra o que você quer. E eu acho que isso aí não é jornalismo e nunca foi, por mais que o jornalismo tradicional faça isso corriqueiramente. Isso é uma coisa que criticamos sistematicamente, mas o fato da gente criticar não quer dizer que a gente aceite isso no outro lado, que é o de que “já que manipulam pra cá vamos manipular para lá”. Não vamos manipular de jeito nenhum. Vamos interpretar da forma que a gente acha mais correta, mas, a princípio, apresentando maiores possibilidades de interpretação. E isso não é o que a Mídia Ninja faz de jeito nenhum e nenhuma outra mídia

dessas alternativas. Pelo contrário. Elas estão em um nível de militância que é esse de excluir a possibilidade do contraditório e desqualificar o contraditório.

**Você comentou o fato de as transmissões da Mídia Ninja serem muito parciais para só um lado, muito militantes. Eles criticam certos padrões jornalísticos, como de objetividade e neutralidade...**

Objetividade não é neutralidade. Neutralidade é uma coisa que não existe. Nem o juiz é neutro. Quando o juiz vai julgar, ele está julgando a partir da sua trajetória, do que ele incorporou como cultura, como política, enfim, aquilo que ele imagina que seja correto. Claro que ele não pode exacerbar, não pode fugir àquilo que está no código, enfim, nas bases onde ele vai buscar a fundamentação para julgar. Mas ele sempre vai julgar. Ele vai agravar ou relevar uma pena com base em uma série de coisas que são a compreensão que ele tem sobre a realidade. O jornalista, como qualquer outra pessoa, tem uma forma de estar no mundo, então não é neutro em momento algum.

Agora ser objetivo é outra história. O jornalismo não vive sem objetividade. O jornalismo vive da verdade factual. A objetividade é reconhecer que há uma realidade externa a nós. Isso a Marilena Chauí afirma em seu livro “Convite à filosofia”. Quando nós nascemos já existe alguma coisa que não conhecemos e que nós queremos capturar. Há um mundo externo a nós com o qual vamos interagir. Ou seja, você não tem nunca a objetividade absoluta nem a subjetividade absoluta. Do ponto de vista do jornalismo, você nunca tem só opinião e nem só informação. Você tem sempre as duas coisas. Você não tem opinião sem informação, ou seja, você tem que sustentar sua opinião a partir de fatos, mas não tem como transmitir fatos sem interferir neles, ou seja, sem dar uma interpretação, um sentido pra eles. Que pode ser correto ou não e isso é uma questão, eu diria, política, ideológica, que na medida em que você joga para o público isso vai ser reinterpretado.

Em princípio, quando se faz análise de mídia, você tem que fazer análise pensando na intenção que o jornal teve ao dar aquela matéria de determinada maneira, mas não que aquilo tenha sido incorporado pelo público da maneira que o jornal quis. O processo discursivo se dá nessa relação entre emissor e receptor. Você não tem só o receptor e nem só o emissor. Você tem um vínculo entre as duas coisas. O jornal tem que considerar que algumas coisas que ele vai publicar não vão ser bem aceitas.

**Então, a Mídia Ninja não foge da objetividade a partir do momento que ela noticia um fato que tá acontecendo, mas foge da imparcialidade, do tipo de jornalismo que diz ser imparcial.**

Certamente. Objetividade no sentido de não estar inventando. Mas não tem imparcialidade do mesmo jeito que a neutralidade. O problema que eu acho é que a Mídia Ninja fala que ela faz isso em nome da verdade. E a verdade é mais complicada do que isso. A questão é: você fala em nome da verdade no sentido de que é aquilo que está acontecendo, é o que efetivamente está acontecendo e a minha interpretação é a correta. O problema disso é que eu não estou abrindo margem a outras interpretações. A Mídia Ninja não dá isso. As mídias alternativas de uma forma geral não dão margem a isso. E a grande imprensa em geral também não dá. E o

que acontece? As mídias alternativas vêm com essa proposta de dar o lado contrário. Só que isso, do ponto de vista do público, é um inferno porque você não consegue se colocar no mundo, perceber as sutilezas e as contradições. É uma defesa de causa explícita. A militância, quando você pensa na militância de estar de um lado é uma coisa, mas a militância que pensa que este lado é o certo não dá margem a possibilidade de contradição, aí ferrou. Porque vira convicção.

### **É possível ser ativista e jornalista ao mesmo tempo?**

Não tem jornalista que não seja ativista. Eu sempre fui ativista. O jornalismo moderno nasce político. Quando o jornalismo nasce no iluminismo, com uma proposta de contestar o regime monárquico absolutista, ele começa a se estabelecer, a partir das revoluções burguesas, como uma atividade empresarial. Microscopicamente falando, porque em meados do século XIX não tinham grandes empresas. Esse afloramento do grande capital voltado para a atividade jornalística está permeado por todos os interesses de quem comanda. Então, o grande problema é que a transformação do jornalismo em alguma coisa que vai ser uma atividade comercial também está submetida às leis do mercado e às leis de quem comanda. Agora, isso não elimina o papel político do jornalismo. Há uma associação entre imprensa e poder ou contrapoder, mas a imprensa sozinha não faz nada e o poder sozinho também não faz nada diante da importância que a imprensa ganhou. Mas, a imprensa nasce política. Qualquer interpretação que você faça da realidade tem esse viés, por mais que você não perceba e não admita. Mas não é o fato de que a imprensa tem esse viés político que ela vai solapar o outro lado. O que é a tradição da imprensa brasileira. A imprensa brasileira é toda partidarizada.

### **A mídia Ninja afirma que reúne um apanhado de narrativas sobre um determinado fato e a partir daí o público pode ter uma visão sobre o que de fato aconteceu, sobre a realidade...**

Acho que isso é muito óbvio que não acontece é só você vê como eles reportam as coisas.

### **Mas a partir do momento que eles colocam que qualquer um pode fazer uma transmissão Ninja com seu próprio celular, será que eles não abrem possibilidade para diversos tipos de narrativas, até mesmo de outras visões?**

Isso é uma balburdia. Primeiro: quem é todo mundo? Essa ideia de que todo mundo pode falar tudo. Claro. As pessoas podem falar as coisas porque não são jornalistas. São cidadãos. O que difere as pessoas que podem falar tudo, divulgar tudo, postar tudo do jornalista, seja o da grande imprensa ou o de jornalismo comunitário, alternativo seja o que for, é o compromisso com a credibilidade. Com a verdade factual. Você é rigoroso naquilo que informa. O que mais tem na internet é cascata. As pessoas compram qualquer coisa, principalmente quando é verossímil. A questão da credibilidade é fundamental.

### **E a questão da checagem coletiva na internet?**

Primeiro, demora-se para checar. Mas o pior não é isso. É que uma vez na rede ferrou. O grande problema que estamos vivendo desde a internet é que o que você põe na rede, se está desmentido, o desmentido não vai aparecer daqui a dois anos quando aparecer a origem do



mentido que não tem o desmentido junto. Não basta dizer que os outros contestem e digam que não é assim, porque uma vez que foi dito, volta. Esse é o grande risco que a gente vive.

E a outra coisa é supor que as pessoas, de uma forma geral, estão interessadas em dizer a verdade. Primeiro é considerar que a sociedade não é hierarquizada, não tem grupo de interesse, não tem lobbys, não tem assessorias, não tem, enfim, instituições que estão envolvidas e voltadas para plantar determinadas informações e um determinado enfoque sobre a realidade. Todas as pessoas são pessoas comuns teoricamente, só que não são. Uns tem mais do que os outros, uns tem mais informação do que os outros, uns tem mais capacidade de intervir do que outros, e vão dizer aquilo que estão querendo bancar. Essa mediação política que parece que as pessoas implodiram a partir da internet, achando que a internet é tudo de bom e que agora se abre um grande mundo novo, é o grande problema da confiança na tecnologia como libertária. Isso não é verdade, nunca foi e não vai ser agora.

**Pascual Serrano afirmou no livro *Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação* que “a sobrecarga de informação já demonstrou ser uma das formas mais efetivas de desinformação da cidadania”. A sobrecarga de informações transmitidas muitas vezes de forma descontextualizada pela Mídia Ninja não seria uma forma de desinformação?**

Sim, mas desinformação no sentido de achar que a informação está no tempo real. Eu acho que a informação não está no tempo real absolutamente. O tempo real pode ser muito importante quando cai uma barreira, por exemplo, para informar quem está passando por ali, número de pessoas atingidas, ou em caso de incêndio, isso são coisas pontuais que ocorrem e que é preciso. A própria transmissão do onze de setembro foi significativa e ao mesmo tempo se vê como há contradições na hora de você apresentar as coisas porque não há uma capacidade da objetividade. Acho muito negativa a valorização do tempo real em si. “Eu estou aqui transmitindo e isso é fundamental, isso é o que vai dar informação para as pessoas”. Primeiro, eu estou ocultando para a maioria das pessoas que há uma edição prévia de um determinado ângulo. Não tem um distanciamento, e o distanciamento é fundamental para a compreensão do que está acontecendo. Além disso, as transmissões em tempo real normalmente são incitadoras de expectativas. E, no ponto de vista da Mídia NINJA, a mesma coisa, só que no aspecto da manifestação política.

**Mas ao mesmo tempo não é uma tentativa de evitar que a brutalidade aconteça?**

Mas a grande imprensa também está filmando. Só não está no meio das pessoas porque não estão deixando. E o jornal não vai mandar repórter para levar porrada. Acho muito ruim a ideia de que transmissão em tempo real é sensacional porque ela corta a possibilidade da compreensão do que está acontecendo no momento. Digo transmissão e não filmar. Acho que tem que filmar o tempo todo. A televisão também está filmando o tempo todo. Até tá filmando no calor da hora, depois começou a ter repressão e passou a filmar disfarçado ou com menos ênfase e regularidade. Tanto que a Mídia Ninja denunciou a passeata do dia sete de setembro no Rio. Eles até tentam dizer depois que tentaram alertar, mas alertar o quê? “Olha o cara que está aqui”, todo mundo vai atrás do cara que está aqui. E ele diz: “Eu avisei que não tinha que estar aqui”. Quem é ele para avisar que não tem que estar aqui? Não tem

que estar por quê? Desde quando o repórter ninja não interfere? Ele interfere quando diz: “É o garotão aqui que está aqui querendo fazer sucesso na Globo”. Não deixar a grande imprensa entrar é uma burrice monumental porque a grande imprensa entrando está mostrando o que está acontecendo. Por mais que depois pudesse ser manipulado. Alguma coisa ia sair com maior alcance do que eles têm.

**A falta de edição ou contextualização desqualifica o trabalho da Mídia Ninja como jornalismo?**

Isso depende. Não é porque você está transmitindo em tempo real que você não é jornalista. A questão é a postura que você tem em relação a isso. Sem edição você não tem jornalismo efetivamente. É preciso ter uma capacidade de sintetizar aquilo e de mostrar o que é o mais importante disso que eu testemunhei esse tempo todo. Até porque, quem vai ficar sete horas assistindo a uma transmissão? Isso é uma coisa antiga do cinema verité que já foi, ou já deveria ter ido. Se eles estão transmitindo com a intenção de que as pessoas tenham informação e capacidade de discernir as coisas, acho que não vai ter muito sucesso porque, de uma maneira geral as pessoas não tem disponibilidade de ficar seis, sete horas vendo uma coisa.

A outra coisa é se eles são ou não jornalistas. O que vai definir se eles são ou não, não é se eles estão transmitindo ou não estão transmitindo, é o enfoque que eles estão dando. Qual é o ponto de partida da perspectiva deles ali. Se estão defendendo uma causa anulando a possibilidade do contraditório, não estão sendo jornalistas. O que não quer dizer que o Globo está sendo jornalístico porque ele é uma maravilha, não, ao contrário. O Globo faz isso o tempo todo e a gente critica o tempo todo. Mas o Globo, Folha, Estadão também fazem coisas muitas boas. Não na proporção da expectativa que deveriam fazer, mas fazem.

**A mídia Ninja diz que faz parte do chamado pós-jornalismo, que não vê o jornalismo como empresa e informação como um bem que é fonte lucro. Como você avalia isso?**

Acho que é muito mais, como já falaram, um proto-jornalismo. Agora, se a informação não está dentro de uma lógica capitalista, é outra história. Uma coisa é não ter objetivo de lucro, daí a ser pós-jornalismo. O jornalismo não tem objetivo de lucro por ser jornalismo.

**Acredito que seja mais sobre uma lógica de afirmar que não respondem a uma demanda editorial de uma empresa...**

Editorial eles respondem a partir do momento em que selecionam o que vão cobrir. Agora, não vou dizer pelo tempo real, mas a possibilidade flagrar situações que a mídia tradicional não flagra, não por incompetência, porque é lenta, porque carrega um equipamento pesado, mas por decisão editorial mesmo, é o diferencial Mídia Ninja. Mas não cabe propor filmar sem qualidade um debate ao vivo, por exemplo, porque as pessoas não vão se interessar por aquilo. Você vai lá, filma e edita depois, mas com qualidade. Com capacidade das pessoas ouvirem e verem. É uma lógica de público. Quem faz comunicação tem que pensar que está falando para alguém. E você tem que pensar para quem você está falando. O que é o

mercado? No fundo, é a audiência. Do contrário não faz sentido. Fica como esses jornais de esquerda que falam para si próprios.

**Você acha que não é o caso de aproveitar a internet como um espaço para experimentações e novos formatos?**

Claro, a internet deve ser um espaço para experimentações. Agora a experimentação não nasce do nada. Você tem uma tradição, outras pessoas que fizeram coisas em outras épocas. Estamos vivendo um momento em que há uma rejeição preliminar ao mais velho, como se ele fosse o discurso da autoridade, como se fosse castrar a criatividade do jovem. Deve-se experimentar a partir de experiências. A outra coisa é que, independente da experimentação que se for fazer, se você está propondo alguma atividade com sentido público, é preciso ter consciência de que você não está falando para você. É um campo de experimentação, mas não é um campo autônomo e inaugural.

Alguma cultura é fundamental. Buscar aquilo que a universidade pode apresentar e favorecer como qualificação. A qualificação profissional é fundamental. E outra coisa importante é poder ganhar dinheiro com isso. O que não quer dizer que não posso ser voluntário aqui e ali. Mas, não vejo como possa se sustentar um projeto que se apresenta como voluntariado. Nem como possa ser apresentado para uma juventude interessadíssima em fazer coisas diferentes do que faz a grande imprensa, porque essa juventude vai ter que se sustentar de alguma maneira. É complicado sustentar um projeto dessa forma, ou da forma do Fora do Eixo, que eu acho muito estranha pelo que eu andei lendo.

**A Mídia Ninja defende que estamos vivendo um momento de crise de intermediários na mídia, você concorda com isso?**

Isso é um absurdo. Para mim, isso decorre da falta de informação. O Lukács falava que não há a hipótese do conhecimento da realidade sem uma mediação entre você, não é nem o jornalista, é você e aquilo que você está vendo. Não há nada que não possa ser aprendido sem uma teoria anterior mesmo que você não perceba que essa teoria existe. Você incorpora determinada maneira de ver as coisas. Essa mediação existe inevitavelmente. Agora, como jornalista com certeza. Então, nesse caso, é aquela história de que cada um pode fazer qualquer coisa. O assessor da presidente da república que não se apresenta como o tal começar a publicar coisas...

**Você vê reflexos do trabalho da Mídia Ninja na mídia tradicional? Vimos, por exemplo, jornalistas da Globo News filmando com celulares e fazendo transmissões *streaming*. Poderia ser um reflexo?**

A questão dos equipamentos, se você pensar na guerra do Iraque, em 2003, longe de ter Mídia NINJA, já estavam usando o videofone. Então, isso não é exatamente uma novidade. Pode ser no Brasil. Eu não acho que a mídia Ninja tenha inaugurado coisa nenhuma. Acho que ela floresceu porque rompeu com aquilo que tava sendo a narrativa tradicional da mídia televisiva, principalmente, que estava dentro de um cânone, acomodada o ao que passou a ser o jornalismo de uns vinte anos para cá, que é o poder das assessorias de imprensa. Essa

formatação que as assessorias acabam forçando ao jornalismo. Hoje, as assessorias pautam rigorosamente a grande imprensa. Isso tem vários aspectos negativos e um deles é a submissão dos interesses dos grandes empresários, celebridades e grandes tudo. E a outra coisa é a acomodação a isso. Só sair às ruas quando houver explosões. Todo o resto juntar em assessoria e internet. A internet facilita que o jornalista fique na redação esperando as coisas acontecerem ou fuçando a partir do computador sem ter contato com o mundo. Em certas situações isso é fatal, como no caso das manifestações.

Acho que a Mídia Ninja teve um papel muito importante. Mas não na questão da tecnologia especificamente. Talvez tenha apresentado uma coisa que seguramente não foi ela que inventou, mas demonstrou ali como uma coisa barata e simples é possível de ter visibilidade e apreendida por muita gente. Mas isso deve ser uma coisa assessoria. Os caras da Mídia Ninja dizem que são complementares, mas não são. Ideologicamente são contrários. Alternativos no sentido de eles terem o controle da situação.

**A apropriação da transmissão via *streaming* pela grande mídia não pode ter sido uma tentativa de se aproximar da forma, da estética, da Mídia Ninja?**

Não. O que é a Mídia Ninja comparada com a Globo? Eu acho um delírio dizerem que eles estão inaugurando alguma coisa. Eles bancam um discurso de descrédito da grande mídia. Descrédito deles. Não existe descrédito da grande maioria das pessoas, senão a grande mídia já tinha morrido.

Acho que eles (grande mídia) estão entrando nesse esquema porque é a forma que eles têm para entrar nas manifestações. Não é porque estão fingindo que são manifestantes. A Mídia Ninja, por exemplo, é meio manifestante e meio jornalista ao mesmo tempo. O jornalista não está ali de manifestante, bancando uma palavra de ordem. Ele está filmando, eventualmente fazendo entrevistas, está fundamentalmente documentando a situação sem interferir como a Mídia Ninja interfere no sentido de exaltar.

**O trabalho da Mídia Ninja incide um novo ordenamento do agendamento da mídia?**

A Mídia Ninja tem um papel importante de forçar a necessidade da cobertura ao vivo e sem grandes distanciamentos ou manipulações. De acenar com a necessidade de estar alertado para que o ocupa Cabral, ocupa câmara, greve dos professores sejam cobertos. Então, no agendamento pode ser que a Mídia Ninja influencie de alguma maneira. Não acho que influencie completamente porque esses acontecimentos seriam cobertos de qualquer maneira, mas acho que são cobertos com mais ênfase. Agora, a maneira como se filma e como se atua não é orientado por Mídia Ninja coisa nenhuma.

**A atuação da Mídia Ninja tem influenciado outros veículos de mídia livre? Como pode influenciar?**

Vejo que outros veículos, quando tem a oportunidade, estão fazendo alguma coisa parecida. Só que fico muito preocupada com o surgimento de muitos coletivos, porque daqui a pouco cada um vai ser editor de si mesmo, jornalista de si mesmo. Acho complicado. Não é possível que as pessoas pensem tão diferente que não possam se agrupar e fazer alguma coisa

consistente. Acho que esse formato pode influenciar positivamente em alguns sentidos e muito negativamente por outros. O mais negativamente é ficar bancando essa história de que não tem que ter edição como se não houvesse edição prévia. Isso é rejeitar um elemento fundamental do jornalismo. A melhor influência é de se apresentar como possibilidade de cobrir as coisas que estão acontecendo, de estar nas ruas, provocar o jornalismo novamente, recuperar o jornalismo de rua.

É interessante pensar no cidadão jornalista, não que ele seja jornalista, continuo achando que ele é uma fonte, no fato de estar com seu celular e filmar uma confusão, como aconteceu no atentado em Madrid, em Londres. Todos começaram a filmar porque entenderam que era um fato fora do padrão e muitas dessas imagens foram para o ar na televisão. Em determinada circunstância você vai ter gente filmando alguma coisa que só ela tem aquilo. Agora, o que aquilo significa? Como será feita a apuração? Essa apuração depende de uma pessoa que vá mais fundo e que tenha autoridade para isso. O jornalista é que vai ser recebido por uma autoridade, assessoria, para dizer que está ali em nome da sociedade.

### **O trabalho da Mídia Ninja seria, então, um trabalho de fonte em sua opinião?**

Acho que de certa forma sim, porque é um trabalho muito parcial, no sentido de ter um enfoque muito limitado, recortado da realidade. Ele não pode dar uma narrativa abrangente pela sua limitação física. Ele tem um recorte. Se nossa mídia fosse decente, ele poderia ser incorporado e apresentado como uma contrapartida.

O discurso das múltiplas parcialidades pode ser péssimo porque você vai estar exposto a toda sorte de mentiras e nenhuma verdade. Enquanto você poderia ter diversas verdades, digamos assim. O público fica muito mais perdido do que informado.

**ANEXO B - Entrevista realizada, no dia 8 de novembro de 2013, com Ivana Bentes, professora da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.**

**Por que, em sua opinião, a Mídia Ninja se destacou com tanta expressividade durante as coberturas das manifestações?**

Primeiro porque ela estava dentro dos acontecimentos, no chão, junto com os ativistas, juntos com os manifestantes, o que é uma postura muito deferente de uma mídia corporativa que vinha de helicóptero, de cima com uma visão aérea. E, mais do que isso, ela estava disputando o sentido das manifestações. Então eu acho que a mídia Ninja e alguns outros coletivos foram os primeiros, através da transmissão ao vivo, que conseguiram criar uma narrativa alternativa às narrativas que estavam aparecendo, por exemplo, na Globo News, no Jornal Nacional, que estavam criminalizando muito os manifestantes, tinham uma visão muito distorcidas. Os primeiros informes, ou interpretações das manifestações, como do Arnaldo Jabor, por exemplo, estavam completamente fora de uma análise mais concreta de quem eram aqueles sujeitos. Acho que a Mídia Ninja se destacou por ser não justamente um trabalho de jornalismo, ou seja, não estava somente reportando o que estava vendo. Estava dentro do acontecimento, participando do acontecimento, trazendo essa informação, digamos, à quente, tomando partido, criando um tipo de informação de comoção, ou seja, que você não consegue ficar muito indiferente àquela transmissão onde você está no corpo a corpo com a polícia, está no corpo a corpo da discussão com outros manifestantes e diante de uma pluralidade de vozes bastante grande justamente por estar dentro dos acontecimentos. E, obviamente porque ela continuava na hora em que jornalista ia para casa, era a hora onde tinha a repressão mais violenta. Geralmente a grande mídia cobria a manifestação até um determinado momento. O jornalista não ficava dando um informe contínuo, apenas pequenos flashes. A mídia Ninja começou, inclusive, obrigando essas emissoras de televisão a fazer a transmissão contínua.

**Muitos artigos apontam que o destaque da Mídia Ninja poderia ser reflexo de uma crise do jornalismo tradicional. Você concorda com isso?**

Eu acho que é exatamente esse momento que os limites do jornalismo profissional ficaram muito claros, que é esse limite de um jornalismo engajado, midiativista, que toma partido, que está dentro da rua sofrendo a própria violência e participando como sujeito da manifestação sem o receio de parecer parcial. Eu acho que essa postura que foi explicitamente tomada pela Mídia Ninja aponta essa crise desse jornalismo corporativo, desse modelo vertical do jornalista, da visão do aquário, onde a matéria é tirada da rua e hipereditorializada depois, inclusive distorcida quando se apresenta ou dá a notícia. Então, nesse momento, a interpretação do fato, a análise do fato, a informação do fato, e a participação no fato se confundem no mesmo lugar. Eu acho que isso cria uma experiência de comoção, que me parece a grande distinção em relação ao jornalismo mais tradicional. Uma transmissão que comove, mobiliza, coisa que o jornalismo há algum tempo não faz.

**Então, é esse jornalismo ativo nas ruas que a Mídia Ninja traz de novo, em sua opinião? O que a Mídia Ninja traz de novidade? Que discussões importantes seu trabalho levanta para o jornalismo?**

Acho que a grande novidade é, como eu falei, esse para além do jornalismo, essa disponibilidade de um jornalismo de intervenção, por que eles estão ali para intervir. A presença da mídia Ninja foi muito importante, por exemplo, em relação às arbitrariedades da polícia, em relação não só a documentação dessa repressão brutal da polícia, mas a identificação dos p2<sup>76</sup>. É um tipo de jornalismo que está agindo dentro do fato para mudar o fato na hora. E o que a gente vê, de uma forma mais geral, é o jornalismo que não intervém no fato. Ou no dia seguinte analisa um pouco a frio, já com uma certa distância. Eu acho que, no caso desse midiativismo que explodiu durante as manifestações, a gente encontra esse envolvimento máximo. Ou seja, o próprio jornalista não se distingue do ativista e do manifestante. Eu acho que essa é uma distinção. Você não se coloca num lugar de que “estou aqui a trabalho para uma corporação, faço parte desse trabalho e depois vou pra casa dormir”. São pessoas que estão envolvidas 24h no desejo de mudança e transformação em relação às pautas que estão na rua. Não é simplesmente informar e reportar, mas construir fatos a partir do momento em que você é um dos agentes daquele evento. Não estar ali desinteressadamente, não está ali só para reportar, está ali numa ação de ativismo. A distinção entre jornalismo e midiativismo tem que ser feita porque me parece que é o que efetivamente distingue o nível de envolvimento e de comoção que provoca porque como o ninja, ou ativista, está naquele lugar de vulnerabilidade, sofrendo as consequências da repressão do fato, as pessoas tem uma identificação muito maior. Elas querem ajudar. Foi notório, em varias reportagens, as pessoas dando orientação ao vivo. E isso é uma novidade absoluta. Um tipo espectador que não está ali sentado passivamente consumindo a notícia. Oferecem wifi, comida, apoio, apoio psicológico, orientação, GPS humano. Esse nível de comoção e de mobilização me parece, também, uma diferença em relação a esse público mais passivo de um jornalismo que se mantém distante e frio do que está reportando, com essa ideia de imparcialidade, que é muito abstrata e não se sustenta.

### **O midiativista também pode ser considerado um jornalista?**

Sem dúvida. Eu acho que é outro tipo de jornalismo. Ele faz jornalismo também. Faz até jornalismo. Acho que o objetivo dele ali não é simplesmente fazer jornalismo. É uma informação de intervenção.

### **O fato de ser muito parcial não fere o princípio do jornalismo de mostrar diversos pontos de vista e apresentar uma contextualização para o fato? A ausência de uma contextualização mais ampla ou de edição, não desqualifica esse trabalho como jornalismo?**

Não. A meu ver você pode encontrar essas multivozes durante o ato. No caso das manifestações, você tem uma pessoa que é de um partido político, outra pessoa que é de outro, um Black Bloc, um garoto que é de classe média universitária, um garoto que vem da periferia, só de você ouvir, dar voz, e colocar aquelas pessoas para falar na transmissão, você já apresenta uma multivisão que muitas vezes eu não vejo na Globo News, que já está editorializa e no máximo tem três pessoas dentro do estúdio pensando levemente diferente,

---

<sup>76</sup> Termo utilizado durante as manifestações como referência aos policiais que se infiltravam nas passeatas como manifestantes.

mas tudo dentro do mesmo campo de reprovação do tipo de comportamento. Eu vejo muito mais pluralidade nesse corpo a corpo das ruas, onde a multiplicidade já está, do que no estúdio. A questão da contextualização é interessante porque, efetivamente, o que está acontecendo ali? Que contextualização pode ser dada de fora? Claro que você pode fazer uma contextualização política macro, mas o fato está se dando ali, é analisado enquanto está acontecendo. A interpretação do fato se dá enquanto as coisas estão acontecendo. Você não vai esperar até um segundo momento. Pode até esperar, para fazer um debate, uma análise. Mas aquele momento força o espectador a analisar muito mais do que quando você vem com a interpretação pronta.

**E sobre a questão da apuração e da checagem. Como você vê isso durante as transmissões da Mídia Ninja?**

Eu acho que é um limite e a pessoa mais importante, nesse caso, é a que está vendo a transmissão. Porque eu, que estou em casa, posso pesquisar no Google quem é essa pessoa que esta aparecendo e dar essa informação no chat, ou seja, pode usar o expectador como fonte de informação contextualizadora de interpretação e checagem. Tem uma coisa que acho que poderíamos aprimorar nas transmissões do Brasil: durante as transmissões, ter um grupo de cinco, dez pessoas fixas que vão checando tudo que está acontecendo e dando informações complementares. Vi muitas críticas sendo feitas nessa linha, mas ela pode ter uma contrapartida, um aprimoramento, no momento em que você mobiliza mais a audiência de expectadores qualificados para jogar informação no chat ou para o próprio repórter. Retroalimentar o repórter com a informação mais qualificada.

Muitos dizem que na internet tem muito lixo, muito boato, muita informação inverídica, mas simplesmente a internet é o primeiro lugar onde a checagem dessas informações pode ser feita. Com a mesma rapidez que a informação errada é dada, ela é corrigida. O cara fala o nome de uma rua errada, tem trinta no chat corrigindo. O garoto fala uma bobagem, tem mais dez criticando ou trazendo outra opção de visão. Onde que você vê isso na televisão?

**Pascual Serrano afirmou no livro *Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação* que “a sobrecarga de informação já demonstrou ser uma das formas mais efetivas de desinformação da cidadania”. A sobrecarga de informações transmitidas muitas vezes de forma descontextualizada pela Mídia Ninja não seria uma forma de desinformação?**

Eu discordo. Acho que é um processo que está sendo experimentado, que é distinto do jornalismo tradicional, e que vai construindo as formas de superar suas fraquezas. Você vai qualificando a audiência, você vai podendo fazer a checagem a partir de outros ninjas e coletivos que também estão dando a mesma informação. Acho que nós temos que tomar cuidado porque é um processo experimental aberto que ainda está se formando. Eu vejo sempre as potencialidades ao invés de um retrocesso em relação ao jornalismo tradicional. Na verdade, acho que podemos ter todas as ferramentas que o jornalismo tradicional já conquistou até agora, apuração, análise, checagem, incorporadas nesse super laboratório do ao vivo. Porque o que tem de mais pulsante efetivamente é essa participação da audiência e esse momento em que você está dentro da experiência do acontecimento dessa forma diferenciada



que é a não indiferença. Eles acabam sendo também a notícia. Acontece com eles o mesmo que acontece com o manifestante que está do lado. Então, isso é o maior índice, a meu ver, dessa possibilidade de jornalismo colaborativo, participativo, onde você acaba com a hierarquia entre quem é o jornalista e quem não é o jornalista.

**Você concorda com o Pablo Capilé, uma das vozes da Mídia Ninja, quando ele diz que se vive um momento de crise de intermediários da mídia?**

Acho que temos vários mediadores que estão em crise. Partidos, universidade, sindicatos, porque a sociedade está multiplicando essas mediações. Não é que as mediações vão desaparecer. Até porque o ninja também é um mediador. Ele está ali, com a subjetividade dele, as crenças dele, também é um filtro de realidade. Tem uma expressão que eles usam e que eu gosto muito que é de “direção de realidade”, no sentido de que você também está provocando fatos. Você acaba produzindo acontecimentos, como a prisão dos ninjas, os p2 sendo identificados, enfim, as transmissões acabam produzindo fatos que não aconteceriam se elas não estivessem sendo feitas. Mas, sem dúvida, eu concordo que a crise de mediação é grande. Claro que não se trata de desqualificar o jornalista como mediador, mas multiplicar os mediadores. Entender que nós somos a mídia e que você pode qualificar uma quantidade muito maior de pessoas para ocupar esse lugar de produção da informação, análise da informação. Não acho que o jornalista vai desaparecer e nem o jornalismo, mas a gente está vivendo uma mudança do ciclo de produção da notícia, que não é mais simplesmente vindo da corporação, dentro de uma linha de montagem fabril em que você vai pra dentro de uma redação e passa oito horas. Ali você tem uma estrutura de funcionamento do que foi, e ainda é, um tipo de jornalismo dominante, mas estamos vendo surgir outro processo de produção da notícia. Na rua, a partir de jovens que não são jornalistas, vindos de outros campos do movimento social, e, ao mesmo tempo se apropriaram da tecnologia para a produção de discurso e conhecimento.

**É aí que se encaixa a questão do pós-jornalismo? Aquele que não vê o jornalismo como uma empresa?**

Isso e com um fim em si. Ele é só um meio para você trabalhar uma coisa, uma visão de mundo, uma crença, ele é um meio entre outros. Que pode ser o jornalismo ou até uma performance artística. Você pode ter outras linguagens, para além do jornalismo, para trabalhar com a construção do mundo, a interpretação do mundo. O jornalismo é uma das linguagens e ela está em mutação porque você tem uma quantidade muito grande de não jornalistas produzindo notícias, trazendo subjetividade, linguagem, escracho, performance, várias maneiras de fazer algo que podemos chamar de pós-jornalismo.

**Você acha que as transmissões ninjas influenciaram de alguma forma na maneira dos veículos da mídia tradicional transmitirem as manifestações?**

Sim, claramente. Primeiro acho que eles ficaram meio impactados com a quantidade de acessos das transmissões. Muita gente passou a acompanhar as manifestações pelos coletivos, não só pela Mídia Ninja, porque viram ali uma relação com os fatos, nesse corpo a corpo, distinta e com um tipo de interpretação que não era aquela que vinha de fora super

editorializada. Então, é curioso que vimos que os próprios ninjas viraram notícia e, mais do que isso, viraram fonte de notícia sobre a questão da polícia infiltrada. A mídia tradicional, que sabia obviamente que tinha policial infiltrado, não tinha dado essa notícia. Essa notícia foi dada pela Mídia Ninja. A mídia corporativa foi obrigada a acompanhar, a dar essa notícia porque era um fato jornalístico. A questão do estar na rua também foi decisiva. Tanto é que a Globo News criou o “m2”, o mídia infiltrado. Colocou o repórter, com aquela mochila, no chão para tentar, de certa maneira, imitar e conseguir o tipo de imagem que esses coletivos conseguiam. Então, acho que influenciou, sim, na questão da linguagem e na ideia de que os jornalistas tinham que ficar até a hora da repressão. Porque eles iam embora antes de começar a repressão policial e depois só mostrava o caos de uma maneira muito editorializada. Não mostrava a ação da polícia, mas mostrava os Black Blocs, criminalizando as manifestações. Acho que essa mudança de perspectiva acabou forçando a mídia corporativa a adotar outro tipo de cobertura.

### **O trabalho da Mídia Ninja influenciou também outros veículos de mídia livre?**

Sim. Tanto é que ela foi apropriada por vários outros coletivos. O NINJA Vidigal, o Black NINJA, Peixe NINJA, foi muito bacana que as pessoas se apropriaram da palavra “Ninja” como um substantivo ou uma qualificação para fazer suas transmissões. Acho que estimulou pessoas que simplesmente tinham um celular com 3G a saírem para as ruas e começarem a informar e fazer, da sua própria experiência de ir para a manifestação, uma transmissão jornalística. Estimulou coletivos a pensar estratégias de coberturas colaborativas, onde você sai com dez pessoas para fazer uma transmissão online, subir fotos, posts, chamar advogados, socorrista. Mais uma vez, jornalista não chama advogado, não chama socorrista, jornalista não chama manifestantes para irem a porta da prisão para soltar alguém que foi preso arbitrariamente. Isso é uma característica fundamental de um ativista. Essa é a grande diferença. Estimulou grupos sociais a irem para as ruas.

Outra questão interessante foi a questão do copwatch, que já acontece nos EUA e na Europa, que é você vigiar a polícia com suas câmeras de vídeo e transmissão ao vivo. A partir do momento que o ninja filmou os p2, seguiu a polícia, ficou mostrando porque ele está prendendo, gerou a contra-vigilância. A informação e a filmagem é uma forma de se precaver da arbitrariedade. Filmar se transformou em uma ação de criar provas documentais contra um tipo comportamento de arbitrariedade da polícia. É outra função da imagem, da informação que explode, ultrapassa o jornalismo que só quer informar.

## **ANEXO C – Entrevista realizada no dia 8 de novembro de 2013 com Felipe Peçanha, integrante do Fora do Eixo há três anos e um dos principais representantes da Mídia Ninja no Rio de Janeiro.**

### **Como a Mídia Ninja se autodefine?**

A Mídia Ninja se autodefine como sendo uma rede de comunicação colaborativa descentralizada, espalhada pelo Brasil, independente, aberta para colaborações de diversos níveis de participação, seja de uma pessoa que dedica seu tempo exclusivamente para aquilo, seja com uma colaboração pontual, podendo ser um fotógrafo que contribui com uma cobertura específica fazendo um ensaio de fotos para àquele ato ou um redator que faz uma nota de uma matéria que a gente tá criando, ou um videomaker que viaja para outras cidades para criar uma reportagem. Então, é uma rede que está em processo de construção, que se compreende também como uma plataforma livre e, mais do que um veículo específico, é também um movimento que inspira outras iniciativas que estão pelo Brasil. O Ninja não é, e nunca pretendeu ser, uma iniciativa única desse movimento, e, sim, algo que traz visibilidade para toda essa conjuntura que cresce cada vez mais no Brasil.

### **É uma rede horizontal e sem lideranças?**

Mais do que ser sem liderança a gente compreende que todo mundo que está no Ninja exerce um papel de liderança em uma escala determinada pelo seu próprio envolvimento com o processo. A gente visa uma horizontalidade dentro do processo em que todo mundo tem acesso à participação, acesso a colocar uma linha editorial em pauta para pensar junto e refletir, e, através da inteligência coletiva daqueles que estão mais envolvidos, a gente pensa os caminhos que podem ser possíveis para abordar determinados temas, assuntos e acontecimentos.

### **A Mídia Ninja se coloca como parte do movimento midialivrista?**

Com certeza.

### **Quais são as características desse movimento com as quais vocês se identificam e se encaixam?**

Porque não tem nenhum vínculo corporativo ou vínculo partidário ou qualquer outro tipo de vínculo senão com as iniciativas populares, que é com quem o Ninja dialoga e se envolve para criar sua linha editorial, para pensar quais são os assuntos relevantes de serem abordados e para expressar sua parcialidade. A gente entende que, na comunicação como um todo, a imparcialidade é um mito. Existe esse manto da imparcialidade que veste os veículos tradicionais e que é muito utilizado como desculpa para a forma com que a parcialidade desses veículos tradicionais é colocada em pratica dia após dia nos seus conteúdos e nas posições tomadas sob um discurso de profissionalismo e de distanciamento da notícia. Um discurso que, para a gente, soa muito falso uma vez que ele produz uma notícia e expressa um ponto de vista subjetivo. Em determinado momento, por mais isento que ele seja, ele vai fazer um tipo de recorte, que exprime uma parcialidade.

Nós nos consideramos midialivristas por termos uma abertura total da plataforma e por produzir com aquilo que temos a mão. A gente não tem um rigor técnico de exigência para determinado produto, ou uma regra de que só pode filmar em HD, por exemplo, ou regras para o texto. Então, tem uma liberdade para um campo criativo que eu acho que fortalece muito a própria difusão desse conteúdo subjetivo, amarrado por esse pensamento coletivo, uma vez que tem várias pessoas pensando juntas e que tem várias visões sendo colocadas em debate para que esse ponto de vista subjetivo seja agregado por outros pontos e assim a gente consiga exprimir nossa parcialidade.

**De onde surgiu a Mídia Ninja?** (A ideia Nasceu de uma cobertura ao vivo bem-sucedida da Marcha da Liberdade em 2011 na cidade de São Paulo?)

Foi isso mesmo. Mas não dá pra gente entender esse momento da marcha da liberdade sem entender o passado que culminou a gente chegar a marcha da liberdade com a possibilidade de fazer essa transmissão por aquilo que ia ser a pós-TV. Porque na época ainda não tinha esse nome, essa identidade, ou uma ideologia construída. Isso foi muito em processo. Para entender como a gente chega na Marcha da Liberdade a gente tem que entender o Fora do Eixo (FdE), o surgimento da rede e como que o Ninja surge como um embrião desde os primórdios do Fora do Eixo, lá atrás quando se pensava produção de conteúdo como um dos pilares principais para o surgimento da rede. O FdE surgem em 2005 na soma de iniciativas coletivas espalhadas pelo Brasil iniciada pelo espaço Cubo, em Cuiabá, pelo Goma, em Uberlândia e pelo Catraia, em Rio Branco. Então coletivos do Acre, Minas Gerais e Mato Grosso começam a compartilhar formas de produção, tecnologias, conhecimentos específicos na área da produção cultural independente e cria um cenário onde vários outros coletivos vão se juntando nesse princípio de compartilhamento e estruturação de uma rede descentralizada, espalhada pelo Brasil, onde cada realidade tem a sua singularidade e ela é passada para os outros coletivos para que esses quando entrarem na rede também tenham bancos de conhecimento sistemas já construídos que possam fazer uso e dar um pulo do fim para um começo em diversos aspectos.

O FdE teve como pilar principal a produção de conteúdo. Que era a gente criar as narrativas de todos esses processos. Festivais independentes, das bandas que estavam entrando, das turnês, dos cineastas, dos filmes que estavam circulando, esses vários coletivos que foram agregando a rede e multiplicando essas potências colocarem isso para a sociedade entender o que era esse tal FdE enquanto uma rede que surgia. Isso era papel da Mídia Livre FdE, que surge desde sempre na produção de transmissão dos shows que aconteciam, produção de fotos das bandas que circulavam pelos estados, releases dos eventos que aconteciam, acessória de imprensa dos coletivos, e isso vai criando uma tecnologia e um acúmulo também na área de comunicação que ao longo dos anos foi se estruturando juntamente com a rede. Então, em todos os coletivos há um incentivo de que tenham pessoas dedicadas a pensar sustentabilidade, articulação, formação livre e a comunicação.

A partir desses outros pilares, desses simulacros que a gente cria de Universidade, de Banco, de Partido, de “Emissora” que esses conhecimentos foram sistematizados e colocados em processo de evolução até chegarmos em 2011, quando surge a Marcha da Liberdade, quando a

gente vai cobrir ela com uma transmissão ao vivo e depois de termos tido uma transmissão muito bem sucedida a gente começa a pensar e entender o que a gente tava fazendo e chega na Pós-TV como uma possibilidade de cada um ter o seu próprio canal, a sua própria transmissão, abrir seu notebook em sua cidade e através da internet transmitir qualquer tipo de conteúdo, de ideia e de abordagem sobre qualquer tema. Isso tá dentro do contexto também da criação da Casa FdE São Paulo, que é quando a rede em sua grande maioria formada em pequenas cidades espalhadas pelo interior do Brasil decide se juntar, juntam três coletivos, São Carlos, Uberlândia e Cuiabá, pessoas que tinham mais tempo na rede, vão para São Paulo tentar montar um coletivo em uma cidade com mais de um milhão de habitantes. É lá que surge a Casa, vem a Marcha da Liberdade e na parte da comunicação, essas ferramentas que estavam disponíveis para cobrir shows, bandas, fazer turnê, release, começa a ser provocado a produzir outro tipo de conteúdo que fosse voltado, não só para o FdE, mas também para a sociedade. Elaborar narrativas em cima de pautas relevantes para a cidade como um todo. É aí que a pós-TV tem um papel chave na criação de debates, na articulação com parceiros, na criação de temas que estão ligados a outras áreas para além da cultura, como mobilidade urbana, diversidade de gênero, cultura digital, legalização das drogas, violência, moradia entre outras.

A partir de 2011, principalmente em 2012, os outros coletivos espalhados pelo Brasil, na mesma provocação, começam a abordar esses temas criando matérias espalhadas pelo Brasil encima das realidades de cada uma dessas localidades entendendo uma lógica de Narrativas Independentes Jornalismo e Ação. Uma vez que a gente não está só cobrindo essas matérias, não está só produzindo uma *hard news* encima desses acontecimentos, mas está elaborando uma narrativa que é ativista que tem por vocação daquele que produz o conteúdo o envolvimento com grande parte dessas causas e a defesa da parcialidade.

### **Qual é o papel das vivências na UFdE?**

A Universidade Fora do Eixo é uma sistematização de passagem de conhecimento para outras pessoas que fazem parte da rede e que tem interesse em determinados temas, dentre eles a comunicação. E a vivência é um instrumento para que se faça uma troca de experiências e multiplicação do conhecimento. Mais do que dar uma aula nos moldes tradicionais, a gente cria um campus de vivência em que as pessoas se integram à equipe e passam a vivenciar o dia-a-dia de produção dessas áreas. Desde 2005, há um compartilhamento de tecnologias na área da comunicação. Essas vivências já aconteciam antes da Mídia Ninja e essas ferramentas já estavam sendo laboratorizadas lá atrás. A diferença foi a virada de chave do recorte que foi dado: uma vez era o fora do eixo e, em um segundo momento, temas relevantes da sociedade.

**Entre os dias 29 de abril e 29 de julho, a Universidade Fora do Eixo realizou um programa de vivências em onze de seus campi. Ele pretendia compartilhar conhecimentos de transmissão em tempo real? Funcionou como uma preparação para os futuros Ninjas?**

Não lembro exatamente dessa vivência. Mas nesse recorte de tempo era um momento em que a gente estava vivenciando isso de maneira muito intensa, a começar pela mudança de olhar. E as pessoas que estavam no cerne desse movimento também iam recebendo esses inputs. Um

processo super orgânico e foi primordial para que chegássemos hoje na conjuntura do Ninja. O FdE sempre contou com a participação de diversos parceiros para ajudar a entender, trazer novas ideias, e novos horizontes. A própria Ivana Bentes é um desses parceiros, o Claudio Prado, do Alex Antunes, o Bruno Torturra, pessoas que trouxeram suas bagagens e seus repertórios para dentro desse movimento, ajudando a escolher caminhos para frente.

### **Como foi o momento de chegada das manifestações?**

A gente analisa que através da visibilidade que a gente teve, em determinado momento em que a gente conseguiu estar na hora certa no lugar certo, nós conseguimos falar para além da bolha. Para além dos organizados, que eram pessoas normalmente envolvidas nas causas que estavam sendo colocadas em debate. Pessoas que já pesquisavam moradia, despejo, por exemplo, chegavam no programa da Nova Luz. Pessoas que já pesquisavam sobre violência do tráfico, legalização das drogas, sobre a questão da criminalização da pobreza, chegavam ao Segunda Dose. Esses eram programas transmitidos na Pós-Tv e que tinham audiência de 30, 40, 50 pessoas e que, num ápice de público, chegavam à 100. Num segundo momento, esse das manifestações, a gente ligava uma transmissão com mil, duas mil, três mil pessoas. No ápice, chegando a transmissões com 20, 30 mil pessoas assistindo ao mesmo tempo e com cerca de 200 mil que passaram pela transmissão.

A gente entende que só conseguiu chegar nessa relevância pelo acumulo de trabalho processual de anos atrás. Há uma série de reportagens que fomos cobrir antes, visitamos os Guarani-kaiowá quando eles fizeram a carta de “suicídio”, que na verdade era uma carta de resistência. Formos para Marabá cobrir o julgamento de um casal de ativistas. Viajamos para outros estados, criamos outras pautas e fizemos reportagens que solidificaram nossa forma de produzir para, então, chegarmos às manifestações com um corpo efetivo de ação direta. A gente teve bastante visibilidade, tanto pelas transmissões ao vivo, como pela cobertura descentralizada que estava sendo feita. Como um veículo que conseguia dar notícia tanto de Tocantins como de Santa Catarina, Belém, enfim.

### **Quantas pessoas estavam envolvidas com a Mídia Ninja no seu princípio?**

Dá para fazer um comparativo de página, de número de curtidas da página do facebook, que infelizmente é o nosso principal veículo. A gente tem uma estruturação de um site sendo criado, uma sistematização de todo o conteúdo produzido, mas a página no facebook é o principal veículo junto com o twitter e outras redes sociais. Quando a gente começou a cobrir as manifestações, no comecinho de junho, tinham 8 mil curtidas. Depois das primeiras transmissões, foi para 20, 30 mil. Hoje em dia, estamos com 230 mil. Nesses duzentos e poucos chegamos ao final de agosto e depois teve um crescimento mais ponderado.

### **E quantas pessoas faziam as coberturas?**

Cerca de 30, 40 pessoas que espalhadas pelo Brasil e que formam o núcleo duro da Mídia Ninja. Elas fazem parte das casas do coletivo FdE, que tem já esse trabalho processual do mídiativismo.

### **Dentre eles, quantos são formados em jornalismo?**

Pouquíssimos. Eu chutaria 3.

### **Quem tem o controle das páginas da Mídia Ninja nas redes sociais?**

São as pessoas que fazem parte do núcleo duro do Ninja. São as pessoas que estão há mais tempo, os gestores que, na sua grande maioria, fazem parte de casas coletivas.

### **Qualquer um pode ter seu material publicado na página da Mídia Ninja?**

Pode se estiver dentro do que a gente está pensando como a linha editorial. Pode se for aquilo que está sendo colocado como estratégico para aquele momento. Mas eu acho que, mais do que a gente pensar dessa forma, do Ninja enquanto veículo, é um pouco da provocação que eu falei antes. O Ninja quando estimula que as pessoas sejam ninjas, que façam seus próprios canais ou que criem seus próprios coletivos, ele atua muito mais como uma plataforma inspiradora que dá visibilidade para essas iniciativas do que propriamente como um veículo. Se a gente for pensar em termos de sustentabilidade, é impossível que a gente vá ter um canal onde todo e qualquer colaborador pudesse publicar um conteúdo, jogar para as pessoas qualquer tipo de coisa que estivesse ali colocado. Acho que ele tem uma insuficiência como uma linha produtiva e, a partir daí, ele funciona muito mais como uma plataforma que inspira outras iniciativas e dá visibilidade a elas. A gente, com a visibilidade que tem no Ninja, consegue posicionar esses coletivos compartilhando, pegando conteúdo, fazendo um processo de difusão em rede que potencializa outras iniciativas. Não dá para o Ninja ter a ambição de abarcar todo mundo.

### **Como vocês dão essa visibilidade de maneira mais prática?**

Tem no campo direto, de você compartilhar conteúdos que são produzidos por outros coletivos, e no campo da articulação, de se envolver e pensar junto. Hoje, aqui no Rio de Janeiro, por exemplo, já há um movimento iniciado que é o Midiativismo Rio, do qual o Ninja é um dos coletivos e pensa, junto com outros vários coletivos, sobre pautas, reportagens, matérias, intervenções, ações que podem ser feitas em conjunto. Assim, é possível somar aquele coletivo que trabalha melhor com transmissão ao vivo, aquele que trabalha melhor com produção de vídeo, aquele outro que trabalha melhor com produção de texto e aquele outro que trabalha melhor com foto e cria um cenário em que os coletivos, em conjunto, conseguem ter uma atuação mais relevante. Porque tem um princípio do midialivrisimo, que se diferencia das práticas tradicionais de jornalismo, que é partir de uma lógica de colaboração e não de competição. Isso cria um campo muito mais favorável para que a coisa se estruture.

### **Como a Mídia Ninja se sustenta hoje?**

O Ninja tem como base de amparo sustentável o Fora do Eixo. Uma rede que tem outras várias iniciativas de captação, de produção, de recursos e de autonomia, como produção de shows, agenciamento de bandas, captação de edital, leis de incentivo, que é uma parcela até pequena dentro do todo. Existe uma frente para lidar com isso, que é o Banco FdE, que distribui esses recursos, capta de um projeto e investe no outro, e isso tudo se mantém. Mas essa é uma questão que precisamos urgentemente pensar. A gente vem criando formas,

através de financiamento colaborativo. Ainda existe uma deficiência muito grande no campo das políticas públicas para a gente ter de fato uma sustentabilidade que possa ser propiciada pelo estado, ou leis que regulem a atuação dessas pessoas que estão nas ruas e que têm legitimidade para exercer seu papel de jornalistas, tendo ou não tendo diploma, tendo ou não tendo passado pelos meios tradicionais. Acho que está mais do que na hora de democratizar os meios de comunicação aqui no Brasil e ter investimento para todos esses coletivos.

### **Explica um pouco mais sobre como é estabelecida a linha editorial da Mídia Ninja?**

A gente pensa por cidades, cada cidade tem suas pautas suas coberturas e aquilo que é colocado como mais estratégico. A gente tem um fluxo de comunicação em tempo real de todas essas pessoas que estão inseridas, seja por celular, grupos de e-mail, grupo do *facebook*, em todas as plataformas estamos nos falando e quando pinta algo legal a gente fala: “galera, tem uma pauta legal aqui sobre a mineração em Belém do Pará, estamos com um colaborador lá cobrindo, vamos planejar. Pode sair hoje? Pode sair amanhã?”. É na base do consenso, cada um vai trazendo as pautas e a gente vai filtrando e entendo qual é a melhor hora, a melhor forma de posicionar.

### **Vocês tem um critério de noticiabilidade?**

É bem diferente nesse ponto. A gente entende que o jornalismo tradicional trabalha com a lógica da informação muito mais num princípio de *commoditie* do que de utilidade pública, que é o que a gente faz. Então a gente, enquanto utilidade pública, disponibiliza nossa força de trabalho para dar visibilidade estratégica para que haja uma sensibilidade da opinião pública em virtude de causas que a gente acha que são relevantes. Essas causas vêm muito da nossa aproximação com os movimentos populares, com o MST, o Brigadas (Populares), o Levante da Juventude, enfim, com outras articulações que estão envolvidas e que trazem essas pautas. O Ninja funciona muito mais nesse princípio da utilidade pública, com olhar estratégico para aquilo que precisa ter visibilidade, do que o contrário: o que eu preciso transmitir para ter mais visibilidade e ganhar lucro com essa informação.

### **A Mídia Ninja tem um público alvo? Ela se preocupa com a audiência?**

Tem. Acho que todo tipo de movimento voltado para a comunicação tem que se preocupar para quem está falando, como está falando e como pode falar para mais gente. Esse é um objetivo comum de todas essas iniciativas. O que a gente reflete é que, depois de tudo que aconteceu, a gente fala para os desorganizados. Para pessoas que não necessariamente souberam do Ninja porque estavam envolvidos em alguma dessas causas, dessas manifestações. Hoje, a gente sabe, pela espetacularização da violência, o apelo que teve essas transmissões onde as bombas explodiam em tempo real, em primeiríssima mão. Muitas dessas pessoas que chegaram até os ninjas, chegaram por essas explosões. Mas tiveram pessoas que chegaram porque queriam mais informações, entendendo que os meios mais tradicionais não davam conta de traduzir os acontecimentos e as narrativas que estavam em jogo de uma forma honesta, sincera e próxima do que tinha acontecido. Então, nessa crise do intermediário que a gente vive hoje em dia, com o declínio da credibilidade dos meios tradicionais, há, também, uma busca mais acentuada por outras fontes de informação, na qual a internet se torna



principal. E é aí que agente se insere. O campo fica mais nebuloso. A gente, agora, fala para muitos que não necessariamente estão refletindo sobre essas questões e que muitas vezes tem até opiniões conservadoras dentro do que a gente entende como princípios democráticos que trazem a relevância de todas essas pautas. É mais delicado falar para mais gente.

### **O que, para você, a mídia Ninja trouxe de novo para o debate sobre o jornalismo?**

Acho que a maior provocação de tudo isso que está colocado, da multiplicidade de parcialidades, do mosaico que pode ser feito, do somos todos ninjas, da facilidade de se conseguir transmitir qualquer tipo de conteúdo, é que a gente provocou um sentido diferente na lógica do que é ser jornalista. Acho que conseguimos colocar, junto com outros coletivos midialivristas, que qualquer um pode ser jornalista. Qualquer pessoa que quiser se engajar hoje, tendo internet, um celular, ou uma câmera fotográfica. Você não precisa obedecer a normas da academia, normas do mercado, obedecer a padrões que estão estabelecidos. Hoje há uma liberdade, uma proximidade entre as pessoas que emitem e recebem conteúdo. Você não precisa necessariamente estudar quatro anos de jornalismo para ter capacidade de ser um difusor de conteúdo, ser alguém que exprime uma opinião relevante para a sociedade. As pessoas, nas comunidades, podem criar blogs, e já fazem isso há anos, que denunciem abusos das autoridades, que denunciem a precariedade das estruturas, que levam a tona pontos positivos da comunidade. Essa provocação, de que todos podem ser jornalistas, acho que é o que de mais emblemático fica para a estrutura como um todo.

**Pascual Serrano afirmou no livro *Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação* que “a sobrecarga de informação já demonstrou ser uma das formas mais efetivas de desinformação da cidadania”. A sobrecarga de informações transmitidas muitas vezes de forma descontextualizada pela Mídia Ninja não seria uma forma de desinformação?**

Acho que pelo contrário. Se a gente for entender, hoje, a sociedade em rede dentro de um hiperfluxo de informação que está colocado, onde não só os veículos independentes, como uma rede de pessoas começa a produzir muito mais conteúdo, cabe às pessoas, tidas como público das informações, se qualificar cada vez mais como filtro. Acho que cabe a nós, enquanto veículo midiativista, criar um campo de produção onde estejam disponíveis os mais diversos interesses.

### **O papel de editor seria transferido para o público?**

Sim, fica cada vez mais com as pessoas pela forma como a sociedade se organiza em rede. Claro que isso não é uma maioria, está dentro de uma estrutura digital baseada na internet, onde as redes sociais criam esse campo, e que é o nosso papel fazer a síntese disso. Uma coisa não exime a outra. Não é porque transmitimos sete horas que a gente nega a síntese. Ela é fundamental para que se facilite esse processo e se consiga adensar as informações para passar aquilo que você quer de fato informar. Mas, dentro daquilo que temos como lógica de produção, é um desafio pegar depois de uma semana cerca de 100 horas de transmissão, sistematizar como um produto final e oferecer isso para o público. É um caminho que é natural e que a gente entende como orgânico, estratégico e importante. Mas eu discordo

plenamente que o excesso de informação desinforma. Acho que estar perdido no hiperfluxo de informação é algo que possa te colocar como desinformado. E aí o próprio dia-a-dia, o empenho que você tem, o esforço em andar nesse caminho de hiperfluxo, te faz filtrar e escolher canais dos quais você sente uma relevância maior, sente que tem legitimidade para produzir aquele conteúdo. O público vai criando campos de filtro e caminhos próprios. Porque, se a gente for ao entendimento de que muita informação gera desinformação, pra mim, chancela ainda mais o monopólio da informação em que alguns podem produzir informação, canalizadas, empacotadas, dentro de padrões que não necessariamente atendem ao interesse da sociedade.

**Além de delegar o papel da edição, me parece que a Mídia Ninja delega ao público, muitas vezes, a apuração e a checagem das informações.**

Sim, porque cada vez mais a gente está numa lógica de cidadão multimídia. Essa pessoa antes de ser um jornalista “profissional” é um cidadão que expressa seu ponto de vista. A gente, enquanto movimento, pensando Ninja no Brasil, no Rio, sempre faz reuniões para qualificar esse tipo de princípio, que entendemos como legítimo pra ter uma proximidade maior com os fatos. Tem muito boato que surge, a gente sofre com isso, recebe informações das mais variadas, e grande parte delas é mentira, um boato que se multiplica, então acho que tem que ter sim um caráter tanto de síntese de conteúdo como de apuração, aprofundamento, engajamento, de fonte, e isso é um processo em fluxo. Acho que não dá pra gente criar um campo em que só quando alguém passar de nível pode fazer transmissão com a gente. Pelo contrário, o fluxo começa desde já e é construído em processo.

**Como tem sido a relação da Mídia Ninja com a mídia tradicional?**

Nossa relação é mais de proteção do que de ataque. Mas, mais do que isso, o Ninja não tem controle sobre as manifestações. A Mídia Ninja não é quem decide quem entra para falar ou não. Há um consenso que vem de uma insatisfação popular de anos, de décadas, onde a mídia tradicional distorce, oprime e criminaliza essas manifestações. Nossa relação com os profissionais da mídia tradicional é de respeito, achamos que eles têm que exercer seu papel. A gente prefere que eles vão a campo, façam as matérias e venham a manipular mais a frente e que a gente seja um contraponto de informação, do que eles utilizem o discurso de que esses movimentos são fascistas porque impedem a liberdade de imprensa. Uma vez que eu acho legítimo também que se impeça uma produção de conteúdo que é fascista porque obedece a interesses privados, corporativos e que na cara de pau manipula informações que esses repórteres muitas vezes passam com qualidade.

**Existe a ideia de reunir todo o conteúdo em um portal? A Mídia Ninja pretende manter o formato das transmissões em tempo real?**

Nós temos um site no qual queremos dar visibilidade não só para as produções dos ninjas como para outras iniciativas. A grande maioria dessas iniciativas também não tem um portal próprio, então é uma forma de atuar como um *hub* de informação desses coletivos. E, no caráter de transmissão, fotos e tal, temos pensado em dar continuidade às reportagens que estiveram presentes como linha de produção do Ninja antes das manifestações.